

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGEDU
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**

CRISTIANE DE SOUZA AMARAL HAX

**EDUCAR PARA A PAZ: REFLEXÕES PEDAGÓGICAS EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DO RS**

**JAGUARÃO
2021**

CRISTIANE DE SOUZA AMARAL HAX

**EDUCAR PARA A PAZ: REFLEXÕES PEDAGÓGICAS EM UMA
ESCOLA PÚBLICA DO RS**

Relatório Crítico-Reflexivo
apresentado ao Curso de Mestrado
do Programa de Pós-Graduação da
Universidade Federal do Pampa,
como requisito parcial e obrigatório
para obtenção do Título de Mestre
em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson
Marçal da Rocha

Linha de Pesquisa 2: Política e
Gestão da Educação

**Jaguarão
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

H411e HAX, CRISTIANE DE SOUZA AMARAL
Educar para a paz: Reflexões pedagógicas em uma escola
pública do RS / CRISTIANE DE SOUZA AMARAL HAX.
142 p.

Dissertação(Mestrado)-- Universidade Federal do Pampa,
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, 2021.
"Orientação: Jefferson Marçal da Rocha".

1. Cultura de paz. 2. Educação. 3. Formação. 4. Conflitos.
I. Título.

CRISTIANE DE SOUZA AMARAL HAX

EDUCAR PARA A PAZ: REFLEXÕES PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO RS

Relatório Crítico-Reflexivo
apresentado ao Curso de Mestrado do
Programa de Pós-Graduação da
Universidade Federal do Pampa, como
requisito parcial e obrigatório para
obtenção do Título de Mestre em
Educação.

Área de concentração: Educação

Dissertação defendida e aprovada em: 13 de setembro de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jefferson Marçal da Rocha

Orientador

PPGEdu/Unipampa

Prof. Dr. Lucio Jorge Hammes

PPGEdu/Unipampa

Prof. Dra. Juliana Brandão Machado
PPGEdu/Unipampa

Prof. Dr. Nei Alberto Salles Filho
PPGCSA/UEPG



Assinado eletronicamente por **JEFFERSON MARCAL DA ROCHA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/12/2021, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **JULIANA BRANDAO MACHADO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/12/2021, às 14:13, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIO JORGE HAMMES, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 01/12/2021, às 14:18, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **Nei Alberto Salles Filho, Usuário Externo**, em 01/12/2021, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orcao_acesso_externo=0)

[acao=documento_conferir&id_orcao_acesso_externo=0](https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orcao_acesso_externo=0), informando o código verificador 0681765 e o código CRC 5766FB67.

Dedico este trabalho aos meus pais, Therezinha e Nede, meu filho Henrique e ao meu esposo Daniel pela parceria e apoio de sempre. Obrigado aos demais familiares e amigos que estiveram comigo, me apoiando no decorrer desta conquista e sonho realizado.

AGRADECIMENTOS

Início os meus agradecimentos primeiramente a Deus que esteve sempre comigo e me deu o privilégio de poder ter realizado este sonho, compartilhando de experiências enriquecedoras para a minha vida. Por me dar força em todos os momentos, de cansaço e euforia, pois foi um percurso cheio de contratempos e dificuldades, mas também de muitas alegrias.

Aos meus pais que sempre me apoiaram em relação aos estudos e me incentivaram a continuar lutando pelos meus sonhos. Ao meu filho pelos dias e noites, os quais não estive com ele, pois estava lendo, pesquisando, escrevendo para concluir este trabalho. Ao meu esposo pelo incentivo e apoio, considerando as diversas vezes que me auxiliou nas tarefas de casa para que eu pudesse ter tempo de dar continuidade a realização de mais este sonho.

À amiga Vanessa Barbosa, parceira de sempre, a qual muito me escutou durante o período de mestrado e me deu forças para finalizar a escrita. As demais colegas e amigos (as) que me deram força para continuar estudando e por compartilharem momentos de conquista envolvendo o mestrado.

Aos colegas da turma e também as amigadas que fiz durante o mestrado, as quais levarei para além da Universidade, ou seja, para a vida, pessoas especiais que contribuíram comigo durante toda essa trajetória.

Assim, diante de todas as dificuldades, cansaço, desânimo em alguns momentos, pude ter o apoio do professor orientador Jefferson Marçal da Rocha ao qual agradeço intensamente o empenho dedicado durante o desenvolvimento do mestrado.

À todos os professores do mestrado que contribuíram durante este processo e tive o prazer de conhecer, assim como compartilhar conhecimento.

Aos participantes da pesquisa pelo apoio, os quais se mantiveram presente durante a pesquisa.

RESUMO

Este Relatório Crítico-Reflexivo apresenta uma pesquisa-ação intervencionista. O estudo versa sobre a Cultura de Paz e o Educar para a Paz. O trabalho possibilitou o desenvolvimento de encontros reflexivos para auxiliar em uma transformação educativa no âmbito da comunidade escolar da EMEF Prof.^a Marina Vargas. A pesquisa foi desenvolvida com um grupo de professores, pais e equipe diretiva da escola. Os instrumentos de coleta de dados foram pesquisa documental e entrevista. Para a avaliação da intervenção foram utilizados o diário de bordo, videograções, observação e para análise dos dados foi utilizada a análise textual qualitativa. Os resultados apontaram duas categorias de análise: “A importância e necessidade de formação continuada tendo como foco a construção da cultura de paz visando o educar para a paz” e “Reflexões sobre os diferentes tipos de violência e conflitos”. Por fim, concluímos que a educação para a paz desenvolvida pedagogicamente, contribui de maneira eficaz para construirmos uma cultura de paz no âmbito escolar.

Palavras-chave: Cultura de paz. Educação. Formação. Conflitos.

ABSTRACT

This Critical-Reflective Report presents interventionist action research. The study deals with the Culture of Peace and Educating for Peace. The work enabled the development of reflective meetings to assist in an educational transformation within the EMEF school community Prof. Marina Vargas. The research was carried out with a group of teachers, parents and school management. The data collection instruments were document analysis and interviews. For the intervention evaluation, the logbook, video-recordings, observation were used, and for data analysis, qualitative textual analysis was used. The results indicated two categories of analysis: "The importance and need for continuing education focusing on building a culture of peace, aiming to educate for peace" and "Reflections on the different types of violence and conflicts". Finally, we conclude that pedagogically developed peace education effectively contributes to building a culture of peace in the school environment.

Keywords: Culture of peace. Education. Formation. Conflicts.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DF – Distrito Federal

EP – Educação para a Paz

EMEF – Escola Municipal de Ensino Fundamental

EMEFMV – Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a Marina Vargas

FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação

GEM – Gestão para a Educação Municipal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

MEC – Ministério da Educação

NEP – Núcleo de Estudos e Formação de Professores em Educação para a Paz e Convivência

OIE – Oficina Internacional de Educação

PAED – Polo de Apoio ao Ensino a Distância

PPP – Projeto Político Pedagógico

PPGEdu – Programa de Pós-Graduação em Educação

PEA – Programa Escolas Associadas

PIB – Produto Interno Bruto

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

RCSLS – Referencial Curricular de São Lourenço do Sul

RE – Regimento Escolar

RS – Rio Grande do Sul

SN – Sociedade das Nações

SMECD – Secretaria Municipal de Educação Cultura e Desporto

UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa

UFMS – Universidade Federal de Santa Maria

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Participantes da pesquisa	29
Figura 2: Mapa do Município de São Lourenço do Sul.....	30
Figura 3: EMEF Prof. ^a Marina Vargas	33
Figura 4: Ocorrências de 2015	46
Figura 5: Ocorrências de 2016	47
Figura 6: Ocorrências de 2017	47
Figura 7: Ocorrências de 2018	48
Figura 8: Ocorrências de 2019	48
Figura 9: Ocorrências de 2020	49
Figura 10: Ocorrência no Caderno Individual Anos Iniciais 2018.....	52
Figura 11: Ocorrência no Caderno Individual Anos Finais 2018	53
Figura 12: Ocorrência no Caderno Individual Anos Iniciais 2019.....	53
Figura 13: Ocorrência no Caderno Individual Anos Finais 2019	54
Figura 14: Ocorrência no Caderno Individual Anos Iniciais 2020.....	54
Figura 15: Ocorrência no Caderno Individual Anos Finais 2020	55

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Fala Participante 2.....	112
Quadro 2: Fala Participante 5.....	112
Quadro 3: Fala Participante 3.....	113
Quadro 4: Fala Participante 5.....	114
Quadro 5: Fala Participante 2.....	115
Quadro 6: Fala Participante 6.....	116
Quadro 7: Fala Participante 9.....	116
Quadro 8: Fala Participante 6.....	117
Quadro 9: Falas Participante 6.....	118
Quadro 10: Fala Participante 5.....	119
Quadro 11: Fala Participante 5.....	120
Quadro 12: Fala Participante 5.....	120
Quadro 13: Fala Participante 5.....	121

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
1.2 TRAJETÓRIA ACADÊMICA/ PROFISSIONAL	18
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	22
2.1 INSTRUMENTOS	25
2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS.....	28
3. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO	30
4. DIAGNÓSTICO	35
4.1 ANÁLISE DO PPP e REGIMENTO ESCOLAR.....	35
4.1.2 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS	46
5. REFERENCIAL TEÓRICO.....	57
5.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA CULTURA DE PAZ.....	57
5.2 A CULTURA DA PAZ NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA	66
6. DESCRIÇÃO E TRANSCRIÇÃO DOS ENCONTROS.....	72
6.1 DESCRIÇÕES DOS ENCONTROS.....	74
7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	111
7.1 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA TENDO COMO FOCO A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ VISANDO O EDUCAR PARA A PAZ	111
7.2 REFLEXÕES SOBRE OS DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIA E CONFLITOS	117
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
REFERÊNCIAS.....	124

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa e intervenção participativa¹ visa refletir acerca das práticas educativas e concepções em relação à cultura de paz junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a Marina Vargas no município de São Lourenço do Sul/RS (EMEFMV). Mais especificamente, procura estimular processos que envolvem uma educação mais humanizadora com menos violência, promovendo a solidariedade e a paz.

A paz é um tema que deve estar presente em todo espaço formal de educação, nas instituições de ensino de todos os níveis, onde existe um professor deve haver um compromisso com a paz, não poderá haver aprendizagem sem o compromisso com a formação cidadã para um mundo de paz. Conforme Ghedin; Reis; Silva (2014, p. 3), “O espaço formal de educação é a escola, que tem uma organização sistemática e desenvolve suas atividades por meio de uma ordem sequencial e disciplinar”.

Considera-se importante também desenvolver ações que envolvam a cultura de paz nos espaços não formais de educação, a igreja, a casa, a rua, entre outros que podem ser denominados como espaços não formais de convivência social. A participação dos indivíduos em processos educativos pode ser motivada por circunstâncias históricas de vivências pessoais, tendo como agentes educadores a família, os vizinhos, os amigos, colegas, etc. A “[...] educação nesse ambiente não se organiza em níveis de escolaridade, idade ou conteúdos” (GHEDIN; REIS; SILVA, 2014, p. 4).

Desenvolver o educar para a paz requer envolver diretamente os indivíduos a partir de alguns princípios, como o respeito, a democracia, a justiça, a tolerância, os direitos humanos, a solidariedade, a cooperação e a humildade. A cultura da paz prevê uma concepção positiva ao desenvolver ações para a não-violência, para resolver os conflitos existentes entre seres humanos. Neste sentido, o diálogo se torna fundamental em toda a relação social.

Jares (2007) compreende que a educação para a paz é concebida:

¹Intervenção no sentido colocado aqui não significa um processo autoritário que a palavra pode remeter, mas sim uma proposta de um construir democrático com a comunidade escolar da EMEF Marina Vargas.

[...] como um processo educativo, contínuo e permanente, fundamentado nos dois conceitos fundadores (concepção de paz positiva e perspectiva criativa do conflito), que, pela aplicação de métodos problematizantes, pretende desenvolver um novo tipo de cultura, a cultura de paz, que ajude as pessoas a entender criticamente a realidade, desigual, violenta, complexa e conflituosa, para poder ter uma atitude e uma ação diante dela (Jares, 1991, 1992 apud Jares, 2007, p. 44-45).

Entende-se que o ambiente no qual os indivíduos estão inseridos influencia diretamente no processo educativo. Educar para a paz precisa envolver determinados valores, como o de justiça, de cooperação, de solidariedade, de compromisso, de autonomia pessoal e coletiva, e de respeito, conforme aborda Jares (2007, p. 45), e também questionar os valores contrários à cultura de paz, como a discriminação, o etnocentrismo, a intolerância, a indiferença, entre outros.

Percebe-se que, para que o diálogo seja predominante e contrário aos atos que direcionem à violência, será preciso um esforço de todos os envolvidos. A promoção da paz nas escolas e em todos os ambientes de convivência social é acompanhada de uma transformação de pensamento e de postura.

Dito isto, vale a pena destacar o momento atípico e inimaginado que estamos vivenciando desde o final de 2019, em decorrência da Covid-19. Uma doença infecciosa causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) presente no mundo inteiro, uma pandemia. Conforme o Painel coronavírus, atualizado em agosto de 2021, somente no Brasil já foram contabilizadas mais de 500 mil mortes e aproximadamente 4 milhões no mundo inteiro.

Sabemos que a crise sanitária provocada pela pandemia influenciou na vida da população, envolvendo diretamente a educação das crianças, jovens e adultos, desde a educação infantil até as universidades, suspendendo as aulas presenciais em meados de março de 2020. A partir deste momento, municípios e estados precisaram organizar um novo plano de ação emergencial para que a educação não parasse. Optou-se pelo ensino remoto, mas deve-se destacar que não se considerou as condições dos professores e, especialmente, dos alunos para que esta nova proposta de ensino se efetivasse, o que causou um distanciamento ainda maior entre educandos das escolas privadas e a maioria dos que frequentam as escolas públicas. Desta forma ficou visível a

desigualdade social, a qual já existente em nosso país, e este é, entre outros fatores, um dos que devem ser considerados na busca pela paz.

Os valores humanos podem ser desenvolvidos no ambiente familiar, no espaço educativo, dentro de cada bairro, enfim, em qualquer lugar, sendo este formal ou informal. Atitudes de solidariedade, respeito, bondade, amizade, entre outros valores são desejos de todos os indivíduos. No entanto, percebe-se que apenas desejar não irá resolver. É necessário buscar estratégias viáveis que possam vir a colaborar na construção de uma cultura de paz. Não podemos desconsiderar que a pandemia explicitou um ambiente no Brasil de extrema desigualdade, o que poderá dificultar ainda mais uma paz efetiva.

A pandemia trouxe questões necessárias que envolvem uma educação para a paz, proporcionando momentos de reflexão sobre como estamos vivendo em sociedade abordando aspectos sociais, econômicos, afetivos, dentre outros que afetam diretamente o nosso cotidiano. Analisar o ambiente no qual estamos inseridos e o que realmente está acontecendo ao nosso redor, neste momento pandêmico, é crucial para que possamos auxiliar os mais pobres, visando uma sociedade mais justa e igualitária.

Dito isto, considera-se necessário repensar a cultura de paz a partir de relações entre paz e democracia. A paz é algo social e, segundo Salles Filho (2016), está relacionada a coisas boas, positivas, pertencente a ideia do bem, como oposição do mal. Nos situarmos diante da grandeza da paz é difícil frente às diversas atitudes que nos rodeiam, como desigualdade social, corrupção, injustiça social, indiferença, diversidade cultural, pobreza, entre outros. A democracia envolve diretamente os direitos humanos, sociais, econômicos, enfim, dando voz aos indivíduos proporcionando um desenvolvimento de forma harmônica com o outro. Um ambiente democrático favorece a construção da cultura de paz, onde todos possam ter direito de opinião, bem como reforçar os direitos que todo cidadão deve ter, diminuindo a desigualdade existente na sociedade.

Optou-se por desenvolver nesta pesquisa a metodologia da pesquisa-ação de intervenção pedagógica, considerando o contexto escolar da EMEF Prof.^a Marina Vargas, escola onde atuo, e por ser a base do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), tendo como objeto de estudo as práticas educativas envolvendo a cultura de paz através do educar para a paz.

Salientando que a época da pandemia provocou mudanças na estrutura da aplicação do projeto, bem como novas reflexões sobre a temática estudada.

Esta pesquisa-ação intervencionista foi desenvolvida a partir de uma roda de conversa virtual. A escolha da roda de conversa se deu devido ao quadro numeroso de profissionais e alunos da escola, composto por quarenta professores e quinhentos e sessenta e nove alunos. Optou-se por construir para dialogar e refletir sobre o educar para a paz, visando à construção de uma cultura de paz. Todos os encontros foram realizados virtualmente, através do Meet, por motivo da pandemia e das escolas estarem realizando a maioria das atividades remotas, com algumas atividades presenciais esporádicas (como entrega de materiais para alunos, etc.).

Este Relatório Crítico-Reflexivo traz contribuições para a construção da cultura de paz através do educar para a paz, possibilitando o desenvolvimento de ações que possam viabilizar uma transformação educativa no sentido de proporcionar momentos onde os agentes envolvidos possam dialogar sobre a amplitude desta temática no âmbito da comunidade escolar da EMEF Prof.^a Marina Vargas. Consideramos importante trazer atividades que visem o educar para a paz, proporcionando aos educadores momentos de reflexão e troca de experiências, auxiliando os alunos a se tornarem indivíduos mais críticos e participativos junto à sociedade, que necessita urgentemente de seres humanos mais solidários, éticos e responsáveis.

A partir da análise documental dos livros de ocorrências da escola e levantamento dos tipos de registros, foi possível refletir sobre os itens, analisando qual intenção determinados registros foram considerados como um ato de violência ou algo que tenha um sentido negativo que fez com que o professor realizasse determinada atitude. Nem todo ato negativo dentro da sala de aula pode ser resultado de indisciplina ou gerar um ato violento, sendo necessário um olhar cuidadoso do professor para não reprimir os alunos, ocasionando problemas até mesmo psicológicos futuramente.

Partindo das questões que precisam ser refletidas, este Relatório traz alguns pontos para discussões sobre como pode ser construído, pensando em dinâmicas e ações que envolvam os alunos, professores, pais e comunidade escolar, bem como oportunizando momentos de formação e diálogo entre os profissionais da escola visando ações que envolvam a cultura de paz.

Este Relatório está dividido em oito partes, além desta introdução: na primeira parte descrevo a minha trajetória profissional e acadêmica, ressaltando a importância de nos mantermos atualizados e em constante aprendizado. Logo, trago os procedimentos metodológicos aplicados no desenvolvimento da pesquisa realizada. A terceira parte refere-se à caracterização do contexto ao qual é desenvolvida a pesquisa, descrevendo um pouco sobre a cidade e seus aspectos, bem como a escola citada no Relatório. A quarta parte envolve todo o diagnóstico, incluindo a análise do Projeto Político Pedagógico, Regimento Escolar e Análise das Ocorrências. A quinta parte traz o Referencial Teórico, abordando o contexto histórico da cultura de paz e o enfrentamento da violência. A sexta parte trata da descrição e transcrição dos encontros desenvolvidos durante o período de intervenção. A sétima parte aborda a análise e discussão dos resultados com a explanação das duas categorias construídas: A importância da formação continuada tendo como foco a construção da cultura de paz visando o educar para a paz e reflexões sobre os diferentes tipos de violência e conflitos. Por fim, as considerações finais.

1.2 TRAJETÓRIA ACADÊMICA/ PROFISSIONAL

Iniciei minha trajetória acadêmica cursando Técnico em Contabilidade em 1998. Em 2006, cursei Técnico em Informática e, neste período, já atuava no mercado de trabalho como auxiliar de escritório, pois comecei a trabalhar aos 14 anos de idade permanecendo durante dezessete anos com carteira de trabalho assinada. Sempre tive como objetivo cursar o ensino superior e foi em 2008 que prestei vestibular para o curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, no Polo de Apoio ao Ensino Superior² em São Lourenço do Sul.

Estudar era algo que mais gostava de fazer, recordo-me de quando estava nos anos iniciais, no momento em que recebíamos os livros didáticos e nos era entregue para levar para casa, eu ficava muito feliz. A primeira atitude

² Polo de Apoio ao Ensino Superior é o local onde os programas da Universidade Aberta do Brasil ofertam os cursos e programas de educação superior, por meio da educação a distância em parceria com as Prefeituras Municipais e o Governo Federal.

quando retornava para casa era realizar as leituras dos textos para a minha mãe. Comentava com ela que no futuro gostaria de ser professora ou iria trabalhar em uma agência bancária.

Assim, quando tive a oportunidade de poder cursar uma graduação na área da educação e em uma Universidade Federal não hesitei e prestei o vestibular. Era um sonho que estava prestes a se tornar realidade. Assim, consegui ser aprovada no curso já mencionado e o concluí dentro do tempo esperado, ou seja, quatro anos. Durante esse período adquiri muito conhecimento e, no meu estágio na Educação Infantil, encontrei o tema que motivou a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “A importância do lúdico na educação infantil”. O trabalho realizado trouxe contribuições na área da educação demonstrando que o lúdico pode ser considerado um fator positivo na construção do conhecimento das crianças durante a infância.

Durante o último ano (2011) da faculdade, prestei concurso público para a Prefeitura do município de São Lourenço do Sul. No ano seguinte, cursei Especialização em Direito Educacional pelo Centro Educacional Claretiano - Polo de Pelotas. Tendo em vista ser uma Especialização relacionada às leis educacionais, optei por realizar o artigo final do Curso sobre o tema: *Bullying* e a autoestima dos adolescentes: Contribuições para os profissionais e instituições de ensino. Fui nomeada em 18 de julho de 2013 na Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul no cargo de professora anos iniciais, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a Izolina Passos, no bairro Nova Esperança. Era um desafio para mim, tendo em vista nunca ter atuado na área da educação, pois tive o primeiro contato durante os estágios da faculdade. Trabalhei em uma turma de 4º ano no turno da manhã e logo em seguida, recebi um Regime Suplementar para trabalhar com o 4º ano do turno da tarde. Era tudo diferente, mas podia sentir e perceber que poderia contribuir de maneira positiva para as crianças, além de aprender com elas, era muito gratificante.

Em 2015, recebi um convite para atuar como Supervisora Escolar em uma escola de educação infantil – Escola Municipal de Educação Infantil Mundo Mágico. Aceitei o desafio, mas também continuei atuando na escola a qual tinha sido nomeada. No ano seguinte, fui convidada para atuar como

Orientadora Educacional na EMEF Prof.^a Izolina Passos e então pude ter o contato com toda a escola e com os demais alunos (não somente os quais eram da minha turma), bem como trabalhar diretamente com todos os professores da escola.

Em 2017, recebi o convite para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação Cultura e Desporto no cargo de Secretária Adjunta da Educação. Então, pensei: Mais um desafio que surgiu e preciso encará-lo. Aceitei e permaneci no cargo até 04 de abril de 2018, onde fui convidada para o cargo de Secretária Municipal de Educação, permanecendo até 31 de outubro de 2019. Retornei para a EMEF Prof.^a Izolina Passos atuando como Supervisora Escolar, no final de 2019 recebi o convite³ para atuar como Vice-Diretora na EMEF Prof.^a Marina Vargas e em 2020 fui transferida para a EMEF Pe. Maximiliano Strauss como professora de duas turmas: 4º e 5º ano e para EMEI Mundo Encantado atuando na vice-direção. Foi nesse momento, em 2017, desenvolvendo atividades como gestora, o qual senti a necessidade de me aperfeiçoar nesta área, sendo assim, resolvi cursar Gestão Escolar na Faculdade São Braz – Polo de São Lourenço do Sul e, também, participei do Curso Gestão para a Educação Municipal - GEM do MEC, o qual destinava-se a Secretários Municipais.

Como já mencionei no segundo parágrafo deste capítulo, sempre tive interesse pelos estudos, portanto cursar o Mestrado era outro objetivo a ser conquistado. Em 2017, fiz a inscrição para o Mestrado Profissional em Educação na Unipampa – Campus Jaguarão, mas em virtude de não conseguir conciliar o horário do meu trabalho com os do curso, resolvi adiar este sonho.

Por um instante pensei em desistir, mas, em 2019, resolvi, mais uma vez, me dedicar para concretizar este sonho. Em agosto de 2019, realizei todas as etapas solicitadas e fui aprovada. Enfim, estava oficialmente cursando o Mestrado Profissional em Educação pela Universidade Federal do Pampa – Campus Jaguarão, tendo vivências diretamente relacionadas com minha área de atuação e me aperfeiçoando como professora-pesquisadora, relacionando a teoria com a prática.

³A gestão municipal (2017-2020) optou por não realizar eleições para diretores de escola.

Como pesquisadora, professora de uma escola rural e vice-diretora de uma escola de educação infantil em um bairro da cidade, sinto a necessidade de buscar novas abordagens, com uma vontade imensa de contribuir com a educação, e através das teorias, compreender o universo que compõe a educação voltada para a paz.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa científica é um “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos” (GIL, 2008, p. 17) e para chegar à solução do problema, o pesquisador precisa partir do conhecimento que possui sobre o tema, considerar procedimentos sistematizados e assumir uma metodologia científica.

Dito isto, o estudo foi de natureza quantitativa e qualitativa. Com relação à quantitativa, esta envolve a parte relacionada aos dados onde foram coletadas e analisadas as ocorrências realizadas na escola. Conforme Casarin e Casarin (2012), a pesquisa quantitativa:

[...] tem como objetivo principal quantificar ou mensurar uma ou mais variáveis estudadas [...] explora uma metodologia com uso intensivo de modelos matemáticos e dados estatísticos. Portanto, faz uso de amostragem sempre que possível [...] procura, entre outras coisas, avaliar o comportamento de uma variável analisando a frequência com que ela ocorre. A partir da análise dos resultados, busca explicações ou soluções que esclareçam o fenômeno observado (CASARIN; CASARIN, 2012, p. 36-37).

O estudo de natureza qualitativa relaciona-se a pesquisadora ser uma observadora ativa, criando um registro escrito e metódico de tudo que ouve e observa a partir de sua inserção no mundo dos sujeitos, tentando conhecê-los e ganhando a sua confiança. Conforme afirmam Bogdan e Biklen (1994):

[...] a expressão *investigativa qualitativa* como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto atual [...] a abordagem à investigação não é feita de com o objetivo de responder a questões prévias ou de testar hipóteses. Privilegiam [...] a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 16, grifos dos autores).

Esta investigação tem uma concepção próxima ao que Bogdan e Biklen (1994) dizem ao considerar que a investigação é complexa, ressaltando a complexidade atual na área da educação privilegiando a compreensão dos comportamentos dos sujeitos envolvidos.

A metodologia da pesquisa-ação foi utilizada no contexto da intervenção pois não podemos pensar a cultura de paz de forma isolada. Requer a participação ativa do pesquisador e ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema (GIL, 2008, p. 55). Assim, o autor nos faz considerar que todos da comunidade escolar devem ser chamados a colaborar e participar, tendo em vista um trabalho em equipe, onde todos estejam cientes do seu papel, colaborando de forma ativa e responsável.

Thiollent (1986) afirma que:

[...] a pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1986, p.14).

Uma das características da pesquisa-ação é que todos participem da pesquisa, por isso ela também é considerada um tipo de pesquisa social com base empírica. Assim, a pesquisa descrita neste relatório descreve a participação não somente do pesquisador, mas como dos pesquisados relacionados a uma ação ou tema a ser estudado/analísado.

Ainda sobre a pesquisa-ação Zeichner e Diniz-Pereira (2005) ressaltam que devemos tratar a mesma de uma maneira muito mais séria e:

[...] reforçar os laços do movimento da pesquisa-ação com as lutas mais amplas por justiça social, econômica e política em todo mundo [...] que continua a se expandir internacionalmente, pode contribuir para o processo de transformação social [...] o termo “pesquisa-ação” com um significado bastante amplo: uma pesquisa sistemática feita por profissionais sobre as suas próprias práticas (ZEICHNER; DINIZ-PEREIRA, 2005, p. 2-3).

Consideramos esta pesquisa, além de ser pesquisa-ação, mas sendo também intervencionista, pois a temática em estudo, ou seja, a cultura de paz requer ações de intervenção pedagógica a serem abordadas e dialogadas no âmbito escolar. Pois, conforme Damiani et al (2013), a:

[...] pesquisas do tipo intervenção pedagógica [...] são investigações que envolvem o planejamento e a implementação de interferências (mudanças, inovações) – destinadas a produzir avanços, nos processos de aprendizagem dos sujeitos que delas participam – e a posterior avaliação dos efeitos dessas interferências. [...] As

pesquisas do tipo intervenção pedagógica são aplicadas, ou seja, têm por finalidade contribuir para a solução de problemas práticos (DAMIANI et al 2013, p. 58).

No caso a pesquisa realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a Marina Vargas visa refletir sobre alguns conceitos que envolvem o educar para a paz, legitimar através de ações e análise coletiva, buscando soluções para problemas práticos do cotidiano escolar.

A técnica desenvolvida aqui para análise dos dados foi Análise Textual Discursiva, tendo como base Moraes (2003), ressaltando que:

Fazer uma análise rigorosa é, portanto, um exercício de ir além de uma leitura superficial, possibilitando uma construção de novas compreensões e teorias a partir de um conjunto de informações sobre determinados fenômenos. Exercitar uma leitura aprofundada e explorar uma diversidade de significados que podem ser construídos com base em um conjunto de significantes (MORAES, 2003, p. 196).

Portanto, foi necessário realizar alguns passos para realizar esta análise, conforme descreve Moraes (2003), como: a desconstrução dos textos do corpus (a unitarização), estabelecimento de relações entre os elementos unitários (a categorização); e o captar do novo emergente (nova compreensão comunicada e validada).

A desconstrução dos textos refere-se ao processo de desmontagem dos textos, destacando, assim, os elementos que o constituem. Segundo Moraes (2003) implica em:

[...] colocar o foco nos detalhes e nas partes componentes, um processo de divisão que toda análise implica. Com essa fragmentação ou desconstrução dos textos, pretende-se conseguir perceber os sentidos dos textos em diferentes limites de seus pormenores, ainda que compreendendo que um limite final e absoluto nunca é atingido. É o próprio pesquisador que decide em que medida fragmentará seus textos, podendo daí resultar unidades de análise de maior ou menor amplitude (MORAES, 2003, p. 195).

Após a transcrição dos encontros, selecionei os textos e realizei a desconstrução dos mesmos, focando nos detalhes e partes importantes do processo. A partir desta fragmentação dos textos, conforme aborda Moraes (2003), é realizada a atividade de unitarização, surgindo as unidades de análise. É importante que o pesquisador saiba no momento das análises quais

são as unidades de contexto, atribuindo, assim, um código para cada unidade que indica suas origens.

Após a unitarização, procedemos a categorização, sendo ela, de acordo com Moraes (2003):

[...] um processo de comparação constante entre as unidades definidas no processo inicial da análise, levando a agrupamentos de elementos semelhantes. Os conjuntos de elementos de significação próximos constituem as categorias. A categorização, além de reunir elementos semelhantes, também implica nomear e definir as categorias, cada vez com maior precisão, na medida em que vão sendo construídas. Essa explicitação das categorias se dá por meio do retorno cíclico aos mesmos elementos, no sentido da construção gradativa do significado de cada categoria. Nesse processo, as categorias vão sendo aperfeiçoadas e delimitadas cada vez com maior rigor e precisão (MORAES, 2003, p.197).

Assim, durante este processo, formam-se os conjuntos de categorias. Independentemente dos métodos de sua produção, conforme aponta Moraes (2003), as categorias de um mesmo conjunto precisam ser homogêneas, isto é, construídas a partir de um mesmo princípio.

Após esse contexto, conclui-se o metatexto, o qual é representado através de todo o trabalho combinando novos elementos construídos no decorrer dos passos anteriores, o qual nesta pesquisa resultou em duas categorias: “A importância e necessidade de formação continuada tendo como foco a construção da cultura de paz visando o educar para a paz” e “Reflexões sobre os diferentes tipos de violência e conflitos”.

2.1 INSTRUMENTOS

A pesquisa foi desenvolvida através de uma etapa exploratório-descritiva produzindo um diagnóstico da realidade em relação ao tema em questão. As informações foram coletadas através de análise de documentos como: Regimento da Escola, Projeto Político Pedagógico e Registros de Ocorrências da escola. Assim, considerando o objetivo geral de refletir acerca das práticas educativas e concepções em relação à cultura de paz junto à Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a Marina Vargas no município de São Lourenço do Sul/RS (EMEFMV), foi necessário também elaborar alguns objetivos específicos como: proceder à análise documental dos livros de ocorrências da

escola; e levantamento dos tipos de registros. No decorrer dos encontros, também foi preciso refletir sobre como: propor dinâmicas e ações que envolvam os alunos, professores, pais e comunidade escolar; e oportunizar momentos de formação e diálogo entre os profissionais da escola visando às ações que envolvam a cultura de paz e a sustentabilidade.

O diagnóstico inicial, que deu base à pesquisa coletando informações para o desenvolvimento da intervenção, foi realizado através de análise documental e entrevista. Segundo Ludtke e André (1986, p. 39), “[...] os documentos constituem uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador”. Uma técnica auxiliar na coleta de dados.

A análise documental aparenta-se muito à pesquisa bibliográfica, mas existe uma diferença principal entre elas, ou seja, a natureza das fontes. A pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos de pesquisa (GIL, 2008, p. 45), enquanto a bibliográfica utiliza-se das contribuições de diferentes autores sobre determinado assunto.

Dando continuidade no diagnóstico, foi realizada uma entrevista junto à Vice-diretora e à Coordenadora Pedagógica da Gestão anterior abordando questões relacionadas à Cultura de Paz e projetos desenvolvidos junto à escola. A entrevista é um dos instrumentos básicos da pesquisa durante a coleta de dados, pois, de acordo com Ludtke e André (1986, p. 34), ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, sendo essa sua grande sobre outras técnicas⁴.

Para contextualizar as reflexões no contexto da intervenção foi usada a técnica da roda de conversa virtual, dado o contexto pandêmico e alterações no desenvolvimento das intervenções que no projeto estavam previstas de forma presencial. Esta intervenção contou com os seguintes agentes: a equipe diretiva, coordenação pedagógica, um professor de anos finais, uma professora de educação infantil, duas professoras de anos iniciais, uma professora de Atendimento Educacional Especializado e dois pais representando a

⁴ Todos os participantes assinaram e ou tomaram ciência de forma oral (gravado) do termo de livre consentimento esclarecido (em anexo).

comunidade escolar, além da minha presença que, no contexto da pesquisa, é de participante e não somente de pesquisadora. Vale ressaltar que considereei a minha posição diante do grupo como de uma aprendiz sobre o tema educação para paz, que por si só já é um tema em constante construção coletiva.

A roda de conversa virtual assume características parecidas do grupo focal, onde consiste em uma técnica de pesquisa que coleta dados por meio das interações grupais ao discutir um tópico especial sugerido pelo pesquisador, Morgan (1997, *apud* GONDIM, 2003, p. 151). Minha atuação junto à roda de conversa virtual foi de facilitadora do diálogo, necessitando, assim, estar em sintonia com todos os agentes envolvidos, bem como do tema abordado. Neste caso considero que na busca de um educar para a paz, além de saber ouvir é importante saber intervir no momento apropriado. Desta forma, este exercício foi praticado na própria intervenção realizada.

Os instrumentos de avaliação foram observação, uso do Whatsapp⁵, Diário de Bordo e vídeo gravação. As anotações foram registradas no diário de bordo após cada encontro com a finalidade de registrar as reflexões provenientes desses momentos de diálogo.

Após cada atividade desenvolvida foi solicitado um momento de reflexão, tendo como sugestão o envio por cada membro diretamente no grupo de Whatsapp, este criado para esta atividade ou no Whatsapp privado da pesquisadora, envolvendo todos os agentes do processo, o qual ficaria registrado no Diário de Bordo. Os fatos precisam ser registrados assim que são produzidos, conforme Falkembach, 1987 (*apud* OLIVEIRA; STROHSCHOEN, 2015, p. 1). Portanto, utilizei o Diário de Bordo como um instrumento metodológico importante para o desenvolvimento da pesquisa, por isso foi sugerido para todos os participantes construir o seu.

O último instrumento utilizado foi a vídeo gravação dos encontros, pois é possível registrar o que já aconteceu, para futuras reflexões e observações. Sadalla (2004) aborda que:

[...] a gravação de vídeo é uma forma de registro da imagem que conserva algo que já é passado; assim, a vídeo gravação pode

⁵Grupo de WhatsApp criado para facilitar a comunicação dos sujeitos envolvidos na pesquisa, considerando o momento pandêmico e a mesma a ser desenvolvida de forma virtual, através do Aplicativo Meet.

restituir o presente [...] outra particularidade contida nesse procedimento é a facilitação do distanciamento emotivo necessário para a análise reflexiva do material registrado. Na observação direta, a carga emotiva que acompanha a situação a ser registrada dificulta uma percepção mais isenta e profícua do fenômeno a ser compreendido (SADALLA, 2004, p. 423).

Logo, a vídeo gravação ampliou e possibilitou a retomada dos diálogos no decorrer dos encontros realizados, conforme Sadalla (2004) aborda, facilitando o distanciamento emotivo, auxiliando a pesquisadora a perceber detalhes que englobam as temáticas abordadas no momento da elaboração do relatório crítico reflexivo.

Assim, fazendo uso destes instrumentos (diário de bordo, grupo de whatsapp e vídeo gravação) foi possível analisar o material coletado durante os encontros. Partindo deste ponto, realizei as análises de conteúdo para construir o relatório, dialogando com os autores, construindo reflexões que poderão nortear novos debates abrangendo a temática da cultura de paz.

Ressaltando que essa experiência do uso da Internet e demais tecnologias foi desenvolvida devido à pandemia, pois, devido ao isolamento social, uma das medidas de segurança adotadas em função da Covid-19, não foi possível realizar atividades presenciais nas escolas, como previsto no projeto qualificado.

Vale destacar que a partir do início do ano letivo de 2020, dado a pandemia da COVID 19, os professores da escola em estudo se reinventaram e continuaram atendendo os alunos para manter os vínculos com eles e com as famílias. Assim, os processos educativos se mantiveram em movimento, mesmo não sendo o ideal, se tentou a melhor alternativa no momento para este momento pandêmico.

2.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Fizeram parte, como sujeitos da pesquisa, 8 professores e 2 pais de alunos da EMEF Prof.^a Marina Vargas.

Figura 1: Participantes da pesquisa

Participantes	Sexo	Representação
1	Feminino	Professora - Coordenadora
2	Feminino	Professora - Coordenadora
3	Feminino	Professora - Anos Iniciais
4	Feminino	Professora – Coordenadora
5	Feminino	Professora – Anos Iniciais
6	Feminino	Professora – Diretora
7	Feminino	Professora – Anos Finais
8	Feminino	Professora – Ed. Infantil
9	Masculino	Pai de aluno
10	Feminino	Mãe de aluno

Fonte: Acervo da Pesquisadora/2021

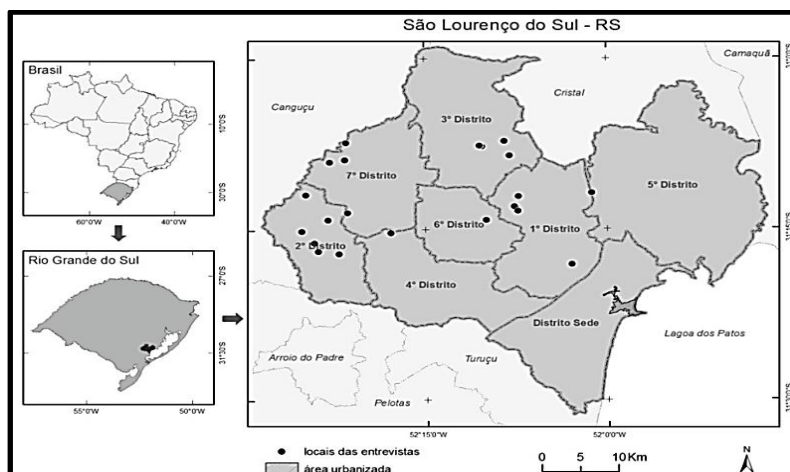
3. CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO

O município de São Lourenço do Sul/RS está situado na margem oeste da Lagoa dos Patos, no sul do Rio Grande do Sul, aproximadamente 200 km da capital gaúcha - Porto Alegre, e apenas cerca de 110 km da cidade de Rio Grande, o maior porto da Região Sul. A área econômica do município é caracterizada pela agricultura e agropecuária. A área total é de 2.036,125km². Tem uma população de 43.111 habitantes, sendo 56% da zona urbana e 44% da zona rural, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), censo demográfico 2010.

A produção gira em torno das lavouras de milho, soja, arroz, fumo, criação de gado e produção leiteira. São Lourenço do Sul atualmente divide-se em oito distritos estabelecidos pela Lei Municipal n.º 1628, publicada em 29 de março de 1990 e assinada pelo prefeito da época. Ficou dividido da seguinte maneira: *Distrito Sede* (compreende a sede do município), *Primeiro Distrito* (Vila Boqueirão), *Segundo Distrito* (Taquaral), *Terceiro Distrito* (Esperança), *Quarto Distrito* (Harmonia), *Quinto Distrito* (Prado Novo), *Sexto Distrito* (Boa Vista) e *Sétimo Distrito* (Faxinal).

O município faz divisa com cinco municípios: ao norte com Cristal e parte de Camaquã; ao sul com Turuçu e Pelotas; a oeste com Canguçu; e a Nordeste também com Camaquã. A Lagoa dos Patos banha nosso município a sudeste, desde a foz do Rio Camaquã até a foz do arroio Turuçu.

Figura 2: Mapa do Município de São Lourenço do Sul



Fonte: Researchgate.net

O Produto Interno Bruto (PIB) em 2017 de São Lourenço do Sul era de R\$ 1.108.701,18 (mil) e o PIB per capita no referido ano encontrava-se em R\$ 24.869,92, de acordo com o Perfil Socioeconômico do município apresentado pela Fundação de Economia e Estatística. Este contexto colocava o município em 322º no ranking de 497 municípios do Estado do Rio Grande do Sul.

A Rede Municipal de Ensino de São Lourenço do Sul é composta por 23 escolas municipais: dez Escolas de Educação Infantil, doze Escolas Polo⁶ (seis escolas urbanas e seis escolas rurais) e uma escola multisseriada. No final de 2019, a rede atendeu 3856 alunos e possuía 450 matrículas de professores ativos. Possui 6 escolas estaduais, 1 escola de ensino fundamental privada e 5 escolas de educação infantil privada. O município é mantenedor do Polo de Apoio ao Ensino a Distância – PAED (ofertando cursos técnicos, graduação e especialização) e também parceria com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul, através da Secretaria Municipal de Educação Cultura e Desporto, repassa para as escolas municipais de ensino fundamental um determinado valor para pagamento de contas essenciais como: água, luz, telefone, entre outras, conforme a Lei n.º 3.237, de 27 dezembro de 2010, a qual “Autoriza o Poder Executivo a Instituir a Gestão de Autonomia Financeira em Escolas de Ensino Fundamental do Município e dá outras providências”.

Durante as reuniões com o grupo de gestores das escolas municipais em 2017, já reivindicavam o reajuste desta Lei, tendo em vista a inflação que teve durante todo esse período e nunca houve reajuste desde a criação da lei até o momento. Mas, por qual motivo não foi realizado um estudo e assim, reorganizado financeiramente, ou seja, atualizado este valor tão defasado, o qual, segundo relatos dos gestores não conseguiam mais pagar as despesas das escolas? A educação precisa ser mais valorizada, pois é a partir dela que conseguimos uma sociedade com indivíduos mais ativos e responsáveis perante as suas atividades.

⁶ Escolas localizadas em regiões centralizadas, onde atendem crianças de várias localidades.

A SCMED possui o setor da merenda escolar, o qual realiza as entregas de alimentos semanalmente às escolas. Desde a época em que trabalhava na escola como professora, logo estando na gestão da Secretaria de Educação e agora estando como gestora em uma das escolas municipais, o setor citado realiza o trabalho de maneira satisfatória, pois até outubro de 2019, já tinha sido destinado a compra de alimentos aproximadamente 87% em Agricultura Familiar. O que obedece a Lei nº 11.947, que dispõe, entre outros temas, sobre o atendimento da alimentação escolar e determina que pelo menos 30% dos recursos repassados pelo FNDE para a merenda sejam destinados à compra direta de produtos da agricultura familiar.

Em outubro de 2017 a Prefeitura Municipal de São Lourenço do Sul, através da Secretaria Municipal de Educação Cultura e Desporto, recebeu o prêmio de 2º lugar do Concurso de Boas Práticas de Agricultura Familiar em Brasília/DF. O concurso selecionou relatos de experiências exitosas da compra da Agricultura Familiar no âmbito do Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE, e tem como objetivo a valorização destas experiências. O concurso foi a nível nacional promovido pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE pela primeira vez. Dentre os 500 municípios inscritos e as etapas eliminatórias e classificatórias, o município de São Lourenço do Sul ocupou o 2º lugar.

Outro ponto a destacar se refere aos professores municipais, que têm o direito adquirido de 1/3 referente à Hora Atividade, conforme Lei Municipal nº 3331/2012, a qual seguiu a Lei Federal n.º 11738/2018. A Lei Federal, a qual é seguida pelo município de São Lourenço do Sul, proporciona espaços para formação docente continuada e permanente, ou seja, momentos para aperfeiçoamento e planejamento das práticas profissionais, agregando cada vez mais a prática docente. Percebe-se, através da minha experiência profissional, que esse período para estudos é importante, pois os profissionais além de aprofundar leituras e realizar planejamentos, têm a oportunidade de trocar ideias e compartilhar experiências com os colegas.

Para melhor atender as crianças com deficiências, as onze escolas de ensino fundamental possuem Sala de Recursos com profissional capacitado para Atendimento Educacional Especializado.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a Marina Vargas, onde foi realizada a pesquisa, instituição pública educacional do Município de São Lourenço do Sul/RS, está situada na Avenida Coronel Nonô Centeno, nº 933, sendo a maior escola da rede municipal. Atualmente, possui 569 alunos, desde a educação infantil modalidade Jardim A ao 9º ano do ensino fundamental.

Figura 3: EMEF Prof.^a Marina Vargas



Fonte: Acervo da pesquisadora/2020

A escola inicialmente foi um Centro Profissionalizante, localizado na Rua Marechal Floriano Peixoto, 2236, atendendo no turno da noite e contando com os recursos existentes na época como: computadores e máquina de datilografar.

Em 1991 começou o funcionamento como “Pré Escolar Municipal Pequeno Príncipe”. No ano seguinte, em virtude da demanda escolar, foi criada a Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Castro Alves (anexo), ofertando de 1ª a 7ª série.

Em 26 de maio de 1992, foi criada a Escola Municipal de 1º Grau Professora Marina Vargas, autorizada conforme Parecer nº 1081/92, de 07 de novembro de 1992. Teve início com a estrutura física de 10 salas de aula, 10 banheiros, 1 sala de professores, 1 cozinha, 1 sala de audiovisuais, a qual atendia toda a comunidade.

Em 1994 a escola passou atender crianças desde o Maternal (4 anos) até a 8ª série.

No ano de 2004, foi construído um prédio próprio para a escola, localizado na Avenida Coronel Nonô Centeno, 933, contando na sua estrutura física com: 16 salas de aula, 1 cozinha, 1 refeitório, 1 biblioteca, 1 sala para secretaria, 1 sala para direção, 1 sala para coordenação pedagógica e orientação educacional, 1 almoxarifado, 1 laboratório de ciências, 1 laboratório de matemática, 1 laboratório de informática e 1 auditório que atende a toda comunidade do município.

A escola está situada em um bairro comercial, não possuindo muitas residências. Sendo assim, recebe alunos de todos os bairros da cidade, inclusive do interior do município.

4. DIAGNÓSTICO

Apresento, neste capítulo, a análise documental desenvolvida durante o levantamento do diagnóstico inicial da presente pesquisa, envolvendo o Projeto Político Pedagógico, o Regimento Escolar e o Livro de Ocorrências da escola.

4.1 ANÁLISE DO PPP e REGIMENTO ESCOLAR

Para dar início ao diagnóstico, realizou-se a análise documental do Projeto Político Pedagógico (PPP) e do Regimento Escolar da EMEF Prof.^a Marina Vargas. No PPP da escola, no item realidade escolar, o documento ressalta que:

O quadro político-econômico em transformação coloca-nos diante das crises ambiental, social e de valores. O processo de globalização vem provocando mudanças nas relações, nas ações dos sujeitos, no espaço global e local, na concepção de conhecimento e no papel da educação. O ritmo acelerado das transformações vem exigindo respostas mais flexíveis [...] A educação para todos tem sido apontada como um dos grandes desafios [...] que se habituou a trabalhar com o aluno ideal [...] baseado em um modelo único de ensino-aprendizagem, sem considerar a diversidade humana e as possibilidades de escolarização (PPP, 2016, p.2).

Assim, no que envolve o papel do educador e da escola, sendo um auxiliar na formação do ser humano, segundo o Projeto Político Pedagógico:

[...] a escola sente a necessidade de privilegiar a humanização do ser em formação, orientar-se para a inclusão de todos ao acesso dos bens culturais, aos conhecimentos e coloca-se a serviço da diversidade, da democracia, da valorização da vida, do respeito ao meio ambiente e da promoção da paz (PPP, 2016, p.3).

Pelo estabelecido no PPP, a concepção de paz é considerada como meio de mediação de conflitos, de relações interpessoais e de injustiças sociais buscando valorizar o ser humano em sua totalidade e essência (OLIVEIRA; KRIEGER; FABIS, 2007). É importante não somente constar no documento da escola, o qual foi citado acima, mas que os professores tenham esse conhecimento do que é a cultura de paz e também consigam desenvolver suas ações tendo como objetivo a humanização do ser em formação, valorizando o seu aluno, conhecendo-o, para, assim, poder intervir e desenvolver um trabalho

significativo, tanto para ele como profissional, mas como para o aluno. É neste sentido que este trabalho pretende contribuir.

A relação escola e comunidade são importantes, também estão contextualizadas no PPP da escola, o qual menciona questões da necessidade desta parceria para o desenvolvimento das crianças. Segundo este documento, a escola para atingir esse objetivo:

[...] realiza palestras direcionadas as famílias que fazem parte da comunidade onde está inserida. As mesmas também são convidadas a participar das festividades com o objetivo de integração entre família e escola (PPP, 2016, p.4).

Percebe-se, na análise do PPP, que, na maioria das vezes, a escola está assumindo o papel da família no que se refere a questão da construção de valores e de estabelecimento de limites para as crianças. Nesse momento, entende-se que o professor precisa compreender aquele ser humano, o qual fica na escola durante quatro horas (no mínimo) na sala de aula.

Faz parte da atividade profissional do educador conhecer o seu aluno, entender como é a vida dele fora da escola, pois, desta maneira, conseguirá auxiliá-lo. Contextualizando com a sua vivência de mundo, de repente, em algum momento da sua caminhada, os valores, os quais já tinha tido o conhecimento, possam ter sido esquecidos momentaneamente em virtude de algum acontecimento ou fato que possa ter tido influência no decorrer da sua vida.

O professor que valoriza a bagagem de conhecimentos que o aluno trás pode fazer relações entre a teoria educacional e a prática, trabalha para uma educação transformadora e significativa.

A filosofia proposta na escola, segundo o PPP da EMEF Prof.^a Marina Vargas, é voltada para a formação humana através de uma educação que tem como base os princípios de autonomia e cidadania, formando cidadãos éticos, produtivos, atuantes e comprometidos com a comunidade na qual estão inseridos, proporcionando momentos de reflexão e despertando possíveis agentes transformadores da sociedade.

A EMEF Prof.^a Marina Vargas tem como objetivo expresso em seu Regimento Escolar:

[...] proporcionar ao educando condições para que seja sujeito de sua própria aprendizagem oportunizando suas descobertas, através do pensar, do agir e do diálogo, desenvolvendo o senso crítico, modificando o seu comportamento com responsabilidade e disciplina, compreendendo as relações entre sociedade e natureza e, intervindo nos problemas e conflitos ambientais (RE, 20016, p. 6).

A proposta pedagógica da escola está relacionada à teoria sócio construtivista, tendo como premissa a aprendizagem e desenvolvimento como produtos da produção social, conforme podemos observar no RE (2016). Nesta concepção, o aluno precisa explorar as possibilidades do próprio corpo e das suas relações, desenvolvendo a capacidade de descobrir, observar e pensar. O ambiente deve ser acolhedor, propiciando a colaboração, incentivando a participação dos alunos, a troca de ideias envolvendo pequenos grupos, assim como valorizando a aprendizagem em equipe, tendo como objetivo transformar o conflito de ideias em aprendizado através do diálogo.

Este contexto escolar previsto envolve não se pensar o conflito como sendo um problema, pois, de acordo com Jares (2007. p. 36), os conflitos possuem um verdadeiro sentido social humanizador, pois é “[...] um processo natural e intrínseco à vida que, se focado de modo positivo, pode ser um fator de desenvolvimento pessoal, social e educativo”. Portanto, quando a escola inclui em seu Projeto Político Pedagógico o trabalho em equipe, com certeza dentro do grupo existirão diversas opiniões que não serão compatíveis, ocorrendo conflito de ideias, as quais, presume-se, através do diálogo democrático, sincero e construtivo entre alunos, professores, funcionários, pais e comunidade escolar, poderão chegar até soluções mais ricas do que as definidas em ambientes autoritários.

No momento em que a escola propõe o trabalho em equipe, haverá diálogo e conflito de ideias, pois esta metodologia de ensino é essencial, considerando que através desta estarão desenvolvendo o respeito um pelo outro (quando irão desenvolver a técnica de ouvir o próximo). Pretende-se que seja desenvolvida a compreensão da necessidade de saber ouvir o outro, respeitar a dor do outro, desenvolver a empatia, a qual deve ser trabalhada nas escolas, envolvendo atividades de cooperação, solidariedade e que possam

contribuir de maneira positiva no desenvolvimento dos alunos como cidadãos éticos e responsáveis perante a sociedade.

Conforme mencionado no item 3, o Município cumpre a hora atividade, momento este significativo na vida profissional dos professores. O professor tem a oportunidade de dialogar com os seus colegas, compartilhar experiências e aprofundar os seus conhecimentos, podendo ser através de cursos ou formações docentes, além de realizar o planejamento das suas atividades diárias. A organização das formações docente que se referem a 1/3 da carga horária fica a critério de cada escola e da Secretaria Municipal e Educação, a qual anualmente organiza o calendário das formações.

Vale salientar, que durante o ano de 2020, a rede municipal não realizou formação docente com os professores, os mesmos desenvolveram as suas atividades com alunos de forma remota, buscando aperfeiçoamento por si próprio.

Em virtude de estarmos vivenciando um momento de pandemia, onde a Covid-19 está presente em nossas vidas, a Secretaria Municipal de Educação Cultura e Desporto elaborou um plano de ação pedagógica para desenvolver com a rede municipal em 2021, tendo em vista o ensino remoto emergencial. As formações docentes continuadas e permanentes estão sendo desenvolvidas virtualmente, através de Seminários em parceria com o Polo de Apoio ao Ensino Superior de São Lourenço do Sul.

Momentos que envolvem as formações docentes são importantes para refletirmos sobre a nossa prática docente, conhecermos novas metodologias de ensino, estarmos sempre nos atualizando sobre a educação e novos assuntos que possamos abordar com os alunos e trocarmos experiências com os colegas, tendo em vista as atividades de encontros pedagógicos durante os Conselhos de Classe, os quais são realizados nas escolas de forma trimestral.

Na escola, o Conselho de Classe é realizado trimestralmente, tendo como fim avaliar o desempenho dos alunos, além de refletir sobre a prática pedagógica. Durante o conselho são abordadas as dificuldades dos alunos, bem como apresentadas quais seriam as possíveis soluções. No final do ano letivo, o conselho de classe realiza uma análise global em relação ao desenvolvimento de cada aluno, no decorrer do curso, avaliando se ele possui condições de ser promovido ao ano seguinte.

A escola possui um laboratório de informática, que está à disposição para uso e desenvolvimento das aulas com os alunos, tendo em vista que as tecnologias digitais atualmente oferecem ao professor inúmeros caminhos para um fazer inovador, considerando que o acesso à Internet trouxe novas formas de ensino (GOMES; MOITA, 2016, p. 160).

Segundo o PPP da escola, é um grande desafio para o educador atualmente formar sujeitos críticos, capazes de interagir e viver ativamente em um contexto de globalização, dada a velocidade com que as informações são produzidas e disseminadas. A tecnologia de informação e comunicação está presentes no sistema educacional e prática pedagógica para potencializar e promover situações de ensino, os quais visam contribuir para uma aprendizagem prazerosa e eficaz para os alunos (PPP, 2016).

O PPP traz de forma detalhada como será desenvolvido o trabalho pedagógico na instituição escolar. Nele está descrito os objetivos, diretrizes e ações que devem ser valorizadas durante o processo educacional. Precisa estar claro no PPP as expectativas de toda a comunidade escolar. Contudo, nem sempre se consegue realizar o que está sendo projetado, deixando algumas ações em segundo plano, em decorrência de diversas situações do dia a dia, mas as quais são necessárias repensar e/ou até mesmo reformular o Projeto Político Pedagógico, pois não pode ter um documento orientador distante da realidade escolar.

A Educação ambiental é outro tema que consta no Projeto Político Pedagógico e também é desenvolvido na escola, além de estar previsto no Referencial Curricular de São Lourenço do Sul - RCCLS, no Caderno de Ciências Humanas, para que seja debatida a importância da educação ambiental nos dias de hoje para a preservação do meio ambiente (SÃO LOURENÇO DO SUL, p. 37). Através de diálogos no ano de 2021 com alguns professores da escola, percebeu-se que eles desenvolvem atividades relacionadas a este tema nas mais diferentes disciplinas, pois acreditam ser de suma necessidade e porque também auxiliam no desenvolvimento do ser humano com atitudes de conscientização, solidariedade, sustentabilidade e responsabilidade social perante o nosso meio ambiente.

A escola possui uma sala de recursos multifuncionais com um profissional capacitado, reforçando o que está exposto no PPP relacionado a

educação inclusiva. As atividades são planejadas de acordo com a necessidade de cada aluno participante, sendo utilizadas técnicas e métodos adequados. Durante o atendimento, o número de alunos é reduzido, distribuídos através de um cronograma semanal, no máximo de duas horas diárias.

A escola, pelo que consta no PPP, é considerada como um espaço democrático. Assim, é necessário respeito com a diversidade, pois cada ser é único. Diante disso, também está expresso no Projeto Político Pedagógico da escola questões envolvendo gênero, sexualidade e diversidade. É importante que na escola possa ser construído um espaço dialógico, adaptando as particularidades dos alunos, favorecendo a construção de um currículo flexível e aberto, mas que, na prática, seja realmente desenvolvido o que está expresso no documento.

No item 6.8 do Projeto Político Pedagógico, encontram-se questões sobre a educação integral. Neste caso específico, entende-se estar relacionado ao Programa Novo Mais Educação⁷. No ano de 2019, a escola não foi selecionada tendo em vista novos critérios do Ministério da Educação. As escolas selecionadas no Município estavam situadas em bairros de periferia, considerado pelo Governo Federal de maior necessidade.

Acredita-se que a forma adotada pelo Governo Federal ao selecionar as escolas que seriam contempladas pelo Programa Novo Mais Educação não é a forma mais adequada, tendo em vista a necessidade do programa ser desenvolvido em todas as escolas, pois contemplaria as áreas de português e matemática, proporcionando uma qualidade maior na educação, mantendo os alunos no turno inverso, dentro da escola.

Depois de realizada a análise documental e a coleta de dados da EMEF Prof.^a Marina Vargas, percebeu-se a importância de desenvolver ações nesta

⁷ Programa Novo Mais Educação era um Programa do Governo Federal ofertado nas escolas para que pudessem atender os alunos no turno inverso. A escola para receber a verba referente a este programa precisava atender a critérios do Ministério da Educação. Ao indicar as escolas para o Programa foi recomendado que as EEx utilizassem os seguintes critérios de priorização: I – escolas que receberam recursos na conta PDDE Educação Integral entre 2014 e 2016. II – Escolas que apresentam Índice de Nível Socioeconômico baixo ou muito baixo segundo a classificação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP); III – escolas que obtiveram baixo desempenho no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).

escola que poderiam auxiliar no desenvolvimento do educar para a paz, pois questões que envolvem os registros no livro de ocorrências e cadernos da turma estão relacionadas com os valores que compõem a cultura de paz, Jares (2007).

A escola deve ser um espaço democrático. A convivência entre todos precisa ser harmoniosa e o respeito deve prevalecer.

O respeito é uma qualidade básica e imprescindível que fundamenta a convivência democrática em um plano de igualdade e contém implícita a ideia de dignidade humana. Ademais, supõe a reciprocidade no trato e no reconhecimento de cada pessoa. Os seres humanos como sujeitos a serem respeitados. Mas, ligado a este reconhecimento, o respeito também exige tornar-se efetivo em relação aos demais seres vivos e, por extensão, ao Planeta Terra. Não esqueçamos que os seres humanos se relacionam e convive consigo mesmos, com os outros e com os elementos do entorno natural. Daí a necessidade de estimular o respeito ao meio-ambiente (JARES, 2008, p. 31-32).

Corroborando com a citação acima, o respeito também está associado ao desenvolvimento da autonomia, pois o educador desenvolve atividades que auxiliarão no desenvolvimento de indivíduos autônomos, críticos e que saibam ouvir o outro, respeitando a sua opinião.

Analisando o ambiente escolar, o comportamento dos alunos, professores, pais e/ou responsáveis, percebi que era necessário começarmos a agir e não somente nos atermos na teoria da paz, portanto, durante o Mestrado comecei a iniciar as atividades/ações e espero que os resultados sejam positivos e proveitosos para todos os envolvidos no processo.

A EMEF Prof.^a Marina Vargas possui alguns projetos, tais como: Aluno Destaque, Patrulheiros da Paz e Dia D, Projeto Família/Escola. Para conhecermos um pouco sobre cada projeto e como era desenvolvido, convidei uma professora da escola, a qual era Orientadora Educacional⁸ no ano de 2018 para responder algumas perguntas conforme Apêndice 1. A mesma descreveu

⁸Orientadora Educacional da Gestão 2019, Licenciada em Magistério das Matérias Pedagógicas e Orientação Educacional pela UCPEL. Pós graduada em Educação Ambiental pela FURG e Coordenação Pedagógica pela UFRGS. Especialista em Ensino Religioso pelo CONER/RS.

alguns projetos realizados na escola até o ano de 2019 conforme descritos abaixo, onde o pesquisador é indicado pela letra P e a do entrevistado é E1.

P – Como funcionava o Projeto Patrulheiros da Paz na escola, quando iniciou e permanece até hoje?

E1 - O projeto teve início em 2008 como **Patrulheiros do Meio Ambiente**. Este foi construído com o objetivo de sensibilizar a comunidade escolar e local para a ação do homem na natureza.

Os professores da Educação Infantil ao 9º ano desenvolviam atividades voltadas a Educação Ambiental no período normal de aula. Enquanto o grupo de Patrulheiros do Meio Ambiente realizavam tarefas e dinâmicas também, no contraturno. Ex.: plantios e manutenção da horta e jardim da escola; mutirões de limpeza; apresentações artísticas, relacionados ao objetivo do projeto proposto e muitas outras atividades sob a coordenação dos professores e Coordenação Pedagógica.

Em 2013 o projeto foi reavaliado, pois observou-se que o mesmo, já estava um pouco fragmentado e restrito aos cuidados com as questões dos resíduos secos e orgânicos, enquanto as relações interpessoais, indisciplina e outros problemas, principalmente da sala de aula, evidenciados naquela ocasião, estavam ficando a desejar.

Durante esta fala da entrevistada, percebemos o quanto é importante realizar avaliações dos projetos desenvolvidos na escola e assim verificar se estão correspondendo aos objetivos propostos.

[...] Após avaliação, foi reestruturado como **Patrulheiros da Paz** com a finalidade de resgatar e colocar em prática valores, esquecidos e essenciais para a **cultura da Paz na escola**. Durante o funcionamento do projeto, eram desenvolvidas atividades práticas e de reflexão durante as aulas pelos professores e Equipe diretiva, principalmente, nos dias “Ds”⁹, sobre os valores éticos, normas da escola, relações intra e interpessoal. Algumas atividades, também aconteciam no contraturno, pelo grupo voluntário de alunos, Patrulheiros da Paz, que organizavam apresentações artísticas, brincadeiras no recreio, mutirão de limpeza no pátio, sala de aula, entre outras, relacionadas ao tema proposto. Com o passar dos anos, o **Projeto Aluno Destaque**, que também, foi estruturado em 2008, com a finalidade de desmistificar uma sociedade que diariamente, salientava mais o negativo do que o positivo e com base nos preceitos de uma educação preocupada, não somente com a nota ou premiações, mas com o desenvolvimento global dos alunos e com a prática dos valores éticos, foi tomando uma proporção maior com aceitação e participação significativa e, resultados positivos da comunidade escolar, que os **Patrulheiros da Paz** não foram

⁹Dia “D” constituía numa pausa, mensalmente, para rever e repesar as ações do dia a dia da escola, a fim de retomar ou mudar o ponto de partida das diretrizes no contexto escolar. Nesse espaço de tempo, a comunidade escolar, tinha oportunidade de participar e refletir sobre o importante papel que cada segmento desempenhava, bem como, as contribuições para a harmonia e o bom funcionamento da escola.

esquecidos, mas ficaram incluso no **Projeto do Aluno Destaque**, até o ano de 2019.

Percebe-se que a escola estava trabalhando com projetos que estavam sendo reavaliados no decorrer do seu desenvolvimento escolar, os quais envolviam valores éticos e humanos.

A Orientadora Educacional ressalta que os Patrulheiros da Paz não foram esquecidos, mas foram incluídos em outro Projeto que a escola desenvolvia. No entanto, após a análise das ocorrências registradas na escola, ressaltamos, mais uma vez, que esse aumento gradativo das referidas ocorrências é um agravante que necessita de uma atenção específica. Portanto, continuar trabalhando a cultura de paz, o educar para a paz é relevante, pois segundo Vilarinho e Cavanna (2013, np.)

[...] a paz deve ser construída e articulada coletivamente, por meio de ações que visem encadear princípios como: ética, cidadania, justiça social, direitos humanos, diversidade e cooperação.

No PPP da escola também consta o Projeto que envolve família e escola, sendo importante esta relação, solicitei a entrevistada para que relatasse brevemente o referido projeto.

P – Quando iniciou o Projeto Família e Escola, como era desenvolvido e quais tipos de ações?

E1 - Este projeto também foi implantado em 2008, denominado Projeto Grupo de Pais, com o propósito de aproximar e integrar os pais e responsáveis no dia a dia da escola, não somente para as reclamações ou nas datas para entrega de boletins, mas a fim de compartilhar suas experiências e dúvidas, de maneira bem descontraída, acerca da educação de seus filhos, entre outros assuntos pertinentes à proposta do projeto. Eram organizados encontros, mensais, com grupos de pais de determinada turma, em horários acessíveis, a fim de facilitar a participação da grande maioria nas rodas de conversas e visitas às dependências da escola. Uma vez por mês, era organizada a Semana da Família na Escola, onde os pais ou responsáveis tinham a oportunidade em realizar as visitas num horário acordado com a equipe diretiva e professores. Durante a visita, observavam o recreio ou realizavam atividades recreativas, na sala de aula contavam histórias ou simplesmente ficava um pouquinho ao lado do filho(a), conversavam com os professores, equipe diretiva ou funcionários. Enfim, tinham a oportunidade de conhecer um pouco do dia a dia do contexto escolar e, ao mesmo tempo, contribuir com a disciplina e Cultura da Paz na escola.

Mediante o exposto pela entrevistada, que relata que “uma vez por mês os pais ou responsáveis tinham a oportunidade de realizar visitas na escola”, e nestes momentos, poderiam observar como era desenvolvida as atividades, coloco como reflexão a seguinte questão: uma escola que atendia em torno de 500 alunos (manhã e tarde) conseguia desenvolver de maneira efetiva essa organização com os pais e, todos eram convidados para fazerem parte destes momentos? Esse projeto foi dialogado em reunião de pais? Exposto para toda comunidade escolar?

Quando a entrevistada ressalta contribuir com a Cultura de Paz na escola, eu acredito que para contribuir é necessário refletirmos e entendermos qual o seu significado, pois envolve diversos fatores que estão ao nosso redor e que fazem parte da nossa sociedade.

A atual gestão da EMEF Prof.^a Marina Vargas traz como proposta envolver os pais e a comunidade escolar nas atividades e projetos da escola. Também busca fazer com que todos se sintam pertencentes ao ambiente educativo, que deve ser acolhedor, motivador e auxiliar no desenvolvimento dos nossos alunos. Mas, considerando a pandemia, o objetivo de fazer com que o ambiente escolar fosse desta forma foi reorganizado para ser acolhedor e motivador, mas de forma remota, isso se possível, creio que não, em função de não atingir a totalidade de alunos, tendo em vista a estrutura organizacional ser desigual na grande maioria das famílias.

Deve-se considerar o que consta no Projeto Político Pedagógico da escola sobre a cultura de paz, bem como no Referencial Curricular de São Lourenço do Sul, elaborado em 2019, que serviu como base do trabalho dos professores em 2020. Este documento foi elaborado por uma equipe com representação de todas as áreas, tendo como fundamentação teórica a Base Nacional Comum Curricular e o Referencial Curricular Gaúcho. Contou com a participação da grande maioria dos professores da rede, ou seja, do território como era direcionado (municipal, estadual e particular) e todos tiveram a oportunidade de fazer parte e construir coletivamente o RCSLS.

No Referencial Curricular de São Lourenço do Sul – RCSLS está expresso, dentro da área do Ensino Religioso e História, que deve ser trabalho como objeto do conhecimento a cultura da paz e combate à violência. Em Ensino Religioso desenvolvendo as habilidades de:

[...] analisar, pesquisar, explorar materiais digitais que favoreçam a Cultura da Paz, tentando reduzir os casos de violência no espaço escolar e fora dele, pois necessitamos de empatia nos dias atuais entre os seres humanos (SÃO LOURENÇO DO SUL, 2019, p. 35).

Na área da disciplina de História, ressaltam quesitos que envolvem:

Debater sobre o fato de que a Organização das Nações Unidas foi estruturada, ainda durante a Segunda Guerra Mundial, visando pôr fim aos conflitos entre nações, salva guardar a paz e a segurança internacional [...] Reconhecer a importância da Carta dos Direitos Humanos da ONU, de 1948, para assegurar os direitos inalienáveis que devem garantir a liberdade, a justiça e a paz mundial, bem como a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos dos Povos Indígenas de 2007 [...] Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à tomada de consciência e à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas [...] Compreender e debater sobre as causas da violência contra populações marginalizadas, desenvolvendo o reconhecimento das diferenças, o exercício da empatia, do respeito e da tolerância ao outro [...] Compreender o processo de mão de obra escravocrata e as suas consequências nas desigualdades raciais perceptíveis na atualidade (SÃO LOURENÇO DO SUL, 2019, p. 121-124).

Corroboro com a questão de constar no Referencial do município, pois é um tema importante e urgente que deve ser explanado, dialogado com os alunos, comunidade escolar, etc., mas creio que a cultura de paz poderia ser trabalhada em diversas disciplinas, não somente no componente de História e Ensino Religioso. A temática da paz envolve diversos fatores conforme estão dispostos na citação do RCSLS, 2019, que estão diretamente relacionados a nossa vida em sociedade e as atitudes dos indivíduos, buscando uma construção da cultura de paz de forma crítica e positiva.

Está disposto no RCSLS que é necessário oportunizar momentos de debate e problematizações aos alunos sobre o:

[...] modo a assegurar os direitos humanos no constante exercício da cidadania e da cultura da paz. Orienta-se a promover medidas de conscientização dentro do espaço escolar, mostrando as devidas ações que devemos ter, para que não haja violência e sim um espaço de união, vida e muita Paz, tornando a vida mais valiosa (SÃO LOURENÇO DO SUL, 2019, p. 25-35).

Importante salientar que educar para a paz pressupõe a educação a partir de determinados valores como: a justiça, a cooperação, a solidariedade,

o compromisso, a autonomia pessoal e coletiva, além do respeito (JARES, 2007, p. 45). Ressalta a relevância sobre dialogar e refletir sobre nossos comportamentos, compromissos e atitudes, pois quanto menor for a distância entre nosso discurso e nossa ação, mais eficaz será nosso trabalho.

4.1.2 ANÁLISE DAS OCORRÊNCIAS

Foi realizado um levantamento nos Livros de Ocorrência dos anos de 2015, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020. O período de 2020 refere-se ao período de 22 de fevereiro até 18 de março de 2020, onde ainda estávamos com aulas presenciais.

Dialogando com a Coordenadora Pedagógica atual, ela ressaltou que a escola tem o livro de ocorrências e também cadernos individuais por turma. A Coordenadora mencionou que a gestão atual optou por dar continuidade nesta metodologia de registros. Nestes dois instrumentos, os professores registram fatos que acreditam ser de relevância e que precisam ser analisados e também dialogados com os alunos.

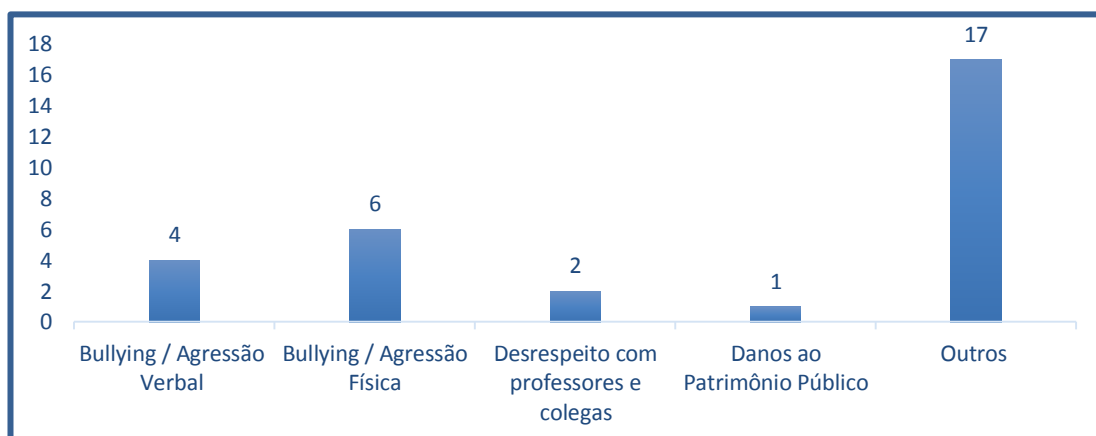
No livro de ocorrências do ano de 2015, foram encontrados onze registros envolvendo alunos:

Figura 4: Ocorrências de 2015



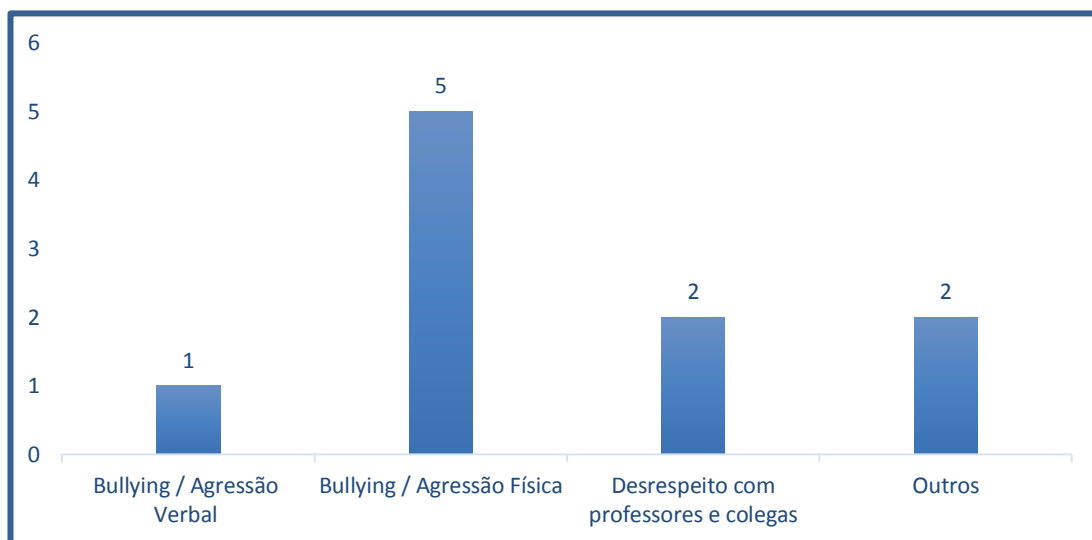
Fonte: Livro de Ocorrência

No ano seguinte, em 2016, observou-se que o número de registros aumentou para trinta, envolvendo: Bullying / Agressão Verbal e Física, Desrespeito com professores e colegas, Danos ao Patrimônio Público e Outros, conforme gráfico abaixo:

Figura 5: Ocorrências de 2016

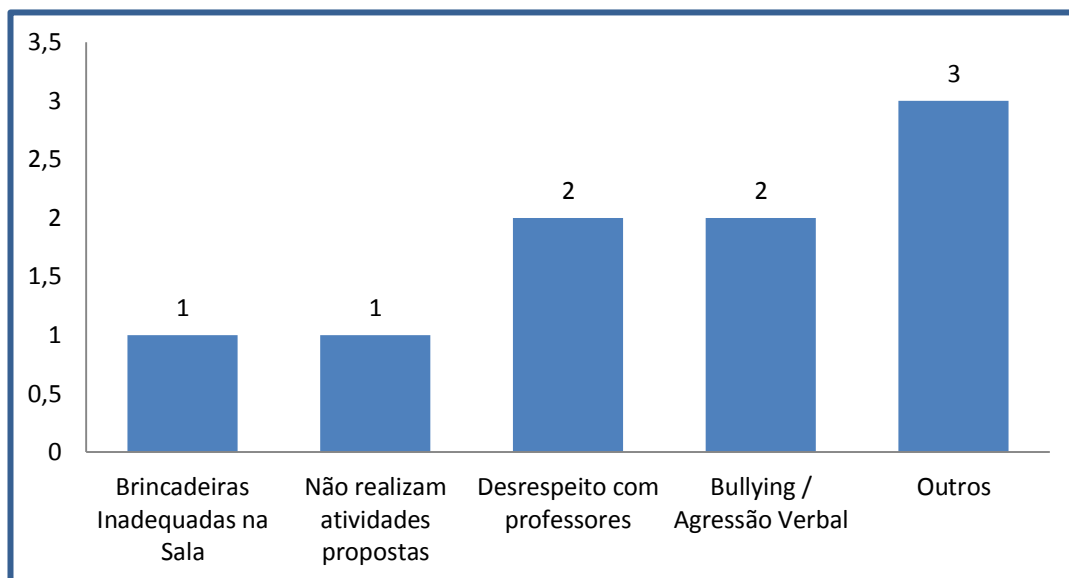
Fonte: Livro de Ocorrência

Em 2017, o número de registros diminuiu para dez registros, dentre eles: Bullying / Agressão Verbal e Física, Desrespeito com professores e colegas e outros, visto pelo gráfico a seguir:

Figura 6: Ocorrências de 2017

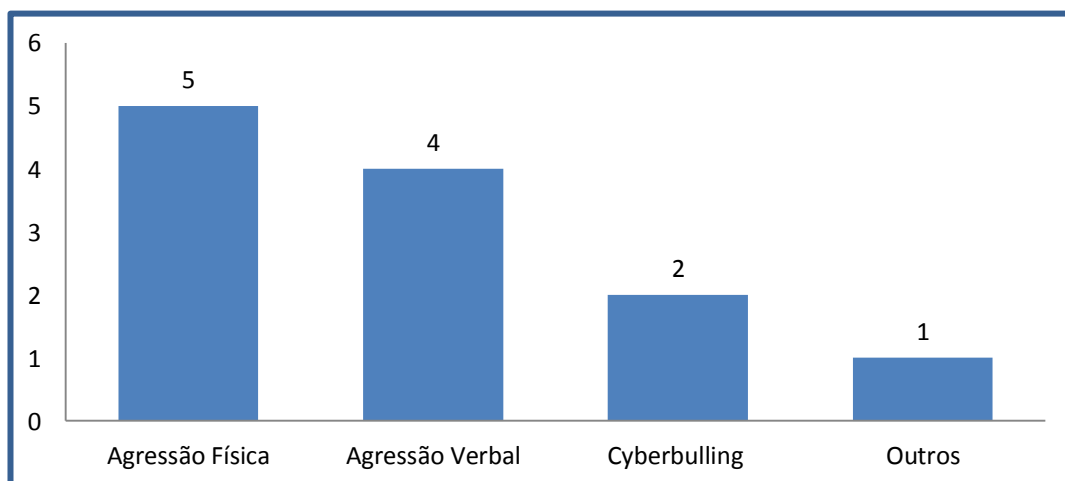
Fonte: Livro de Ocorrência

Quando analisamos o ano de 2018, foi possível verificar nove registros, envolvendo: Brincadeiras Inadequadas na sala, não realizam atividades propostas, Desrespeito com professores, Bullying / Agressão Verbal e Outros.

Figura 7: Ocorrências de 2018

Fonte: Livro de Ocorrência

De acordo com os dados obtidos no livro de ocorrências, percebe-se que, durante o ano de 2019, foram registrados doze casos envolvendo os alunos, tendo os seguintes registros, conforme figura abaixo:

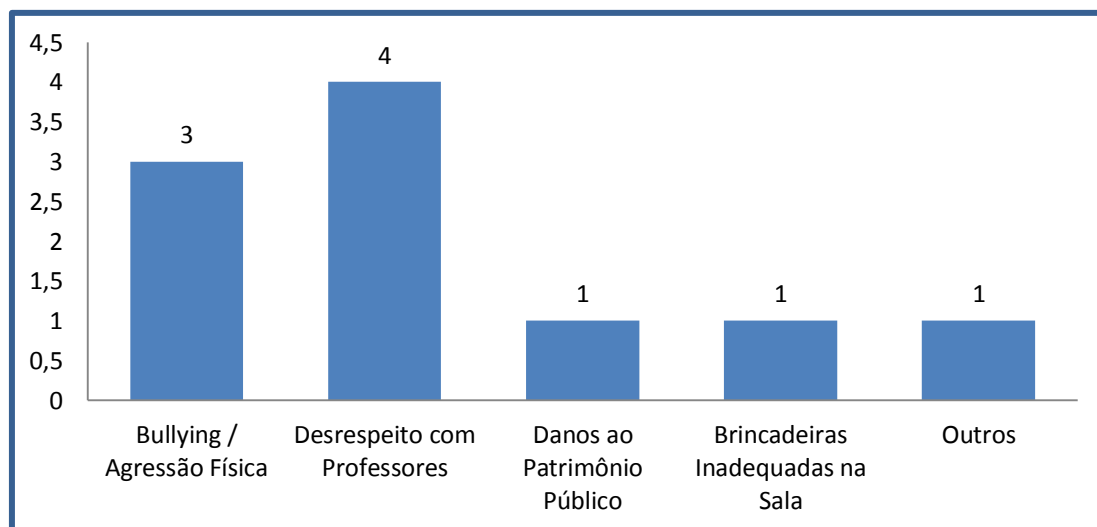
Figura 8: Ocorrências de 2019

Fonte: Livro de Ocorrência

No entanto, foi realizada uma análise dos registros do ano de 2020 até o último dia de aula, 18 de março, pois logo o município de São Lourenço do Sul decretou a suspensão das aulas, em virtude do Coronavírus. Conforme o

gráfico abaixo foi possível identificar até o momento dez registros envolvendo alunos na escola:

Figura 9: Ocorrências de 2020



Fonte: Livro de Ocorrência

Percebe-se que, em 2015, o número de ocorrências realizado no Livro de Registros da Escola foi de 11 (onze), os quais um refere-se a Bullying / Agressão Física, um Desrespeito com Professores e nove considerado como Outros. O termo utilizado como Outros neste gráfico e nos demais deste projeto, referem-se a registros não relacionados a alunos.

Analisando o ano de 2016, o número de registros aumentou para trinta, envolvendo vários tipos de ocorrências, citadas na página 22. Considerando o ano de 2017, o número de registros reduziu para 10 (dez), mantendo-se o registro de Bullying / Agressão Física e Verbal, bem como Desrespeito com Professores e Colegas.

Percebe-se que, em 2018, o número de ocorrências realizadas no Livro de Registros da Escola foi de 9 (nove), as quais envolveram Brincadeiras Inadequadas na sala; não realizam atividades propostas; desrespeito com professores; Bullying / Agressão Verbal e Outros.

No ano de 2019 foram analisados 12 (doze) registros no Livro de Ocorrências, envolvendo Bullying / Agressão Física; Bullying / Agressão Verbal; *Cyberbullying* e Outros.

Durante o ano de 2020, analisado desde o início das aulas, em fevereiro, até o dia 18 de março, foram registradas 10 (dez) ocorrências no Livro, as quais envolveram Bullying / Agressão Física; Desrespeito com professores, Danos ao Patrimônio Público; Brincadeiras Inadequadas na Sala e Outros.

Algo que precisa ser ressaltado é o fato de que, no ano de 2020, onde tivemos poucos dias de aula presencial, o número de ocorrências foi quase o mesmo número de ocorrências do que anos anteriores. Sendo assim, podemos nos questionar, por qual motivo? O que poderia estar ocasionando essas atitudes dos alunos no âmbito escolar, que resultasse no registro realizado pelos professores no Livro de Ocorrências da escola.

Quando pensamos em Livro de Ocorrências, logo o que reflete seria algo grave para ser registrado, e o que encontramos em alguns registros não está claro suficiente para que vislumbrássemos o que ocorreu praticamente com determinados alunos, por exemplo: Brincadeiras inadequadas na sala. Que tipos de brincadeiras? Quais os sujeitos que estariam envolvidos? Seria algo tão grave que houvesse a necessidade de ser registrada?

Dito isto, refletimos sobre a aula que estava sendo exposta pelo professor. Será que estaria atraindo a atenção do aluno para determinado conteúdo/assunto ou não? E, desta maneira, o aluno distrai-se e pode ser confundido as suas atitudes como as brincadeiras inadequadas em sala, citadas no Livro de Ocorrências da escola. Questões como essas requerem reflexões acerca do contexto escolar no qual estamos inseridos e o que podemos alterar para que não sejam mal interpretadas.

Percebe-se que durante os seis anos analisados, o número de ocorrências registradas no Livro sofreu uma variação, pois em alguns anos, diminuiu e outros acabou aumentando, e uma das ocorrências, envolve o Bullying na escola, sendo ela uma agressão física ou verbal. O termo Bullying é definido como uma:

[...] palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e antissociais, utilizado pela literatura psicológica anglo-saxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar (FANTE, 2011, p. 27).

O Bullying ocorre há muito tempo nas escolas. Antigamente era conhecido como “brincadeiras de mau gosto”, em que alguns alunos perseguiram e colocavam apelidos que acabavam ridicularizando e intimidando os colegas. Assim, Fante (2011) nos remete a questões comportamentais, que podem ser agressivas e também antissociais, as quais encontramos em diversos momentos na escola. Nesse sentido, o diálogo se faz necessário para evitar consequências mais severas entre os alunos.

É um dos assuntos que possui importância na sociedade em que estamos inseridos e que merece ser dialogado, evitando que se propague nas escolas ou até mesmo em grupos fora dela. A necessidade do diálogo é para evitar as possíveis consequências que o Bullying pode desencadear no ser humano que sofre, pois:

[...] causam sérios transtornos e que podem levar as vítimas a cometerem suicídio e ao homicídio entre estudantes [...] O *Bullying* envolve atitudes hostis, intimidadoras sem nenhum motivo aparente, indicada na grande maioria dos casos em relações de desigualdades entre agressores e vítimas, marcada pelo uso da força física, na grande maioria dos casos, em que se estabelece uma relação de poder. Este é um problema mundial presente em praticamente todas as instituições de ensino, mas que ainda é um problema desconhecido pelos pais e sociedade em geral e por muitas vezes também é ignorado por parte das escolas brasileiras. A comunidade escolar não se sente preparada para lidar com esse tipo de violência e escolhem se omitir quanto a toda problemática enfrentada cotidianamente (SILVA; BORGES, 2018, p. 28-29).

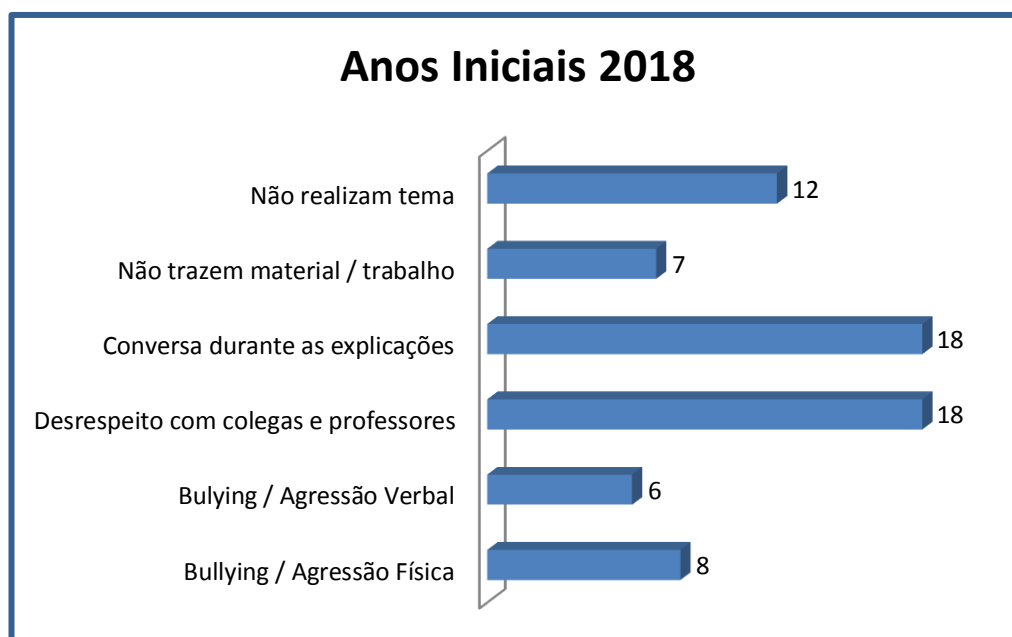
Silva; Borges (2018) ressaltam que as possíveis causas do Bullying podem ir desde a falta de inserção de valores no ambiente familiar e de regras de convivência em grupo, até falta de limites que podem desenvolver atitudes não coerentes para viver em sociedade, na qual é preciso ter respeito com o próximo para conseguirem um convívio harmonioso e solidário com o outro. Este tema, o Bullying, foi um dos abordados durante a intervenção do projeto, pois acreditamos ser indispensável a compreensão e pensar em possíveis ações que minimizem esse tipo de comportamento na escola.

Continuando a análise documental, a escola possui outra técnica de registros, que é feita através de Cadernos Individuais por Turma, uma das metodologias que a escola já vinha desenvolvendo e que a nova gestão de 2020 entendeu e concorda como sendo uma das maneiras eficazes da

Orientação Educacional e os demais professores da turma estarem cientes do que acontece com a turma ou aluno específico dentro da sala de aula.

Nestes casos, após a análise dos dados, encontramos as seguintes informações no ano de 2018, 2019 e 2020 respectivamente, divididos em anos iniciais e anos finais, tendo em vista que não obtivemos acesso aos registros dos anos anteriores (2015, 2016 e 2017), pois são arquivados por um período de 2 anos.

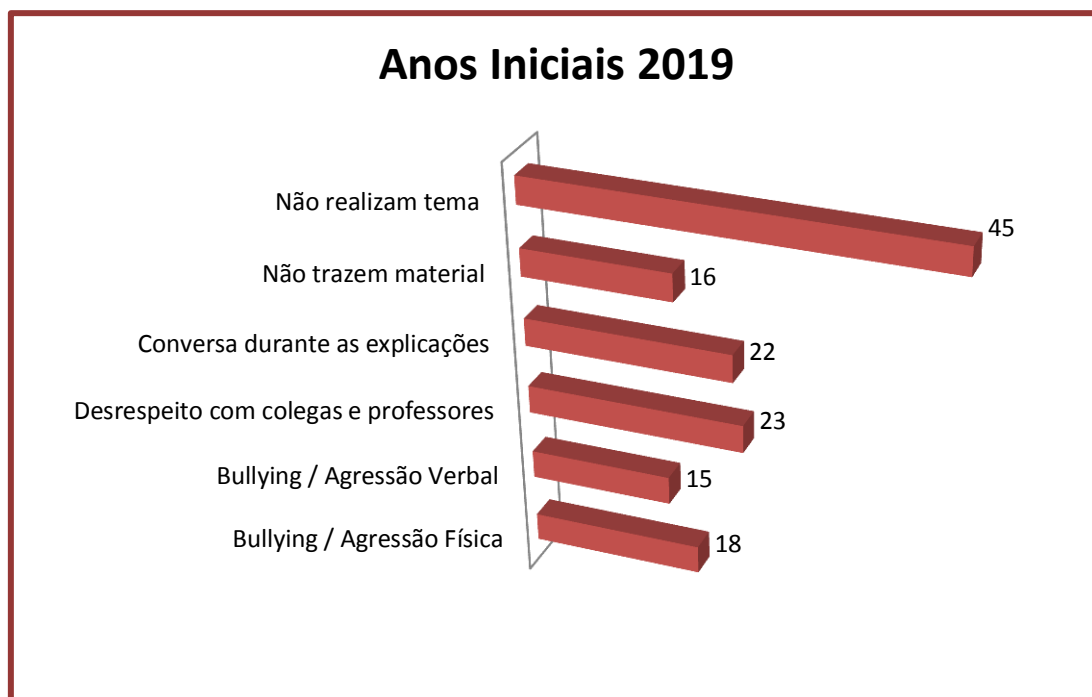
Figura 10: Ocorrência no Caderno Individual Anos Iniciais 2018



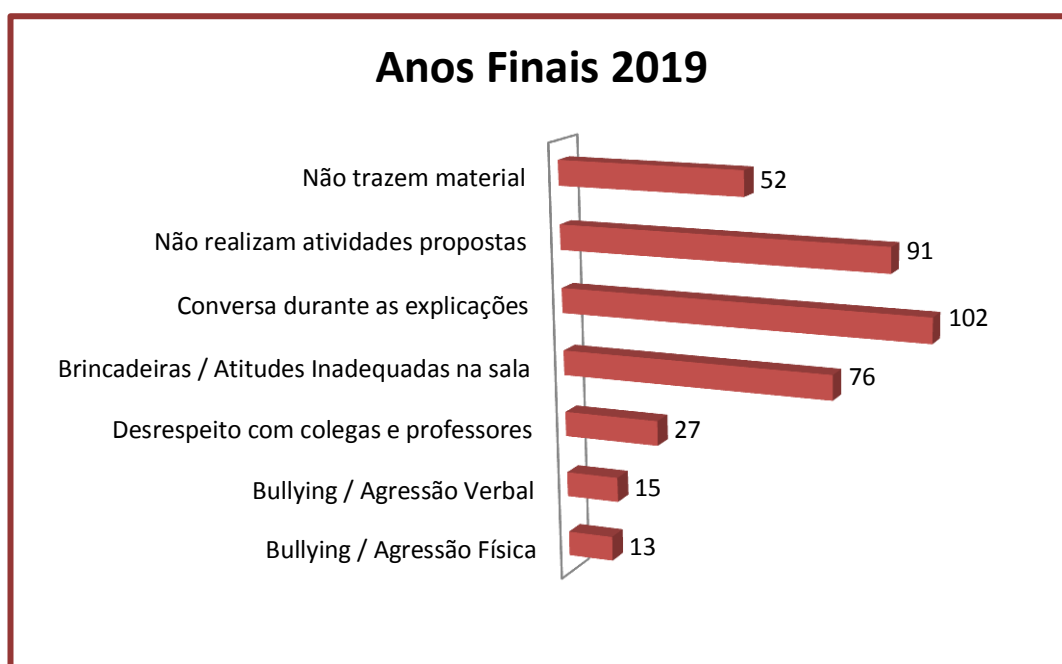
Fonte: Caderno Individual por Turma

Figura 11: Ocorrência no Caderno Individual Anos Finais 2018

Fonte: Caderno Individual por Turma.

Figura 12: Ocorrência no Caderno Individual Anos Iniciais 2019

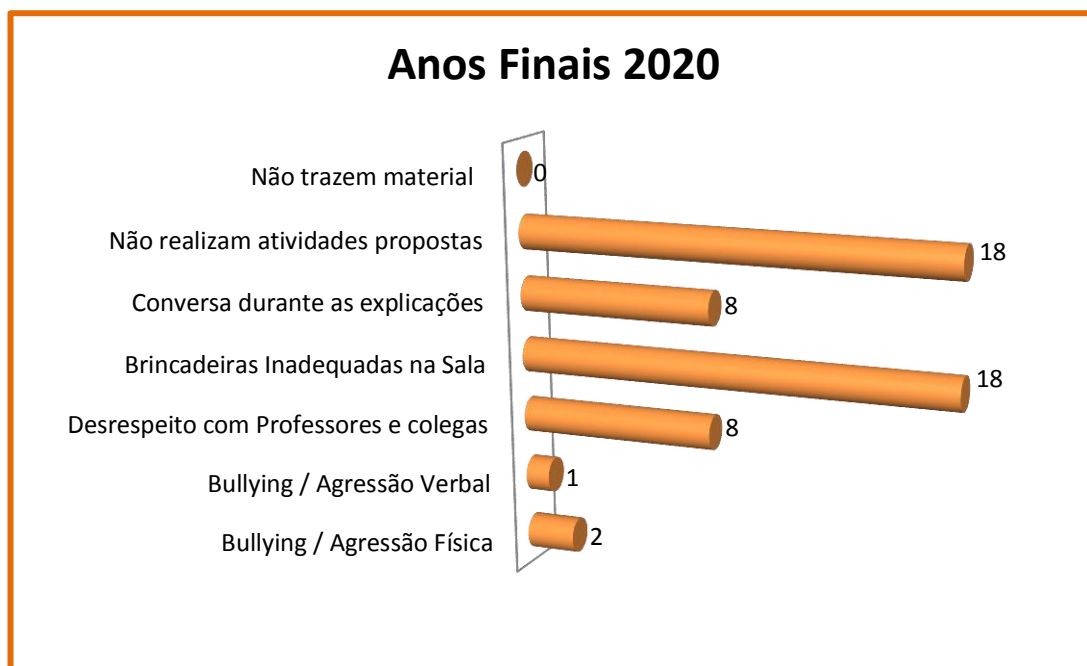
Fonte: Caderno Individual por Turma.

Figura 13: Ocorrência no Caderno Individual Anos Finais 2019

Fonte: Caderno Individual por Turma.

Figura 14: Ocorrência no Caderno Individual Anos Iniciais 2020

Fonte: Caderno Individual por Turma.

Figura 15: Ocorrência no Caderno Individual Anos Finais 2020

Fonte: Caderno Individual por Turma.

Durante a análise sob os cadernos individuais por turma, nos deparamos novamente a alguns quesitos registrados como: brincadeiras inadequadas, não trazem material, não realizam atividades propostas, conversa durante as explicações, entre outras que pensamos: será algo grave para ser registrado? Qual o verdadeiro sentido do registro no Caderno por turma? E o livro de ocorrência?

Na realidade, nessas ocorrências registradas não há indícios claros para que possamos dialogar sobre o contexto escolar sem vulgarizar. É preciso atenção quando fazer um registro de um aluno, funcionário, professor ou outro servidor da escola, pois quem está presente no ato do ocorrido consegue compreender o que aconteceu. No entanto, a pessoa que vai ler o relato posteriormente, se não estiver bem claro e definido o registro, poderá ter dúvidas e questionamentos, assim como estamos dissertando nesta pesquisa, e precisavam ser destacadas.

Além de termos coletado e analisado os dados, também expressamos o resultado em gráfico dividido por ciclos: anos iniciais e finais. Elaboramos uma planilha anual por turma, disponível nos anexos, com os registros dos Cadernos Individualizados por Turmas.

Através da análise dos cadernos por turma, percebe-se que, mesmo não estando registrados em Livros de Ocorrência, vários fatos ocorrem na escola, os quais envolvem questões de Bullying (agressão física e verbal), desrespeito entre colegas e professores, não realizam tema e atividades propostas, conversam durante as explicações, brincadeiras inadequadas em sala, entre outros. Cabe salientar que não obtive acesso a todos os cadernos individuais por turma de 2018 e 2019, pois não estavam na escola, segundo a Coordenação Pedagógica, o caderno pode ter ficado com algum professor de sala após algum registro.

Percebe-se que os números das ocorrências aumentam a cada ano letivo e entende-se a necessidade de realizar intervenções com algumas ações envolvendo alunos, professores e a comunidade escolar, onde possam ser reforçados os valores que a escola defende em seu PPP. A gestão atual procura fazer com que a família esteja mais próxima da escola e também possa acompanhar o desenvolvimento escolar dos seus filhos, mas também é importante que ações sejam realizadas tendo o envolvimento dos alunos em prol da escola, da comunidade, bem como em seu próprio desenvolvimento como ser humano.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico irá versar sobre os temas: cultura de paz e o seu contexto histórico, onde ampliamos os nossos conhecimentos, compreendendo a amplitude do que significa auxiliar na construção da paz, pois a paz significa que devemos trabalhar juntos, valorizando as nossas diferenças, preservando os valores, promovendo o respeito e o educar para a paz, desenvolvendo práticas pedagógicas e proporcionando momentos de reflexão sobre a violência que cerca os ambientes nos quais estamos inseridos.

5.1 CONTEXTO HISTÓRICO DA CULTURA DE PAZ

Segundo ressalta Jares (2007) em sua obra *Educar para a Paz em Tempos Difíceis*, a educação para a paz possui, em seu contexto histórico, quatro momentos marcantes: 1) legado da Escola Nova; 2) colaboração da UNESCO; 3) contribuição da Pesquisa para a Paz e 4) Não-Violência.

O primeiro momento marcante, o qual refere-se ao movimento da Escola Nova, teve início no século XX, pois foi um movimento que além da questão humanista renovadora, também teve o fator sociopolítico como fundamental, envolvendo as consequências socioeconômicas da Primeira Guerra Mundial.

Conforme Jares (2007), podemos destacar algumas características fundamentais, como por exemplo: Necessidade de desenvolver uma educação visando uma compreensão internacional para evitar a guerra; otimismo, confiança e vitalidade no ser humano, o qual irá conseguir superar as contradições e encontrar o caminho da paz; utopismo pedagógico; atividades úteis à sociedade, entre outras.

Este período também foi marcado pelo enfoque nos problemas sociais e a transformação do meio escolar, os quais estão relacionados à educação para a paz. Durante o legado da Escola Nova, várias experiências de escolas novas foram agrupadas, tendo a contribuição de importantes pedagogos, de vários países. A escola nova trouxe críticas a escola tradicional, abarcando os métodos e propostas didáticas abrangendo a militarização (infância e juventude). Relacionavam a escola como uma das responsáveis pela Primeira Guerra Mundial, mas logo após a Guerra, vários pensadores e historiadores ressaltaram que na escola deveria trabalhar e ter uma atenção para a questão

social, proporcionando momentos de harmonia. Por isso, acentua-se “[...] a atenção para a educação social, como forma de reproduzir na escola uma convivência harmoniosa, base do pacifismo” (GONZÁLES, 1983, p. 29 apud JARES, 2002, p. 28).

Percebe-se que, após a Primeira Guerra Mundial, teve início um grande movimento tendo como ideia principal, evitar o conflito armado. O sistema educativo precisava de uma reforma, assim como as práticas pedagógicas. A Sociedade de Nações foi criada no ano de 1919, sendo um órgão significativo que arbitraria medidas para solucionar conflitos internacionais e também melhorar as relações, mas não deu a devida atenção aos assuntos pedagógicos.

Em 1923, durante a quarta Assembleia da Sociedade das Nações - SN, “[...] foi aprovada uma proposição em que se recomendava aos governos dos Estados pertencentes à Liga que tomassem medidas que levassem ao conhecimento das crianças e dos jovens a existência e os fins da SN” (JARES, 2002, p. 29), pois com essa atitude foram solicitados aos estados-membros e os demais que facilitassem o intercâmbio escolar (professores e cientistas).

Para dar uma continuidade efetiva nos trabalhos, em 1925 foi criado um subcomitê para estudar os melhores métodos para informar os jovens do mundo inteiro sobre os princípios e trabalhos da SN, reforçando a cooperação internacional. Por volta de 1927, o subcomitê, o qual era dividido em três seções de trabalho (meios, recursos e organização), reforçou algumas propostas importantes, as quais algumas estavam relacionadas à educação para a paz.

Através do movimento pedagógico, o qual se deu em torno do Instituto Genebrino J. J. Rousseau, em 1926 foi possível criar a Oficina Internacional de Educação - OIE, a qual é um elemento decisivo no conceito da educação para a paz, pois além de envolver vários teóricos da EP, estavam participando ativamente o francês Pierre Bovet e o catalão Pere Rosseló. A OIE proporcionou várias jornadas, congressos, exposições, contando sempre com muito material e publicações envolvendo a educação e a paz, educação moral, entre outros assuntos importantes.

A autora italiana Maria Montessori é uma referência na EP, não somente em termos de conceito, mas de difusão. Defende um conceito de paz positiva,

sendo necessária uma reforma social construtiva. Insiste no denominado “utopismo pedagógico”, onde afirma que a infância é que trará a paz para a humanidade. Percebe-se que a criança, na visão da autora, é considerada como um ser inocente, puro e que devemos auxiliar a criança a tornar-se um ser humano independente, que possa agir por si.

Montessori participou de numerosos congressos, onde defendeu a criança e uma educação com vistas a um mundo melhor, onde a busca da paz por meio da educação foi uma de suas bandeiras. Ressalta que o homem ainda não conseguiu conhecer seu potencial de bondade, pois ainda está em busca de soluções relacionadas à ideologias políticas e à ciências econômicas, mas se esquece de buscá-las em uma educação, a qual priorize o ser humano harmonizado consigo mesmo e com o universo, na qual seria a solução definitiva para a construção da paz.

Em 1937, aconteceu o Congresso Educar para a Paz, realizado em Copenhague (1937), Montessori afirma que a infância é que trará a paz para a humanidade, pois:

[...] o que podemos e devemos fazer é ativar a construção do ambiente que ofereça as condições para o desenvolvimento normal. A energia psíquica da criança, uma vez despertada, se desenvolverá segundo as leis, de tal forma que também será um reflexo para nós... Esse é o tesouro de que necessitamos hoje: ajudar a criança a tornar-se independente de nós, a agir por si, para receber dela esperança e luz (MONTESSORI, s.d., p.73 apud JARES, 2002, p. 35).

Jares (2002) ressalta alguns pensamentos montessoriano relacionados à EP, os quais podem ser resumidos brevemente:

- 1) Critica a educação tradicional, competitiva, individualista, não-solidária e assentada na obediência como obstáculo à consecução da paz. Montessori, segundo Jares (2002, p. 36), ressalta que “[...] a obediência a que está sujeita a criança na família e na escola, obediência que não admite razão e justiça, prepara o homem para ser submisso à fatalidade das coisas”, em face dessa situação, propugna a formação de pessoas autônomas, livres e seguras de si mesmas.

- 2) Enorme confiança na infância, mais do que no ser humano, como “ser puro, neutro igualmente livre e desligado de todas as idéias (sic) filosóficas e dos partidos políticos” (MONTESSORI, s.d., p. 136 apud JARES, 2002, p. 36).
- 3) Considera a infância como agente de transformação social. Nas palavras de Montessori, “devemos recorrer à infância como a um Messias, a um salvador, a um regenerador da raça e da sociedade” (MONTESSORI, s.d., p. 20 apud JARES, 2002, p. 36); “somente a infância poderá nos guiar, à medida que estivermos interiormente preparados para segui-la, e conduzir-nos do zero e do início ao desenvolvimento” (MONTESSORI, s. d., p. 123 apud JARES, 2002, p. 36).
- 4) Utopismo pedagógico: construir a paz é obra da educação, embora:

[...] utopismo montessoriano tenha uma variante que se baseia em outorgar à infância a capacidade de mudar o mundo, dado que nós adultos já estamos contaminados, e o papel que nos cabe é o de facilitar que essa infância, ainda não-contaminada, possa gerar novas relações sociais das quais desapareça a guerra (JARES, 2002, p. 36).

- 5) Importância do trabalho, tanto na educação como na vida social, para conseguir a paz. Segundo Montessori (s. d., p. 88 apud JARES, 2002, p. 37) “participar de uma forma consciente na produção, não para aprender uma profissão, mas sim porque trabalhar significa ter contato com a vida”.
- 6) Universalismo ou concepção cósmica da humanidade.
- 7) Além da educação, advoga a chamada “ciência da paz” para conseguir a paz.

O segundo legado marcante citado por Jares (2002) se refere à colaboração da UNESCO, pois a educação para a paz em sua perspectiva estava centrada basicamente em três aspectos: 1) compreensão internacional e consciência supranacional; 2) ensino relativo ao sistema de Nações Unidas e organismos internacionais e 3) ensino relativo aos direitos humanos (UNESCO, 1983b apud JARES, 2002, p. 57).

A OIE e a UNESCO promovem desde 1947 “conferências e reuniões internacionais específicas sobre educação para a compreensão internacional, além de outras ações e publicações” (JARES, 2002, p. 57), pois o tema é fundamental e podemos perceber atualmente que a cultura para a paz já vem desde muito tempo e que ainda tem muitas ações que o ser humano precisa desenvolver.

Os aspectos mencionados anteriormente estão integrados pela própria UNESCO na formulação genérica de educar para a compreensão internacional, pois estes três aspectos foram associados no artigo 26, parágrafo segundo, da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a qual foi aprovada em 10 de dezembro de 1948 e consta o seguinte texto:

A instrução será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A instrução promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades nas Nações Unidas em prol da manutenção da paz (UNESCO, 1948, p. 14).

Podemos apresentar, de forma resumida, alguns pontos importantes sobre os três aspectos mencionados, conforme o pensamento de Jares (2002):

- 1) A educação para a compreensão internacional foi definida na Conferência Geral de 1947, como objetivo da organização e complemento da preocupação inicial centrada na paz e na segurança. Para concretizar e divulgar essa idéia (sic) realizaram-se diversos cursos de formação e reunião de debates dirigidos especialmente aos professores (JARES, 2002, p. 58). Para a compreensão internacional, na precisão do ensino, destacavam-se cinco aspectos: Ensinar como viveram e vivem outros povos; Reconhecer a contribuição de cada nação ao patrimônio comum da humanidade; como um mundo dividido pode chegar a ser cada vez mais solidário; inculcar a convicção de que as nações devem cooperar nas organizações internacionais e organizar os estabelecimentos escolares para a aprendizagem da democracia, liberdade, igualdade e fraternidade, mediante a experiência vivida. (JARES, 2002, p. 58).

- 2) Nas Conferências da UNESCO de 1950, 1951, 1954, 1956 e 1958 reforçam-se as recomendações sobre o ensino acerca do sistema das Nações Unidas, incorporando progressivamente contribuições metodológicas e de recursos. Cinco grandes temas foram incluídos nesse tipo de ensino, os quais foram: Antecedentes e evolução da ação cooperativa mundial e importância desse conceito para a segurança do mundo moderno; estrutura das Nações Unidas; Funcionamento dos organismos das Nações Unidas; Conceitos e valores característicos das diversas culturas e Estados membros e Conceitos fundamentais de liberdade humana, dignidade valor e responsabilidade do indivíduo como eixo de uma educação cívica, nacional e internacionalmente considerada. Jares (2002, p. 61) ressalta que o ensino iria melhorando com o uso de novos materiais audiovisuais e de outros tipos, elaborados pelos organismos internacionais, tendo a ajuda de especialistas e bolsistas, bem como novos procedimentos.
- 3) O terceiro e último aspecto citado por Jares, refere-se à educação em direitos humanos, a qual teve início oficialmente com a proclamação da Carta das Nações Unidas.

Os fundadores da organização perceberam que a violação dos direitos humanos tinha sido uma das causas da Segunda Guerra Mundial e chegaram à conclusão que não se conseguiria um mundo pacífico sem uma proteção internacional dos direitos humanos eficaz. (JARES, 2002, p. 61 apud UNESCO, 1969, p. 9).

O autor ressalta a importância de incluir no ensino:

Aspectos que vão desde a aprendizagem da resolução não violenta dos conflitos, o estudo de diversos conteúdos em torno da história e do significado dos direitos humanos, a importância do clima da escola no sentido de que seja da democracia e da participação, a combinação dos enfoques positivos e negativos, até a formação de professores (JARES, 2002, p. 65).

Corroborando com a citação acima, em relação à formação de professores, o quanto importante ela é para o desenvolvimento do trabalho em

sala de aula, onde o professor encontrará mais subsídios para o desenvolvimento do seu trabalho.

A UNESCO trabalha em prol da educação acerca dos três aspectos mencionados de forma resumida acima, mas também relaciona-se com a educação para o desarmamento e por último o Plano de Escolas Associadas à Unesco - PEA, pois é um projeto que “pode-se experimentar, desde a sua criação, a evolução da alternativa de ‘educação para a compreensão internacional e a paz’ elaborada pela Unesco” (JARES, 2002, p. 67).

Neste último aspecto que envolve o PEA, o qual foi criado pela Conferência Geral da UNESCO em 1953, sua implementação responde a dois objetivos fundamentais: levar a cabo trabalhos experimentais e programas especiais a fim de estabelecer novos métodos, técnicas e materiais de ensino destinados à educação para a compreensão internacional (UNESCO, 1985^a, apud JARES, 2002, p. 67) e em segundo lugar, “facilitar intercâmbios de informação, correspondência, materiais didáticos, estudantes e pessoal docente entre escolas de diferentes países” (Monclús, 1988, p. 24 apud Jares, 2002, p. 67).

Esse programa da UNESCO permanece até os dias atuais e está presente em 130 países. O Brasil é um dos países signatários da criação do PEA, mas só voltou a participar mais intensamente a partir de 1997, com a formação da Coordenação Nacional, com sede no Rio de Janeiro. Em 2007 Myriam Tricate, foi empossada oficialmente Coordenadora Nacional do Programa.

O PEA, através do seu programa, cria uma rede internacional de escolas que trabalha pela ideia da cultura da paz, por isso estimular a trabalhar com projetos ligados a um tema central, ou simplesmente dirigidos à ampliação da consciência de cidadania. Toda escola associada recebe um certificado internacional de escola membro e tem o direito de utilizar a logomarca do PEA e do Ano Internacional em vigor. Pode também receber materiais da UNESCO e participar de concursos internacionais lançados com frequência pela UNESCO e outras instituições ligadas a ela. O principal benefício é participar de uma comunidade que trabalha pelo mesmo objetivo, troca informações, compartilha projetos e ideais. Isso catalisa os esforços e repercute

positivamente nas escolas, que podem ampliar o trabalho pela cultura da paz, em todas as suas formas.

O terceiro legado citado pelo autor Jares (2002) se refere à contribuição da Pesquisa para a Paz, a qual nasceu nos Estados Unidos, mas foi na Europa que a pesquisa começou a desenvolver as propostas, estudos e autores mais influentes. Jares (2002, p. 82) ressalta que Galtung, em 1964, no editorial do primeiro número do *Journal of Peace Research*, se propôs a definir de maneira formal a Pesquisa para a Paz, como sendo um “estudo das condições que permitem à sociedade passar de uma situação caracterizada pela instituição social guerra a uma situação de paz”, tendo em vista que o pesquisador da paz possa trazer uma contribuição na obtenção da paz, possibilitando assim uma mudança social.

Percebe-se que vários países possuem uma diferença de recursos econômicos, além de estruturas bem desiguais envolvendo a pesquisa para a paz e gastos com outros projetos desenvolvidos (projetos militares, por exemplo), os quais são superiores, pois os recursos destinados para as pesquisas sobre a paz totalizam menos de 5% daqueles que são destinados para fins militares. A maioria dos países não realiza nenhum esforço no sentido de aumentar os recursos para desenvolver novos projetos relacionados à paz.

No entanto, por volta dos anos 1980 é que a Pesquisa para a Paz irá se desenvolver, juntamente com um Movimento pela Paz. Paulo Freire é um dos pedagogos brasileiros que exerceu a maior influência na superação das causas da violência estrutural, sendo que para o autor, a educação não pode deixar de ser crítica e encobrir as realidades sociais, mas oportunizar que os oprimidos sejam ativos na construção da cultura de paz, tendo em vista um mundo não violento.

O quarto e último fato marcante está relacionado à educação para a paz a partir da Não-violência, onde Jares (2002) faz menção às características do pensamento educativo de uma pessoa que simboliza a não-violência: Mohandas Karamanchand Gandhi. Casualmente exerceu a atividade escolar, mas a sua influência se dará por meio do seu pensamento e da sua vida, dando ênfase a proposta educativa do Nai Talim, ou educação por meio do trabalho manual. Gandhi propugnava, segundo Pontara (1987, p. 10, apud JARES, 2002, p. 70), “a centralidade, no âmbito de uma educação não violenta,

do trabalho manual e de uma vida simples”, tendo como conceito comunitário de educação, onde não somente a escola deve estar aberta e integrada ao meio, mas como toda comunidade deve participar e ser responsável.

Corroborando com esse pensamento, Weyer (1988, p. 100, apud JARES, 2002, p. 71) enfatiza que:

A comunidade está aí e é nela que a escola se enraíza, se nutre, se amplia, encontrando nela a imagem vivificante de seu desejo de conhecimento. A educação não é obra de uma única pessoa, mas de todas, assim como a coerência entre o que vivem as crianças e os adultos.

A busca pela parceria da comunidade escolar é vital, pois faz com que os pais se tornem mais responsáveis e presentes com as atividades educativas dos seus filhos, fazendo assim a diferença na vida de ambos. A cooperação, a solidariedade e a empatia são alguns valores que atualmente estão sendo esquecidos, não tão presentes na vida das crianças, dando oportunidade a questões violentas entre eles na escola.

No pensamento de Jares a educação para a paz é concebida:

[...] como um processo educativo, contínuo e permanente, fundamentado nos dois conceitos fundadores (concepção de paz positiva e perspectiva criativa do conflito), que, pela aplicação de métodos problematizantes, pretende desenvolver um novo tipo de cultura, a cultura de paz, que ajude as pessoas a entender criticamente a realidade, desigual, violenta, complexa e conflituosa, para poder ter uma atitude e uma ação diante dela (JARES, 1991, 1992 apud JARES, 2007, p. 44-45).

A partir do desenvolvimento de um novo tipo de cultura, conforme Jares aborda, existe também uma ampliação da educação para a paz através de novos métodos, visando um processo de aprendizagem de forma contínua, incluindo novos campos.

Segundo Guimarães (2011), existe a inclusão de novos campos, como a educação para o desenvolvimento, a questão de gênero e a questão ecológica, pois se entende que:

A conceituação de paz positiva abre uma íntima conexão entre paz e desenvolvimento, de tal forma que a educação para a paz, desde a investigação para a paz, aparece como educação para o desenvolvimento, fazendo dos dois conceitos sinônimos. Certamente, a partir do marco referencial dos *Peace research*, trata-se de uma

concepção ampla de desenvolvimento para além do Terceiro Mundo e do assistencialismo, englobando um enfoque crítico com as atuais divisões do planeta, considerando o próprio progresso do Primeiro Mundo como uma consequência da pobreza do Sul (GUIMARÃES, 2011, p. 65, grifos do autor).

Deste modo, quando o autor remete o termo desenvolvimento, podemos estabelecer relação com o que presenciamos através de notícias, reportagens, artigos, enfim que relatam a questão do assistencialismo e a pobreza que abrange o Brasil. Trabalhar a educação para a paz envolve nos posicionarmos de maneira crítica frente a situação econômica do Brasil, e lutarmos para que a distribuição de renda seja realizada da maneira mais justa possível e diminua a desigualdade social que abrange o contexto econômico brasileiro.

Dessa forma o ambiente no qual os indivíduos estão inseridos influencia diretamente no processo educativo. Educar para a paz precisa envolver determinados valores, como a justiça, a cooperação, a solidariedade, o compromisso, a autonomia pessoal e coletiva, o respeito, conforme aborda Jares (2007, p. 45), os quais irão questionar os valores contrários à cultura de paz, como a discriminação, o etnocentrismo, a intolerância, a indiferença, entre outros.

5.2 A CULTURA DA PAZ NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA

A palavra indisciplina possui diversos significados para um mesmo conceito. Neste projeto de pesquisa, referimo-nos à indisciplina na sala de aula como ao comportamento por parte dos alunos, os quais possuem atitudes não condizentes com as esperadas pelo educador durante a sua prática pedagógica, resultando em perturbações durante o processo de ensino. Domingues (1995) apud Couto (2013) ressalta que a indisciplina contempla todo o comportamento que vise o não cumprimento das regras, o que pressupõe que existam regras definidas, constituindo normas básicas de convivência (apud Couto, 2013, p. 19).

Vasconcelos (2009, p. 24-25) menciona que a

[...] questões de indisciplina escolar, sempre as tivemos [...], portanto, o desafio da disciplina não é novidade. Nova é a intensidade com que vem se impondo nos últimos anos.

Percebe-se que a disciplina é uma exigência para o processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, seja ela considerada em termos individuais ou coletivos, segundo Vasconcelos (2009, p. 25). Isso nos faz pensar nas diversas ocorrências que vem aumentando gradativamente na EMEF Prof.^a Marina Vargas, como por exemplo: Conversa durante as explicações, desrespeito com professores e colegas, entre outros. Será que esse ambiente está favorável a aprendizagem?

Vasconcelos (2009, p. 25-26) salienta que a ausência da disciplina:

[...] inviabiliza o crescimento do sujeito, uma vez que a aprendizagem, especialmente escolar, é um processo rigoroso, sistemático, metódico. O objeto de conhecimento é, digamos assim, *caprichoso*, complexo, não se entrega de imediato ao sujeito. Para que possa se submeter a essa exigência do objeto, o aluno deve estar num clima de trabalho favorável, o que exige disciplina [...] se é verdade que o interesse favorece a disciplina, é preciso reconhecer a recíproca: para haver interesse, é preciso disciplina; caso contrário, dado o clima de dispersão, os alunos sequer consegue pôr a atenção sobre o objeto de estudo.

A partir desta constatação, é preocupante o destaque que se tem direcionado ao aspecto da indisciplina, a intolerância, o desrespeito, a violência escolar. Buscam-se diferentes estratégias imediatas de combate, pois Vasconcelos reforça ser necessário refletir sobre as normas de construção da disciplina, da convivência, da paz. Jesus (1999, p. 31 apud AFONSO, 2006, p. 77) refere que

[...] a indisciplina dos alunos integra todos os comportamentos e atitudes que estes apresentam como perturbadoras e inviabilizadoras do trabalho que o professor pretende realizar.

Pensa-se que para ocorrer uma aprendizagem sadia, tanto o aluno como o professor requerem um ambiente favorável, no qual encontramos respeito e disciplina, os quais são regras de uma boa convivência. Paula e Salles Filho (2014, p. 4) refletem sobre o que é necessário para que o aprendizado realmente ocorra nas salas de aula: o respeito, a harmonia, a solidariedade, a fraternidade, o companheirismo e tantos outros valores que a cultura da paz traz.

Sabe-se que, atualmente, atitudes de indisciplina de alunos são corriqueiras, podemos verificar isso a partir dos gráficos presentes no

diagnóstico desta pesquisa no que se refere às ocorrências registradas na escola. Por outro lado, além de ouvirmos muitos professores se queixarem dos alunos quanto à indisciplina, podemos nos perguntar se foi em algum momento realizada uma reflexão e tentado compreender o que estava acontecendo? O que se passou por trás das atitudes dos alunos em sala de aula?

Vasconcelos (2009, p. 60) nos propõe uma reflexão:

Alguns professores na ânsia de diretrizes para a ação, vão logo afirmando: “Já sabemos o que está acontecendo, até porque vivenciamos na pele”, almejando “pular” essa parte da reflexão e ir logo “para a prática”, ver o que fazer. Não temos dúvida da necessidade de chegar a o *que* fazer; mas, confrontando o argumento acima, lembremos a diferença entre vivenciar e ter consciência do vivido: se a simples experiência trouxesse automaticamente a consciência, certamente o mundo seria outro! Pelo contrário, o cotidiano tende a ser mistificado, eivado de explicações ideológicas, que mais oculta do que revelam a essência dos fatos.

Realizar uma análise caso a caso muitas vezes pode parecer complicado, pois geralmente o desconforto da grande maioria dos educadores se refere à duas queixas básicas, conforme o autor acima menciona: a falta de interesse dos alunos (desinteresse, indiferença, desmotivação) e a falta de limite dos alunos, sendo que a segunda engloba: desrespeito, agressividade e desobediência às normas. São questões que podem ir muito além da sala de aula. Tentar identificar a causa pelo comportamento do aluno pode ser considerado uma tarefa complexa, pois vários fatores podem estar envolvidos, como por exemplo, situação familiar, influência dos meios de comunicação, sistema social, sistema de ensino, condições de trabalho e até mesmo a proposta de trabalho (conteúdo e metodologia), afirma Vasconcelos (2009, p. 62).

A solidariedade é um valor que compõe a cultura de paz, e este também é um valor que está relacionado à questão de limites no âmbito escolar. Vasconcelos (2009, p. 169-170):

[...] reconhece que a solidariedade não pode se manifestar onde não há limites, onde não se dá um basta à expansão exacerbada de determinados egos, desenvolvendo a sensibilidade para ver o outro, reconhecer que tem direitos, além de necessidades e desejos. Os limites, portanto, são bem-vindos [...] o limite é necessário na formação do sujeito. O educador não deve se sentir culpado por fazer

uso dele. Análogo ao medo que o pai tem de perder o amor do filho é temor do professor perder o afeto do aluno. Mas, se entrar nesse jogo de não estabelecer limites para não perder o afeto, aí é que perderá mesmo, pois deixará de ser uma referência para o aluno. As crianças – assim como o jovem e o adulto – precisam de limites [...] os educadores conscientes procuram distinguir os limites necessários, que ajudam a crescer, e os limites arbitrários, autoritários, frutos do capricho ou de estados emocionais afetados.

Então, devem-se desenvolver ações reflexivas acerca dos comportamentos que envolvem os alunos na instituição de ensino, visando uma educação voltada para a paz, valorizando o contexto e analisando caso a caso de maneira individual.

Segundo Vasconcelos (2009, p. 172):

Trabalhar com os limites é saber desenvolver o senso de realidade; ter limites é despertar para o fato de que não somos o centro do universo; nesta medida, é ajudar o processo de socialização. Esse trabalho, no entanto, deve ser complementado por outro da maior importância: os valores.

Assim, o autor nos faz refletir e defende um trabalho que seja complementado por outro visando os valores, uma vez que implica no comprometimento junto às atitudes perante a sociedade na qual os indivíduos estão inseridos.

Portanto, faz-se necessário construir uma educação para a paz, que envolva “[...] dotar as crianças e os adultos de uma compreensão dos princípios e respeito pela liberdade, justiça, democracia, direitos humanos, tolerância, igualdade e solidariedade” (DUPRET, 2002, p. 91).

Paulo Freire ganhou, em 1986, o prêmio da UNESCO de Educador para a Paz. O seu discurso de agradecimento nos faz refletir e nos deixou o que ele entende por educar para a paz:

De anônimas agentes, sofridas gentes, exploradas gentes aprendi, sobretudo, que a Paz é fundamental, indispensável, mas que a Paz implica lutar por ela. A Paz se cria, se constrói na e pela superação de realidades na construção incessantes da justiça social. Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças, o torna opaco e tenda a miopizar as suas vítimas (FREIRE, 2006, p. 388).

Refletindo sobre as palavras de Freire, os contextos sociais e culturais devem ser valorizados, devemos lutar pela paz, desvelando esse mundo de

injustiças e não devemos somente olhar estatisticamente para violência, indisciplina, Bullying, agressões ou qualquer outro problema, mas deve-se compreender que a paz não é uma condição natural, assim como não é a violência, ambas são processuais e construídas (CARDOSO; SILVA, 2013, p. 12).

Segundo Charlot (2002), a questão da violência não é tão nova historicamente. Por volta dos anos 1950 e 1960 as relações foram grosseiras envolvendo alunos junto aos estabelecimentos de ensino. O autor ainda menciona sobre as angústias sociais relacionando formas de violência muito mais graves (homicídios, estupros, agressões com armas) e em alguns casos “a escola não se apresenta mais como um lugar protegido, até mesmo sagrado, mas como um espaço aberto às regras vindas de fora” (CHARLOT, 2002, p. 433).

Percebe-se que os agentes envolvidos no processo educacional precisam compreender sua verdadeira missão para alcançar um trabalho satisfatório, tendo em vista ser um dos personagens principais na tarefa de educar, o mediador do processo, o incentivador do aluno (SCHEFFER; TIGRE, 2007, p. 4). Além de conhecer conceitualmente a violência na escola, a violência à escola e a violência da escola. Charlot (2002) nos faz refletir sobre as distinções conceituais:

A violência na escola [...] se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local [...] a violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam as violências que visam diretamente a instituição e aqueles que a representam [...] e violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (CHARLOT, 2002, p. 434-435).

Se analisarmos criticamente os tipos de violência explícitos por Charlot, existe a diferença entre os três tipos de violência e nós educadores precisamos saber analisar para conseguir desenvolver ações ou buscar apoio e parcerias com o objetivo de amenizar situações conflituosas como essas. A convivência humana é inevitável, para tanto pressupõe diálogo, ação cooperativa e

participativa de todos na resolução de conflitos diários, bem como na busca de soluções para os problemas que envolvem a indisciplina e violência no âmbito escolar.

Salles Filho (2016) traz uma abordagem sobre os três tipos de violência, argumentando que as três questões são interessantes. Também reflete sobre a relação existente entre elas e traz o entendimento de que, se as diferentes violências impedem o pleno desenvolvimento das pessoas, é fato afirmar que quase a totalidade das violências tem origem nas situações de conflitos, reafirmando que se deve “aceitar o conflito como um elemento pedagógico importante nas convivências escolares, especialmente dentro de uma perspectiva crítica da Educação para a Paz” (SALLES FILHO, 2016, p. 263), requer entendê-lo criticamente.

Pensando desta forma, pressupõe que a educação para a paz contribui de maneira significativa para reduzir a questão de violência na escola, visto que não existe uma educação sem que haja transformações, pois “envolve uma mudança profunda em nossos sistemas e pensamento e de ensino, pois não se preocupa apenas com a transmissão de saberes, mas também com a formação de uma nova maneira de ser” (CAINELLI; TEIXEIRA, 2019, p. 30).

6. DESCRIÇÃO E TRANSCRIÇÃO DOS ENCONTROS

O planejamento programado dos encontros de intervenção foi alterado, como previsto no projeto, tendo em vista a Pandemia da Covid-19. A vida de todos mudou drasticamente após março de 2020. Reconhecendo a gravidade do cenário e considerando a área da educação desde o dia 18 de março de 2020, as aulas presenciais na escola em estudo foram suspensas. A comunidade escolar foi orientada que esta forma seria a mais prudente no momento, para que preservássemos a vida de todos. Continuamos trabalhando de forma remota, mesmo sabendo das limitações, porque a intenção era que os processos de ensino e aprendizagem não parassem.

Neste contexto, os riscos que a doença traz requerem cuidados como o distanciamento social para contenção do contágio. Inclusive devemos nos preocupar com a manutenção das nossas vidas e da saúde, que exigem um grande esforço por parte de toda a população. Além dos cuidados, para uma boa parte dos indivíduos, o isolamento social foi e está sendo momento de novas aprendizagens, de aproximação familiar, de novas atividades, entre outras coisas que muitas pessoas estão fazendo. Fatores que também nos fizeram refletir sobre o tema em voga neste trabalho: a paz.

No entanto, não podemos esquecer que muitos brasileiros estão passando por dificuldades até mesmo para adquirir alimentos básicos. E o que dizer das contas a pagar? O agravamento da crise sanitária afetou todos os setores da sociedade, e a educação foi uma das áreas atingidas que precisaram de algumas reformas emergenciais. A desigualdade educacional no país ficou explícita, e tudo indica que está longe de ser reduzida, pois:

A pandemia do novo Corona vírus deixou claro um Brasil dividido socialmente, culturalmente e economicamente, com vários dilemas e lacunas para serem sanadas no setor educacional, principalmente na educação pública (SILVA; SOUZA; MENEZES, 2020, p. 311).

Essa divisão social citada por Silva, Souza e Menezes (2020) faz parte da nossa realidade, e podemos estabelecer uma relação com o ensino remoto emergencial, o qual não é um modelo ideal para desenvolvermos a aprendizagem, mas em virtude do momento que estamos vivendo, foi uma das estratégias adotadas pelos governos municipais, estaduais e federal. Ressalto

que em pleno século XXI, através das experiências vividas na escola, o acesso à Internet não é algo que todo o cidadão possui e que afeta diretamente no ensino das crianças, jovens e adultos neste momento pandêmico. Sendo assim, novas metodologias e recursos precisam ser elaborados para que possamos contemplar a todos os envolvidos, pois todos têm direito a educação.

A pandemia, além de ser algo complexo sobre o ponto de vista social, econômico, político e sanitário, que abrange o mundo inteiro, nos proporciona momentos de reflexão acerca do modo de vida que vínhamos tendo, e nos orienta a analisarmos com maior clareza o que podemos fazer para contribuirmos para uma sociedade mais humana e menos competitiva. Boa Ventura Souza Santos explana:

A claridade pandêmica e as aparições em que ela se materializa. O que ela nos permite ver e o modo como foi interpretado e avaliado determinarão o futuro da civilização em que vivemos. Estas aparições, ao contrário de outras, são reais e vieram para ficar (SANTOS, 2020, p. 10).

Esta pesquisa busca refletir e pontuar questões que envolvem o momento pandêmico, pois assim como Santos (2020) ressalta, o que podemos ver através dessa pandemia, e como se materializa essas aparições, considerando o contexto no qual estamos desenvolvendo o nosso trabalho – remotamente – a tecnologia é a ferramenta mais utilizada no meio educacional.

Os educadores precisaram se reinventar para desenvolverem os processos de ensino. Nesta linha, a proposta inicial do Projeto do Mestrado, de realizarmos as atividades de forma presencial, envolvendo a comunidade escolar, precisou ser adaptada e ser aplicada de forma on-line, utilizando a plataforma Zoom ou Meet.

Alguns professores que iriam participar, em função da nova metodologia adotada, não conseguiriam contribuir. Sendo assim, o grupo que analisou e confirmou a participação contemplou a Equipe Diretiva, professores de anos iniciais, finais, educação infantil e pais de alunos da escola. A ideia de convidar alguns pais para fazer parte deste momento foi a partir de um diálogo com uma das Coordenadoras Pedagógicas, totalizando assim onze participantes.

Foi criado um Grupo de Whatsapp (pois todos tinham acesso a este aplicativo) para facilitar a comunicação e o compartilhamento de materiais para prévias leituras, bem como reflexões posteriores. Os encontros das intervenções foram desenvolvidos no turno da noite, tendo duração aproximadamente de 1 hora e 30 minutos cada um, através da Plataforma Zoom e Meet¹⁰. Durante os 10 (dez) encontros, tivemos a participação de convidados, bem como o diálogo de vários temas que abordam a Cultura de Paz e temas correlacionados, conforme descrição a seguir:

6.1 DESCRIÇÕES DOS ENCONTROS

Foram desenvolvidos dez encontros, envolvendo contextualização, discussões, análise e construção final do Protocolo, o qual não se concretizou em algo escrito, mas a criação de um pequeno vídeo, contendo algumas definições, palavras chaves sobre o tema, bem como o depoimento de alguns participantes sobre o desenvolvimento do seu trabalho relacionando com a temática abordada no projeto. Após as intervenções, o vídeo construído pelo grupo foi publicado no YouTube (no canal da pesquisadora). Após cada encontro descrito consta a análise sob a visão da pesquisadora.

PRIMEIRO ENCONTRO – 19 de agosto de 2020

No primeiro momento agradei a presença de todos pela participação voluntária, salientando as modificações, transformando o presencial em remoto, palavra esta muito utilizada em 2020 e tendo continuidade em 2021, em função da pandemia vinculada ao Covid-19. Dando prosseguimento, passei a palavra ao Professor Jefferson, o qual fez a sua apresentação, agradecendo por estarem conosco neste projeto, bem como abordando sobre a metodologia utilizada neste momento, a qual não é a ideal, mas algo estratégico para seguir as atividades, onde o remoto serve para essa excepcionalidade. Apresentou o funcionamento do Mestrado Profissional em Educação, bem como as suas características, o qual está relacionado diretamente à educação básica. Logo, abordou sobre o Projeto, ressaltando que não será uma formação, mas que os

¹⁰ Plataforma Zoom e Meet foram duas opções de aplicativos utilizados nos encontros, pois após o primeiro encontro foi decidido que iríamos adotar o Meet no decorrer das intervenções.

participantes sejam co-partícipes neste processo. Em seguida, despediu-se, desejando um bom trabalho e se colocando à disposição, destacando que a pesquisa do mestrado tem esse caráter de ser o que o professor faz durante toda a vida, pois todo professor é um pesquisador.

Explanei sobre o início do Projeto, como foi organizado, pois o mesmo não foi construído para ser aplicado junto a Escola Professora Marina Vargas, mas sim em outra escola municipal onde estava lotada em 2019. Em virtude das mudanças profissionais relacionadas a minha vida, alteramos o projeto para ser aplicado na EMEF Prof.^a Marina Vargas, tendo em vista que já tinha pesquisado e aprofundado bastante nesta área. Apresentei a pesquisa para a Equipe Diretiva da escola e a mesma achou interessante continuar o desenvolvimento na Instituição de Ensino.

Expliquei aos colegas como tinha sido coletado os dados até aqui estudados, análise dos documentos como o PPP, Regimento e Livros de Ocorrências, informações estas que se encontram no Capítulo 4, subtítulo 4.1 e 4.1.2. Repassei a ideia para o grupo de montarmos um documento, este chamado de Protocolo de Cultura de Paz do Marina Vargas, contendo vários olhares, estudando e construindo a cada encontro. Os encontros precisavam ter avaliações, foi pensado em utilizar o chat da plataforma Zoom ou Meet para interagir ou usar o microfone, bem como no dia seguinte, um dos participantes pudesse dialogar comigo sobre o encontro anterior.

A primeira discussão foi sobre o histórico da cultura de paz, tema que se originou na Europa, tendo um dos primeiros fatos marcantes, o Movimento da Escola Nova, no início do século XX, envolvendo as consequências da Primeira Guerra Mundial. Rousseau, Montessori e Freire são referências na Educação para a Paz, assim como a ONU e a UNESCO, abordam educação e direitos humanos e educação para o desenvolvimento sustentável.

Mencionei que o plano Nacional de Educação (2014-2024) contém metas relacionadas a medidas de diminuição das violências nas escolas, além da Lei n.º 13.185 de 06 de novembro de 2015, que Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). A cultura de paz sendo defendida e dialogada com mais ênfase nos últimos tempos.

Percebe-se motivação nas discussões sobre a paz, pois em 2018 foi criada a Lei n.º 13.663/2018, a qual altera o Art. 12 da Lei n.º 9.394/1996, para

incluir a promoção de medidas de conscientização, de preservação e de combate a todos os tipos de violência e a promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino.

Salientei que a opinião de cada um é importante, os diálogos são produtivos e visam à construção de um Protocolo importante que possa ser utilizado por vários professores e que os pais, alunos tenham acesso e que possa desenvolver ações significativas envolvendo o educar para a paz. Repassei aos participantes que irei compartilhar materiais para leitura através do grupo de WhatsApp, vídeos que pode servir de subsídios da paz.

Encaminhando-se para o término do encontro enviei um artigo no Grupo de WhatsApp - ***Cultura de paz nas escolas: por uma educação para a paz com fundamentos pedagógicos*** e logo após a leitura, deveriam postar um comentário reflexivo sobre o tema. Assim, encerrei o presente encontro.

Comentários reflexivos enviados pelo WhatsApp após o primeiro encontro

Participante 1: Bom dia Cris! Estava lendo e buscando a reflexão que pediste sobre a Cultura da Paz. Como o próprio nome diz, trata-se de cultura e, infelizmente, a competição é uma prática muito comum dentro das escolas, o que nos leva, quase que invariavelmente, a uma cultura de violência, caminhando no sentido contrário da paz. É preciso uma mudança de perspectiva, hábito, práticas...São muitas questões envolvidas que, naturalmente, permeiam o próprio sistema de ensino, isso sem falar nas questões familiares. É um assunto muito interessante que pode e deve ser trabalhado em sala de aula, na vida cotidiana...e é muito profundo em diversos aspectos. Todos seriam beneficiados!

Participante 2: O texto aborda a importância de se estabelecer uma cultura de paz dentro do ambiente escolar e no cotidiano da vida. É necessário pensar e refletir com base na valorização do ser humano, na inclusão de valores no dia-a-dia, na ética, opondo-se ao preconceito e a violência visando à construção de um espaço de paz para que se possa efetuar na escola o processo de ensino e aprendizagem.

Participante 3: Oi Cris. Tudo bem? Com relação ao artigo sobre a Cultura de Paz – Eu concordo que apesar do avanço na Ciência e Tecnologias a humanidade está muito longe de estabelecer relações de tolerância, empatia e humildade. Cada vez mais assistimos a cultura do individualismo e com isso vem o desrespeito, a intolerância, a agressividade e a falta de amor ao próximo. Espero ter contribuído.

Participante 4: A paz sem nos apropriar, não funciona. Rever nossas ações, não ficar somente no discurso.

Reflexões sobre o tema do primeiro encontro:

Analisando os relatos, percebemos que são necessários momentos de estudo e troca de experiências estabelecendo relações entre a teoria e a prática. Não podemos impor nada a ninguém. O processo da construção da cultura de paz ocorre de maneira lenta, independente de ambiente escolar ou fora dele. Expliquei para os participantes sobre a importância do tema e como seria interessante aplicar o projeto naquela instituição e através do modo remoto, seria um desafio ainda maior, pois os professores estavam inseguros com todas as situações vividas atualmente, na pandemia.

O momento pandêmico provocou um avanço tecnológico na área educacional, proporcionando de uma maneira acelerada e autônoma o estudo sobre novos meios digitais que contemplasse o processo de ensino desenvolvido pelos professores. Através destes novos meios deve-se aproveitar e incluir a temática da cultura de paz, educando-a para tal. É fascinante este tema e também complexo, o qual envolve vários setores da nossa sociedade, do nosso dia a dia e aprofundando o nosso conhecimento acerca do educar para a paz estaremos enriquecendo cada vez mais as nossas práticas pedagógicas, nas quais temos como um dos nossos objetivos, formar seres humanos responsáveis, éticos, participativos, criativos e dispostos a criar uma sociedade mais justa, humana e igualitária.

Conseqüentemente, após alguns comentários a respeito do artigo visando a educação para a paz com fundamentos pedagógicos, ficou evidente que o grupo entende a importância e necessidade de dialogarmos mais, junto

as escolas, tendo como início a reflexão sobre as nossas próprias ações que envolvem a si mesmo, assim como o outro.

SEGUNDO ENCONTRO– 03 de setembro de 2020

Este encontro não foi possível gravar, pois tive problemas técnicos com o notebook e a Internet, realizando assim o encontro através do meu celular usando os dados móveis, mas registrei tópicos e depoimentos importantes junto ao Diário de Bordo. As atividades remotas precisam ser integradas a um planejamento pedagógico, contemplando o método e a intencionalidade de maneira eficaz.

Vale ressaltar que os problemas técnicos que tive, comprovou a falta de estrutura e condições de acesso das famílias junto às atividades remotas, acarretando ao aprofundamento das desigualdades sociais, assim como a grande exigência que se impõe a nós, profissionais da educação, envolvendo não somente as expertises para promoção das aulas remotas e a elaboração dos materiais, como a estrutura física e tecnológica necessária que contemple a real necessidade do momento.

O tema dialogado neste encontro estava relacionado ao Bullying, um assunto tão importante que está diretamente ligado a Cultura de Paz. O material pedagógico “*Bullying: Acontece na minha escola?*” encaminhado no Grupo de Whatsapp, continha definições sobre o tema, observações de que nem todas as ações são Bullying, dicas de como prevenir e como abordar este assunto junto aos alunos e professores, além dos diferentes tipos de Bullying.

Inclusive, neste encontro, o grupo interagiu bastante, conforme eu ia explanando e relembrando os slides, os participantes dialogavam sobre o assunto. Mencionei a questão comportamental onde:

As más relações entre escolares não são fatos esporádicos do cotidiano escolar, uma vez que se apresentam no repertório comportamental de muitos alunos, transformando-se numa questão social extremamente preocupante (FANTE, 2011, p. 30).

Logo, manifestou-se a Participante 5 através de um fato que marcou a vida dela profissionalmente. Neste encontro, o debate foi riquíssimo, aqui relato algumas das intervenções que surgiram.

Participante 5: Caso de um aluno, o qual era agressivo com os colegas, sempre ao entrar na sala, na fila atirava o brinquedo dele no chão, e exigia que as outras crianças pegassem para ele. Chegou um dia, eu disse que não era para pegar. Ele tinha que pegar sozinho porque aquilo que ele fazia estava errado. Nesse momento, a mãe do aluno chegou e ia juntar o brinquedo. Enfim, resumindo o corrido, fiz um trabalho com ele através do diálogo. Explicando o certo e o errado. Fazendo com que realizasse as coisas e não batesse nem ofendesse os colegas. Creio que as atitudes dele eram muitas vezes, reflexo da estrutura familiar que refletia na escola. O aluno tinha 6 anos, e quando falo em estrutura familiar, não quero dizer estrutura econômica, porque não faltava nesse quesito. Era emocional mesmo. Precisa de muito respeito ao próximo, impor limites! E no final pude perceber que deu certo, pelo menos comigo, pois recebia o carinho dele comigo, tinha afeto!

Participante 6: O aluno mudou o seu comportamento com a professora, mas continuou tendo conflitos/problemas com outros professores e/ou colegas sendo assim, podemos nos questionar: Será que os demais professores perceberam qual a necessidade daquela criança?

Participante 4: Creio também que a desestrutura familiar no quesito emocional possa estar tendo uma influência bastante significativa.

No decorrer dos slides, pude discorrer sobre o Bullying, pois sempre existe o ser agressor e a vítima, onde “Caso exista um agressor em potencial na sala, seu comportamento agressivo influenciará nas atividades dos alunos... irá promover interações ásperas, veementes e violentas. Geralmente o agressor prefere atacar os mais frágeis, pois tem certeza de poder dominá-los, porém não teme brigar com outros alunos da classe; sente-se forte e confiante”.

Após essa reflexão a Participante 7 manifestou-se:

Participante 7: Na escola tinha um aluno, onde era o agressor, procurava as vítimas mais indefesas. Nesse caso olhando o lado do agressor: O que ele estava sentindo naquele momento? A família, dizia não saber mais o

que fazer com ele! Por que este aluno desenvolvia atitudes de maldade com colegas e professores?

Assim, coloquei aos participantes, mais uma reflexão: - O que a escola pode fazer além do que já vem trabalhando? Pode trazer assuntos sociais para discussão? Drogas, Sexualidade?

Participante 2: Acredito que tenha um descontrole familiar, mãe desesperada não sabendo mais o que fazer com o filho.

Participante 3: O agressor em algumas vezes sente-se inferior aos demais colegas. Assim, desenvolvendo ações maldosas.

Participante 8: Os pais devem colocar limites em seus filhos desde pequenos.

Mediante o exposto, deixei uma reflexão aos participantes: Qual a relação e como podemos trabalhar para desenvolver uma educação para a paz, visando contribuir para uma cultura de paz na escola? Conforme o pensamento de Russel (1991, p. 150) “O segredo da felicidade é que teus interesses sejam o mais amplo possível e que tuas reações a coisas e pessoas interessantes sejam amistosas, ao invés de hostis.” Encaminhei ao grupo de Whatsapp o material com as referências bibliográficas, para que os professores e pais pudessem utilizar.

Comentários reflexivos enviados pelo WhatsApp após o segundo encontro:

Participante 9: Após o encontro virtual, com o tema “Bullying”, ficou muita reflexão e até mesmo certa apreensão sobre o assunto, visto os relatos dos participantes que ao colocar pequenas situações do dia a dia no ambiente escolar, já foi possível ver que hoje é não só recorrente, mas também crescente os casos identificados em meio as escolas.

Alguns pontos destaquei durante a reunião, que foram debatidos. Uma observação já na descrição feita sobre o Bullying, onde fala em não ser confundido com as brincadeiras sadias que são da juventude e do companheirismo infanto-juvenil, como identificar e ter este poder de

juízo, avaliação da situação e até mesmo intervenção pois muitas vezes podemos errar neste processo e deixar casos passar ou intervir erroneamente em uma situação que não era necessária e talvez despertar um possível foco para o Bullying, haja vista que outro ponto destacado nos relatos, são que as vítimas geralmente são escolhidas por serem mais introspectiva e aparentemente frágil emocionalmente.

Também foi perceptível a preocupação na identificação da origem e motivação do agressor, que pode ser desde a realidade familiar, onde destaca-se que não é sobre condição financeira e sim de uma boa estrutura afetiva familiar, gerada por bons exemplos e diálogo.

Os relatos também giraram em torno de algumas situações da escola Marina Vargas e se pode notar, que sempre buscam trabalhar como conciliadores, como a cultura da paz nos prega, pois muitas vezes não podemos fazer juízo das situações e sim colocar como auxílio e amparo para ambas as partes.

Por fim, faço uma análise de que o assunto é sim muito pertinente e complexo, tendo seus agentes uma necessidade de ajuda, agressor, vítima e também o ambiente onde ocorre, o agressor uma análise da origem e como transformar esta situação em exemplo para uma compreensão. A vítima muitas vezes, de difícil identificação, é algo que pode ser silencioso e se não identificado pode ser que venha a consequências mais ou menos graves. Assim, para finalizar, agradeço a oportunidade de participar do estudo e espero os próximos encontros.

Participante 10: Quando se fala em bullying sempre lembro de uma situação que passamos com o nosso filho. Isso já faz um tempo, mas ficou registrado nele e em nós. Um colega da sala era agressivo, tanto com os colegas e também com as professoras. Em um dia ele empurrou o meu filho e ele caiu de costas num banco, ficou com as costas toda marcada. Fui lá conversar com a professora, ela explicou me colocou a par da situação! Tá passou achei que estava resolvido! Mas todos os dias meu filho chegava me dizendo hoje ele bateu no Fulaninho. [...] o bullying que meu filho sofreu veio de um colega que precisava de ajuda, e não recebia! Nem a família dessa criança

o ajudava! Foi colocado em uma reunião para nós que ele precisava de atendimento especializado e que ficaria um horário reduzido na sala de aula!

Reflexão sobre o tema do segundo encontro:

Confesso que, após este encontro, fiquei mais empolgada com os participantes, pois tive uma participação ativa que envolveu de maneira tão enriquecedora o encontro, o qual nem vimos a hora passar. O modo de como eles estavam relacionando a teoria com a prática, exemplificando casos que o envolviam era primordial para desenvolvermos um educar para a paz. O diálogo fluiu de maneira leve e descontraída, mesmo de forma remota e eu ainda utilizando o celular, tendo todos os contratempos possíveis nesta data.

Além disso, o tema Bullying nos faz refletir sobre o contexto no qual estamos inseridos, as nossas ações, o noticiário da televisão (onde prevalecem atos negativos, envolvendo crimes, violência, entre outros) e ainda mais neste momento, onde as crianças estão em casa, em virtude da pandemia. A tecnologia está mais presente no cotidiano das famílias, sendo considerável trabalharmos temas como estes fazendo uso destas ferramentas para o lado positivo, propondo reflexões, tornando os alunos protagonistas no ensino e aprendizagem, focando no educar para a paz.

Foi possível perceber, a partir dos comentários e entendimentos do grupo, que vários fatores sociais estão interligados na questão da violência, principalmente familiares. Neste conjunto de episódios, trabalhar em conjunto – família e escola – é imprescindível para desenvolverem ações visando condições adequadas ao ser humano. A fim de ter êxito nessas relações, muitas vezes as atividades desenvolvidas precisam ser intensificadas diariamente.

Desta maneira, considerou-se neste encontro que para termos como finalidade construirmos uma cultura de paz é essencial pensarmos numa discussão pedagógica ampla, envolvendo diretamente processos e atores que possam interferir no educar para a paz.

TERCEIRO ENCONTRO – 24 de setembro de 2020.

Iniciamos mais um encontro com a explanação sobre o primeiro capítulo “Marcos da Convivência” do livro de Xesús Jares “Pedagogia da Convivência”,

escrito em 2008. Dividi o encontro em dois momentos, no primeiro ressaltar marcos importantes que incidem na convivência como: a família, o sistema educacional, o grupo de iguais, os meios de comunicação, espaços e instrumentos de lazer e o contexto político, econômico e cultural dominante.

A família é considerada o primeiro espaço de socialização, onde aprendemos os primeiros hábitos de convivência. Nos diferentes âmbitos familiares, valores são motivados, diferentes modos de educação são expostos, qualidades de relações afetivas, além de hábitos culturais, entre outros aspectos. O sistema educacional é o segundo espaço de socialização, pois é o conjunto escolar que deixará diferentes vestígios no âmbito da convivência. Na escola existem diferentes estratégias educacionais, diversos formatos de organização, assim como cada professor tem o seu modelo pedagógico e por fim estimulam os modelos de convivência.

Finalizando a primeira explanação, provoqueei o grupo a pensar sobre o que foi escrito por Jares em 2008 relativo a este tema, e se mudou algo agora em 2020? Doze anos após a escrita, será que muita coisa pode ter mudado ao longo destes anos? O Participante 9 explanou que: “Acredito que ainda permanece como era em 2008, por exemplo os espaços de convivência. Faça escolhas desde que esse grupo concorde com as minhas ideias. As vezes a democracia impede de tu conhecer novos horizontes. Porque tu não procuras outros grupos que possam discordar de ti, até para não se incomodar”.

A participante 6 disse que “às vezes não é o divergir do teu pensamento, mas vivemos na zona de conforto, onde o novo nos assusta [...] o meu direito vai até onde começa o do outro. Respeitar o pensamento do outro”.

Os meios de comunicação, por exemplo, é um dos marcos com grande incidência de modelos de convivência, principalmente no momento atual, onde o uso das redes sociais é mais utilizado influenciando em determinados comportamentos, relações sociais e valores. Através da Internet o ser humano faz uso da liberdade de expressão de uma forma que pode ocasionar em discussões, pois a Participante 4 ressaltou que “Hoje nas redes sociais se abriu um canal onde eu posso colocar a minha opinião contrária a do meu amigo, a do meu colega de trabalho, e ali consigo colocar, dizer o que penso, porque a pessoa não está olhando no olho [...] por isso vemos tanta coisa absurda sendo discutida no Facebook, por exemplo”.

Certamente uma questão abordada pelo Participante 9 nos faz refletir quando este questiona “como formamos as nossas opiniões? Depende dos grupos que vivenciamos ao longo da vida. Como estamos formando as crianças nas escolas? Quais oportunidades estão tendo? Na escola é desta forma, mas em casa/família é de outra maneira! Quais oportunidades esportivas, culturais estão tendo as crianças de hoje?” Nos faz pensar e repensar nesta frase a seguir, ainda mencionada pelo mesmo participante: “[...] diferentes classes sociais, políticas, econômicas, mas o objetivo é comum a todos, é um só. O respeito sempre prevalece e consegue desenvolver a opinião crítica”.

Logo no segundo momento, dialoguei com os participantes sobre “Os conteúdos de uma pedagogia da convivência” agrupados em três grandes categorias: Conteúdos de natureza humana (o direito à vida e ao desejo de viver, à dignidade, à felicidade, à esperança...); Conteúdos de relação (ternura, respeito, não-violência, aceitação da diversidade, igualdade...) e Conteúdos de cidadania (justiça social e desenvolvimento, direitos humanos...).

Como não teria a possibilidade de dialogarmos sobre cada um deles, focamos naqueles prioritários: Os direitos humanos como marco regulador da convivência, o respeito, o diálogo, a solidariedade e a não-violência. Assim, o grupo interagiu partindo da questão que envolvia a solidariedade, pois a Participante 4 abordou que “[...] arrumar o armário, tirar as coisas, e não querer mais e dar para alguém, isso não é solidário, é achar alguém que fique com aquilo que eu não quero mais, então a solidariedade vai muito mais além disso”, assim como a Participante 6 complementou que “ser solidário é quando tu faz algo, sem esperar nada em troca”.

Posteriormente o fator não-violência foi abordado resultando em mais diálogos construtivos, nos fazendo refletir sobre como estão os nossos alunos hoje? Considerando a pandemia, será que as crianças estão somente no convívio das famílias? Qual o cenário social que os nossos alunos (me reporto no geral, não especificamente na escola que atuo) estão vivenciando hoje em pleno século XXI, no meio a uma pandemia mundial, onde as orientações são para que se tenha o distanciamento social, tendo em vista o alto grau de contágio do vírus? A escola muitas vezes era o porto seguro de algumas

crianças, era onde eles recebiam a primeira alimentação do dia, enfim, são questões que nos fizeram refletir envolvendo um educar para a paz.

O depoimento da Participante 6 nos fez pensar sobre a questão familiar envolvendo a violência, quando ela diz que “[...] nessas lives que assistimos, um dos pontos mais debatidos envolve o retorno as aulas, em função desse ponto, que tipo de violência a criança pode estar sofrendo no ambiente familiar por não estar na escola? [...] e às vezes a violência não é física, pode ser uma violência intelectual, mental, ou alguma coisa que sobrecarrega tanto [...] e muitas vezes deixar aquela criança sozinha em casa por oito horas, porque o pai ou a mãe está trabalhando, também é uma forma de violência”.

Ressaltei que a violência existe de diferentes formas, não especificamente a violência física, pois a não violência seria combater as injustiças, e entre elas, a social. Assim como a Participante 10 relatou a experiência dela analisando os dois lados: o papel de ser mãe e o de professora, pois “momento difícil, agora ainda mais, e é um momento propício para isso acontecer, e ela vem num momento que a gente não espera, de repente por estar tão dificultoso, tão complicado [...] não se relacionam, ficam nesse mundo virtual, né, se tu deixares, eu vejo eles, ficam 24 horas, por dia. Até o meu que não era tão fanático, acabou se tornando, por não ter o que fazer, por mais que se proponha atividades, eles acabam cansando”.

Após dialoguei com o grupo sobre a questão da afetividade e de manter esse vínculo com as famílias, porque realmente os processos de ensino envolvem as relações humanas, o contato entre as pessoas, que neste momento, evidentemente estão distantes. Uma vez que tenhamos o contato com as pessoas fazendo uso das tecnologias, a proximidade com as famílias faz falta, como se ficasse uma lacuna nesse quesito e que será necessário fazer e continuar fazendo um resgate família – escola na pós pandemia.

Finalizei este encontro com um registro especial, pois estavam presentes os filhos e netos de alguns participantes, interagiram por alguns minutos e essa é a realidade da vida das pessoas atualmente. Nós educadores estamos desenvolvendo as nossas atividades juntamente com as nossas famílias e foi tão gratificante poder ver o rosto alegre das crianças, reafirmando a importância dos laços afetivos!

Comentários reflexivos enviados pelo Whatsapp após o terceiro encontro:

Não foram recebidos comentários reflexivos no Whatsapp relacionados a este encontro.

Reflexões sobre o tema do terceiro encontro:

Diante dos fatos que presenciei e pós-reflexões sobre a temática deste encontro, fica evidente que os marcos de convivência explanados possuem um papel fundamental no desenvolvimento humano. A palavra convivência é um desafio, pois para convivermos uns com os outros é preciso de tudo que foi dialogado: respeito, diálogo, solidariedade e além de tudo os direitos humanos devem ser respeitados, para que possamos ter uma vida digna, a qual todo cidadão tem direito. É preciso reafirmar as qualidades da dignidade, conforme Jares (2008) citou as três qualidades essenciais: liberdade, justiça e plena igualdade de todos os seres humanos.

Acreditamos que escola e família, atuando em conjunto, irão auxiliar no desenvolvimento saudável das crianças, pois ambos são espaços de convivência e sociabilidade. Outrossim, através destes é possível abordar e aprofundar várias questões que envolvem o educar para a paz, considerando a fundamentação pedagógica, visando principalmente o respeito pelo outro, estimulando a opinião crítica, mas não menosprezando ou não aceitando as ideias de terceiros.

Além disso, o ser humano não tem como conviver sem o diálogo, precisa se comunicar, para que se tenha melhor qualidade de vida entre as relações humanas, expressando-se de maneira ativa perante a sociedade na qual está inserido. É através do diálogo que mediamos os conflitos escolares, por exemplo, para que não resulte em violência em certos momentos do dia-a-dia.

Sendo assim, percebi que o grupo está compreendendo o papel do educar para a paz, visando à construção da cultura de paz, sendo um processo lento, mas que precisa ser desenvolvido diariamente, independente do âmbito que esteja inserido. O processo é dinâmico e aborda diferentes aspectos de nossas vidas, como o aspecto social, econômico, emocional, familiar, entre outros.

QUARTO ENCONTRO – 05 de outubro de 2020

No quarto encontro o professor Nei Alberto Salles Filho, da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), explanou sobre o Núcleo que coordena. Contou como é desenvolvido o programa e ressaltou a parte metodológica. Destacou que a educação para a paz é um campo de estudos que vai influenciar muito na formação dos professores nos próximos anos, tendo em vista a alteração realizada na LDB em 2018, que incluiu a cultura de paz e a prevenção à violência, gerando uma reflexão para que seja incorporado o estudo da cultura de paz nas formações pedagógicas.

O professor mencionou sobre justiça restaurativa e práticas restaurativas. A justiça restaurativa vem através da justiça e as práticas restaurativas é algo que os professores podem fazer. Além do olhar para os diversos caminhos que possam levar a cultura de paz, ao estudo sobre ela, o que está sendo realizado na sua escola que possa ser relacionado à paz? Quais as experiências no sentido de relações humanas, projetos que visem a não violência estimulando convivências mais pacíficas?

Aprofundou mais a discussão através do material compartilhado com o grupo, abordando a “Educação para a Paz” e o Contexto (ONU – UNESCO) contendo as Décadas da Educação em Direitos Humanos (1995-2004), Década da Cultura de Paz (2001-2010), Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014) e a Agenda 2030 da ONU (2015-2030) tendo os objetivos do desenvolvimento sustentável (cidadania – democracia – sustentabilidade).

O professor também, em um segundo momento, contextualizou a cultura de paz, o educar para a paz, a conflitológica¹¹, bem como as cinco pedagogias integradas da paz, as quais são: Educar para a paz com valores humanos, Educar para a paz com direitos humanos, educar para a paz com a conflitológica, educar para a paz com a ecoformação e educar para a paz com

¹¹Conflitológica. Termo utilizado pelo autor Filho tendo como significado o entendimento profundo dos conceitos, que trarão mais possibilidades de entender contextos, motivos, sentimentos e convivências que necessitam ser redimensionadas. Educação para a paz como espaço de discussão da conflitológica e da prática da mediação escolar. FILHO, Nei A. S. R. UFG, Goiânia, V. 19, 1-17, E-60703, 2019.

vivências e convivências. Após, lançou algumas questões para reflexão: O que é da escola? O que podemos fazer?

Posteriormente ressaltou os tipos de violência, mencionando a violência estrutural e a direta, que resultam em uma violência cultural. A violência estrutural está relacionada às questões sociais, por exemplo, a desigualdade social, a pobreza. Já a violência direta é aquela que você vê, por exemplo, uma agressão física. Nesse sentido, como a escola pode auxiliar os alunos a ter um olhar mais amplo junto a sociedade? Os conflitos fazem parte das nossas vidas, e não tendo um mediador que saiba realizar essa mediação, pode resultar em violência. Então, o professor mais uma vez questionou: E a mediação, como deve ser feita?

Abordou o conflito através de uma imagem. Nela, o conflito está no topo, no lado esquerdo encontramos a violência e no lado direito a paz. No meio localiza-se a mediação/mediador. Sabe-se que o conflito faz parte das nossas relações e, dependendo do momento ou da situação, pode desencadear para o lado da violência ou da paz, dependendo muito da mediação. Logo, trouxe um quadro interessante com algumas diferenças do ser humano entre cultura de violência e cultura de paz, o qual nos fez pensar e refletir analisando o ano de 2020 nesse momento de crise institucional, de anticientificismo, entre outras que ocorre em qualquer parte do mundo, com grande ou pequena proporcionalidade.

Ressaltou vários aspectos que envolvem a cultura de paz tendo como foco o ser humano: civilização, respeito, reconhecimento da diversidade, valorização da cultura, da ciência, da educação humanística, democracia, direitos humanos e coletividade.

Foram abordadas algumas sugestões de atividades que envolvem o fundamento pedagógico da educação para a paz. A Participante 6 ressaltou que “os conflitos existem desde antigamente, e muitas vezes era um ato de sobrevivência” e em relação aos documentos visando os direitos humanos, promoção da paz, salienta que em vários momentos “não se cumpre”.

A Participante 3 afirmou que “existe uma ausência do cuidado, turmas com vários casos de violência [...] como ser um mediador? Ser um pouco de mãezona, colocar-se no lugar do outro? E muita consequência vem da família, dessas crises, etc [...] e como o cuidar reflete”.

Uma das falas da Participante 6 é importante para refletirmos, pois ela salientou que é “complicado e como temos impedimentos para se chegar a uma paz, existem muitos impedimentos culturais, sociais, ecológicos, acho que de todos os quesitos, é claro que devemos continuar trabalhando em cima disso, mas é complicado”.

Na sequência, Professor Nei concluiu a sua explanação dialogando sobre as questões abordadas no encontro e agradeceu a todos, disponibilizando material pedagógico para futuras reflexões e discussões sobre a temática. Finalizando o encontro, recebi da Participante 5 a mensagem de que é “importante rever a importância de organizar o nosso trabalho pedagógico focado a uma Educação para a Paz, procurando dar uma atenção especial a temas como, valores humanos, cidadania, meio ambiente entre outros [...] o fato de que muitos dizem que não praticam a violência, mas mal percebem que estão sim praticando, porém, de forma indireta. Precisamos aprender a educar os nossos filhos, os nossos alunos para a Paz, pois somente assim será possível combater ou diminuir essa Cultura de Violência”.

Comentários reflexivos enviados pelo Whatsapp após o quarto encontro:

A Participante 5 encaminhou pelo Whatsapp que “Parece que tudo evolui, menos o ser humano. As tecnologias avançando, tudo se modernizando cada vez mais, enquanto o homem, nada evolui no que se refere aos aspectos de melhorar o seu EU, o seu caráter, a fim de se tornar uma raça melhor e mais solidária. Ao contrário o amor ao próximo está esfriando, cada vez mais [...] tudo isso é reflexo de uma cultura de violência, estamos passando por um momento crítico. As pessoas não se respeitam, não se controlam, não sabem mais dialogar, não são generosas, não cuidam do planeta e para piorar, a mídia vem incentivando a violência”.

Reflexões sobre o tema do quarto encontro:

De modo geral, quando se dialoga sobre a educação para a paz, logo se imagina como iremos planejar pedagogicamente ações que possam envolver e estimular os alunos para terem essa visão da cultura de paz. Embora, o que mais se acompanha em redes sociais, televisão, jornais são questões

relacionadas a cultura de violência, esta predomina muito mais que a cultura de paz e ações visando a mesma.

Nós, educadores, precisamos elaborar, reorganizar e criar estratégias tendo fundamentos pedagógicos para aplicar ações em conjunto com a comunidade escolar visando o processo de construção da paz nos ambientes que estamos inseridos, envolvendo os alunos e estimulando-os a serem os protagonistas neste processo. Acredito que ao longo de cada encontro, onde dialogamos sobre alguma temática, nos remete a reflexões e novas ideias a partir de um olhar sobre a educação para a paz.

Durante o encontro foi abordado a inclusão na LDB da promoção da cultura de paz e a não-violência que foi um avanço educacional para que se aprimore cada vez mais as discussões que envolvem toda essa temática, pode-se trabalhar de uma forma ampla, envolvendo várias disciplinas, ou seja, trabalhando interdisciplinar e proporcionando momentos de estudo com colegas.

A partir dos diálogos do encontro, compreendemos que é necessário conhecer o público que iremos atender, pois desta maneira se torna mais fácil de criar e montar um projeto, ou até mesmo adaptar projetos já existentes na escola que contenham objetivos e metas focadas no educar para a paz, que irão auxiliar na formação do desenvolvimento das crianças.

Considerando que o processo é lento e muitas vezes as políticas públicas não favorecem o todo, é preciso persistir. Quando o professor ressaltou que *“amar é saber cuidar”* nos reportamos ao momento vivido em 2020, tendo continuidade agora em 2021, pois a pandemia não passou, ao contrário, agravou no estado do Rio Grande do Sul, os cuidados aumentaram, continuamos a desenvolver as atividades de ensino de forma remota e diferentes pensamentos assombram a população em geral. O medo é um dos sentimentos mais vividos nos últimos meses, e com ele a insegurança e alguns questionamentos nos rodeiam envolvendo a cultura de violência.

No meio da pandemia nos questionamos como estão às crianças e familiares, alguns em casa 24 horas, onde o stress pode ser maior e o que fazer para amenizar momentos estressantes? Como podemos auxiliar essas famílias realizando aulas remotas, muitas vezes desenvolvendo aula online, mas não estando presente com as crianças, dialogando presencialmente com

os pais e/ou responsáveis? É sabido que existe violência em espaços familiares e nos preocupa, em tempos de crise, se de alguma forma isso poderá vir a ocorrer envolvendo crianças e jovens, que estão sem ter acesso ao ambiente escolar que o acolhe e protege.

QUINTO ENCONTRO –22 de outubro de 2020

Neste encontro o professor Lúcio Jorge Hammes, da Universidade Federal do Pampa (PPGEdu), explanou brevemente sobre a sua trajetória profissional e como realiza seus estudos sobre a Cultura de Paz. Inicialmente, apresentou um material com informações sobre a busca pela paz, envolvendo escola, família e comunidade, onde alegou que a paz nunca se alcança, estamos sempre em busca, pois ela coloca-se como horizonte para nós.

Abordou questões citando alguns conceitos centrais de violência, não-violência, cultura da violência e a cultura de paz, esquematizando a violência e a paz salientando que todos somos capazes de produzir uma cultura, sendo de violência ou paz. Visto que as concepções teóricas e metodológicas na educação para a paz envolvem a paz não sendo um estado, mas algo a ser construído. Assim como a paz não se aprende, se ensina, se constrói empoderando pessoas e a partir da não-violência, bem como sendo construída num processo dialógico-conflitivo.

O professor Lúcio abordou algumas questões que já estávamos refletindo desde o encontro anterior, relacionando fatos sobre a violência, a qual se revela desde as relações familiares. Reafirmou os tipos de violência: violência direta, estrutural e cultural.

A violência direta (privação imediata da vida, orientada desde a perspectiva do autor), como por exemplo, guerras e assaltos, onde o país vai a guerra, a pessoa que mata; a violência estrutural (privação da qualidade de vida, orientada desde a perspectiva da vítima) tendo, como exemplo, o desemprego ou a pessoa não ter condições de ter uma casa digna com água potável, pois segundo o professor “a estrutura da violência se dá quando a gente usa de meios para impedir que o outro tenha uma vida digna”. Outro exemplo é quando destroem a natureza e todos sofrem com inundações, com a falta de qualidade do ar, com a falta de condições para vender os produtos com

valor adequado. E a violência cultural (justificativa da violência direta ou estrutural, mudança do peso moral: justificam os fatos), ou seja, estando incluído na cultura de violência não precisa ter problema, pois é normal que existe desemprego, pessoas que sejam presas e outras não, pessoas não tendo melhores condições de vida. Um exemplo é a época da escravidão, em que os donos dos escravos os compravam porque detinham dinheiro, torturavam as pessoas porque o estado os protegia, portanto a cultura da violência era cruel e não tinha peso moral.

Entendemos que seja pertinente relacionar os exemplos trazidos através das discussões com a nossa realidade vivida agora, pois as ações a serem pensadas e planejadas para aplicação na prática, ao retornarmos em aulas presenciais, serão importantes para o desenvolvimento das crianças, as quais estão “isoladas”, ou seja, em distanciamento social desde 18 de fevereiro de 2019, quando a pandemia assolou o Brasil de uma maneira avassaladora, pois o risco de contágio era alto e exigia cuidados.

O professor Lúcio ainda trouxe a cultura da violência que pode ser encontrada nas escolas a partir de cantigas e brinquedos infantis, piadas, músicas, atitudes e ditados populares, além dos padrões familiares, nomes das ruas e contato com as armas. Autores como Rousseau e Hobbes foram abordados na explanação do professor, focando nos condicionamentos culturais, assim como uma nova proposta filosófica com citações de Kant, Freire, Habermas e Santos.

Dessa forma continuou a explanação sobre a importância da educação para a paz, citando Paulo Freire quando diz que devemos pensar em educação para que? Para quem? Para quem nós vamos educar? Assim como nos trouxe três formas de espaços de formação humana: Educação informal, não-formal e sistema formal de ensino, além de círculos da paz.

Ressaltou a Lei nº 13.663/2018, a qual altera o artigo 12 da Lei de Diretrizes e Bases da educação para incluir a promoção de medidas de conscientização, de prevenção e de combate a todos os tipos de violência e promoção da cultura de paz entre as incumbências dos estabelecimentos de ensino. Acrescentando o que já foi dialogado no encontro anterior com o Professor Nei e reforçando a cultura de paz nas escolas, a qual já vinha sendo

trabalhada como tema transversal, abordando os valores humanos, regras de convivência, meio ambiente, entre outros aspectos.

Propus uma reflexão a respeito do período entre 2001 a 2010 relacionada à Cultura de Paz da UNESCO, comentada pelo Professor. Perguntei o que mudou hoje, em 2020, e o que os educadores podem fazer para contribuir na formação e desenvolvimento da educação para a paz. A Participante 6 ressaltou que “não vamos conseguir mudar o mundo, mas precisamos fazer a nossa parte, as vezes é difícil, sim [...] mas o que eu vejo é que a gente vai aprendendo com o passar dos anos, não sei se é a maturidade [...] mas eu percebi em mim mesmo, que eu vejo hoje em dia com outros olhos, o que alguns anos atrás eu, a atitude seria outra”.

A Participante 7 manifestou a sua opinião relacionada aos círculos mencionados pelo professor, onde “o quanto acho importante esses círculos [...] até como formações para os professores, porque eu já tenho encontrado alguns colegas, professores, [...] e comentando né, que estava fazendo parte das intervenções do mestrado e aí me foi feita a pergunta: mas mestrado em cultura da paz? [...] colocar a importância tanto pra mim na sala de aula que tenho que abordar em Ensino Religioso a Cultura da Paz, mas o quanto é tão amplo e as pessoas desconhecem, elas ignoram isso [...] ter uma divulgação, uma abertura pra que todos percebam realmente que a cultura da paz não é só história de ser bonzinho [...] aborda muitas nuances [...] e as pessoas ignoram e tratam como uma coisa pequena e não é [...] e levantar essa bandeira de paz em todos os âmbitos [...] estamos muito carente disso”.

Ressaltei a importância dessas reflexões e que realmente devemos seguir estudando, pesquisando e divulgando com o objetivo de estimularmos mais pessoas a juntar-se a nós e desenvolvermos atividades/ações com a finalidade de auxiliar na formação do ser humano, pautadas nos valores humanos, nos direitos humanos, além de tornar indivíduos críticos, ativos perante a sociedade, tendo um olhar mais criterioso com o que o cerca, desde o aspecto ambiental, social, afetivo, entre outros.

Outro fator destacado no encontro através do Participante 9, o qual alega que “[...] às vezes não para pra pensar na omissão em relação a cultura da violência, a gente visualiza, não concorda, mas muitas vezes não intervém, não busca, a gente é omissa porque ela é uma cultura tão enraizada, tão, que

vem ao longo dos anos [...] se torna aceita, não deveria, mas se torna aceita por muitos [...] não o contrapõe, não tenta nenhuma intervenção, uma coisa nesse sentido [...] a cultura da violência está mais explícita pra nós”.

E nesse sentido, o professor Lúcio acrescentou que na maioria das vezes acontece isso, pois nos sentimos impotentes, e muitas vezes isso se torna perigoso, porque se não fizermos nada, essa violência pode se tornar tão forte, que pode nos atingir no final, sendo importante não deixar que a violência nos atinja e nem quem esteja ao nosso lado. Logo, concluiu a sua explanação agradecendo a participação de todos.

Finalizo este encontro com a fala da Participante 5, a qual agregou quando diz que “Infelizmente vivemos um triste momento em que as pessoas não estão conseguindo viver e conviver em paz. Quanta violência está causando o sofrimento humano, já não há respeito entre as pessoas, a gentileza quase não é praticada, não há empatia e muito menos solidariedade. Não há preocupação com nosso meio Ambiente e muito menos respeito as diferenças. É difícil viver em paz em um país e mundo que pratica a violência dia a dia, onde os nossos direitos e deveres humanos são ignorados, onde há injustiças sociais, desvalorização da cultura. Como foi dito durante a conversa, se faz necessário abrir espaços em nossas escolas para dialogar sobre a Cultura da Paz. Apesar de estar ciente de todas essas violências ainda me sinto esperançosa e com vontade de continuar fazendo a minha parte como educadora”.

Comentários reflexivos enviados pelo WhatsApp após o quinto encontro:

Não recebi nenhum comentário reflexivo sobre este encontro.

Reflexões sobre o tema do quinto encontro

O diálogo que envolveu a temática deste encontro contemplou diferentes questões, além de reafirmar outros tópicos já abordados, como a cultura da violência, a qual se mostra mais explícita do que a cultura de paz. Considero as participações sendo importantes e o grupo está coeso em suas reflexões, focando no objetivo de buscar mais informações e fundamentos pedagógicos

para que assim possam dialogar e estimular a participação de novos membros a favor da paz.

Penso que uma das maneiras de já começar a desenvolver ações relacionadas ao tema, é provocar as famílias a dialogarem e proporcionar momentos que possam expor alguma experiência que estejam interligadas com a educação para a paz. Não podemos focar somente no lado negativo, mas abordar este momento em que muitas famílias estão unidas e algumas possuem mais tempo para realizar atividades juntamente com seus filhos, já seria o início para mobilizarmos os alunos e seus familiares instigando-os, deixando-os curiosos para saber mais sobre a cultura de paz, a qual está fazendo falta neste momento de pandemia e aflição que vivemos.

Precisamos ter como o foco as coisas boas que estão acontecendo, como reforçar que as famílias, assim como as crianças, estão tendo a oportunidade de rever suas atitudes, seus valores, além de dialogarem mais, pois a vida das pessoas em pleno século XXI girava na grande maioria focada na mídia e correria do trabalho. Esse momento de nossas vidas é tempo de novos paradigmas, novas aprendizagens e, em várias famílias, de reencontro.

Resgatar laços familiares tendo o auxílio da escola, mesmo que de forma remota, terá um sentido positivo na vida destas crianças. Precisamos manter o vínculo com as famílias, pois a educação tem um papel de socialização, de diversidade, de termos uma visão crítica frente aos acontecimentos que envolvem a nossa sociedade. A cultura de paz é um processo amplo, englobando diferentes áreas sociais e cada situação vivida gera aprendizagem, cabe aos profissionais da educação realizar essa mediação. Neste momento, a necessidade do cuidado em conjunto pela saúde é um dos cuidados considerados importantes a serem dialogados com a comunidade escolar.

SEXTO ENCONTRO – 09 de novembro de 2020

O professor Jefferson Marçal da Rocha, da Universidade Federal do Pampa (PPGEDU), apresentou o tema “*Sustentabilidade para a paz?*”, versando sobre a questão ecológica, social e ambiental. A sustentabilidade ecológica e social compreende as questões ambientais, que estão interligadas

tendo em vista que a perspectiva da ecologia é de também ser sustentável como seres sociais que somos. Somos seres sociais e ecológicos, vivemos em um ambiente e assim precisamos refletir sobre crise social estabelecendo relações com a paz, abordando assuntos atuais a seguir ressaltados.

Destacou principalmente questões socioambientais, as quais fazem parte do cotidiano do ser humano, numa perspectiva social, pois nós pensamos isso, refletindo sobre a situação atual que estamos vivenciando em pleno século XXI, em meio a uma pandemia da Covid-19, a qual provocou uma grave crise sanitária, gerando diversos debates em todos os grupos existentes na sociedade.

A fala do professor aborda os diversos problemas que permeiam a vida social, como por exemplo, quando se fala em crise social, pode ser relacionada a grupos de pessoas que não possuem condições de recursos para que se tenha uma vida digna, a qual todos temos direitos, mas que atualmente 1/3 da população mundial está subnutrida, mais de 50% da população que vivem com menos de 2 dólares por dia e, em contrapartida, tem uma minoria que acumula riquezas de uma maneira injusta.

Aprofundou o debate através de questionamentos sobre qual paz que temos que propor aos nossos alunos? Social ou psicológica? Paz Mundial? Ressaltando o modelo de paz proposto após a Segunda Guerra Mundial, a qual se propôs a uma “PAZ Mundial” ordenada pela lógica do americanismo, dos Estados Unidos, o que foi proposto a nós foi uma estrutura que nos transformava em seres americanizados.

O professor abordou algo que considera grave sobre o contexto social que foi criado a partir da Segunda Guerra Mundial, mas que foi se aprofundando com o passar dos anos, principalmente nas últimas décadas, onde a estrutura mental americanista nos foi pactuada, principalmente entre os jovens da década de 90 em diante, que se refere a estrutura do consumismo, consumismo liberal. Onde cada um se preocupa com si e não com o coletivo, pois, resumindo, a Paz Mundial envolve a estrutura social e a psicológica, ao consumismo, porque nos é transmitido que a felicidade e a paz estão no consumo. Não está mais na conversa, na amizade, entre outros e está onde o indivíduo consome ou pode consumir.

Salientou que o desafio é esse, porque a paz não é subserviente, é uma paz da passividade, no sentido de aceitação, mas uma paz construída, uma estrutura construída a partir da racionalidade e paciência e do caráter que temos de construirmos conhecimento entre os nossos alunos.

Durante o diálogo virtual, a Participante 1 contribuiu dizendo que “[...] atualmente, é difícil desconstruir esta ideia de consumismo que é despejada, diariamente sobre crianças e jovens... mas é um trabalho de formiguinha sobre o qual precisamos nos debruçar”, e o professor ressaltou que precisamos relacionar duas coisas principais sobre o consumismo: por que se consome? E qual a utilidade do produto?

A Participante 3 abordou a “sustentabilidade no sentido de adquirir, por exemplo, o produto orgânico, fazer o ecologicamente correto, mas nem sempre é possível por diversos fatores, até mesmo econômicos, pois o custo é maior e [...] a gente passa para as crianças [...] deve separar o lixo, deve reciclar, mas a gente sabe que não é fácil [...] sabe que é difícil de todo o nosso entorno a gente consiga avanços”.

E nesse contexto o Participante 9 trouxe uma inquietação que envolve diretamente o consumo e as metas a serem atingidas pelas empresas para obter o lucro. O mesmo relatou que fez duas faculdades, uma de Bacharel em Administração e outra de Licenciatura em História, onde na Universidade quando cursou Administração, são ferrenhos em buscar conhecimentos para atingir o objetivo que envolve metas e lucros. Refletiu que “[...] de repente os professores não recebam o valor correto que deveriam ter de salário, não receba o curso de aprimoramento da melhor forma, enquanto o lado empresarial, esse tá investindo cada vez mais nos seus profissionais, está pagando cada vez melhor os profissionais pra ele buscar o consumo [...] fazer tu sentir falta daquilo que tu nem sabia que tinha [...] esse é o mecanismo principal do consumismo [...] fazer tu sentir a necessidade de uma coisa que a pouco tempo atrás tu nem sabia que existia [...] e o lado da educação, da ecologia também, busca um outro rumo, às vezes acaba perdendo forças econômicas”.

Encaminhando para o final do encontro, o Professor Jefferson sugeriu o documentário/filme “O dilema das redes”, disponível no Netflix, onde aborda como está estruturada essa lógica das redes sociais, a ascensão delas em

nossas vidas, tendo, neste documentário, depoimentos de diversos especialistas, das diferentes áreas, assim como ex-funcionários de empresas de tecnologia como Google, Facebook, Pinterest, Twitter, Youtube, Instagram e outros.

Recomendou mais dois vídeos para assistir, um do Enrique Leff, abordando o panorama da conjuntura socioambiental; e outro que é do Rappa, um clipe “Minha Alma” (A paz que eu não quero) que é pertinente para trabalhar com adolescentes, traz questões como: justiça social, preconceito racial, entre outros aspectos. Finalizando, salientou que a busca por novos valores precisa ser trabalhada de diferentes maneiras, buscando transformar a educação ambiental, na contramão dessa linha de consumismo.

Comentários reflexivos enviados pelo Whatsapp após o sexto encontro:

Participante 5 encaminhou a sua contribuição relacionada a este tema: “[...] penso que as pessoas até tentam adotar certas medidas em relação ao consumismo e a questão da sustentabilidade, porém não é tão simples assim [...] uma coisa é a gente querer comprar algo outra é saber se a gente precisa comprar. Muitos agem por impulso, outros condicionados a comprar cada vez mais produtos de marcas, incentivado pelas mídias [...] se percebe é que há um grande descaso e descontrole na questão do consumo. Muitas pessoas não se preocupam em optar por consumir coisas saudáveis, por comprar menos, ou somente o necessário. Por outro lado, quando há pessoas que se preocupam em ter acesso a uma vida saudável (produtos orgânicos) e que procuram adquirir produtos que não prejudicam tanto o Meio Ambiente, não conseguem ter acesso a todas essas coisas, devido alto valor desses produtos. No final do seu depoimento, a colega afirma que devemos continuar “[...] fazendo a nossa parte e não perder a esperança de vivermos sem um mundo melhor, sem qualquer tipo de violência, desrespeito e desigualdade social”.

Reflexões sobre o tema do sexto encontro

Considerando o contexto em geral, tendo em vista a pandemia que ainda estamos vivendo, é possível realizar uma reflexão acerca do mundo

capitalista e consumista que fazemos parte. Creio que, neste momento, a maneira desenfreada que motiva e instiga o ser humano a consumir esteja passando por uma ressignificação de valores. Momento delicado este de termos que nos cuidar, cuidar do outro e ainda assistir, através da tecnologia, famílias sendo destruídas pela perda de algum ente familiar em virtude do coronavírus. Tudo isto nos faz parar, pensar e nos questionar sobre o que realmente precisamos para sermos felizes e ficarmos em paz.

Quando o professor menciona que 1/3 da população mundial está subnutrida, ou mais que 50% da população recebe menos de 2 dólares por dia, pensamos: Como essas pessoas estão sobrevivendo hoje? O que pode estar errado no sistema para que indivíduos não consigam ter o mínimo de dignidade humana? E os nossos direitos humanos? E ainda refletindo sobre a “minoría” da população que enriquece de uma maneira avassaladora, podemos imaginar que a distribuição de renda que ocorre no Brasil está sendo realizada de forma equivocada?

São questionamentos que deixo registrados, pois é necessário continuarmos lutando pela justiça social, onde prevaleça a equidade, fazendo com que todos tenham a mesma promoção e uma vida plena e digna, pois conforme o Art. 5 da Constituição Federal:

Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...] (BRASIL, 1988).

Será que foi necessária uma pandemia como esta, que hoje (26 de junho de 2021) já registra 511.142 mil mortes no Brasil, para que a desigualdade social se manifestasse tão forte, capaz de fazer com que houvesse uma reflexão? Mas não somente isso, e sim, criar ações que visem à mudança deste cenário, onde todos tenham acesso à alimentação, saúde, moradia, educação e outros quesitos necessários para viver dignamente.

Acreditamos que no momento que nós, educadores, buscamos conhecimento, refletimos sobre eles e dialogamos com nossos alunos, precisamos estar convictos e sem medo de manifestarmos opiniões, as quais venham a contribuir de maneira positiva e respeitosa ao coletivo. Quando

abordamos a construção de uma cultura de paz, é necessário termos um olhar criterioso ao nosso redor, tendo em vista diversos fatores e aspectos que estejam atrelados a esta construção coletiva.

SÉTIMO ENCONTRO – 18 de novembro de 2020

Neste encontro dialogamos sobre “Mediações e Conflitos escolares”. Organizei alguns slides e compartilhei com os colegas para irmos conversando no decorrer do encontro. Comecei com algumas reflexões sobre o que podemos entender sobre conflitos e o que seria mediação? Abordei o conceito de conflito na visão de Jares (2007), que ressalta que o conflito pode se tornar algo violento e assim ameaçar a convivência, caso não for mediado de maneira adequada.

Dando continuidade, ressaltai o conceito de mediação na visão de Marisangela Siqueira Souza (2020), onde a mediação é algo voluntário e serve de auxílio às pessoas que se encontram em conflito. Após, perguntei a eles quem se considerava um mediador e como se enxergavam nessa figura? Destaquei que, como a escola é um local onde encontramos e vivenciamos diferentes tipos de conflitos, precisamos realizar o papel de mediadores, enquanto educadores, de maneira correta.

Na sequência, abordei que precisamos nos reconhecer neste papel de mediador, mas não vamos ser juízes de mediação, não vamos ouvir e depois julgar. No entanto, vamos estimular, fazendo com que os dois lados, de uma maneira amigável, possam pensar em algo que tenha o benefício mútuo. Nós não podemos dar a resposta, tendo em vista que a aprendizagem neste momento precisa ser coletiva. Desta forma, abordei alguns pilares que iriam nos auxiliar durante as mediações, mas antes propus uma dinâmica a distância.

A dinâmica era da seguinte forma: durante um minuto eles tinham que convidar alguém da família, ou quem estivesse com eles, para fazer parte do desafio. O participante teria que tentar abrir a mão do familiar em 1 minuto. Depois, deveriam contar a experiência.

Alguns fizeram e outros somente pensaram em como iriam fazer, por exemplo: a Participante 6 disse que iria tentar usar a força para abrir a mão do

colega, a Participante 1 disse que faria cócegas, já a Participante 2 disse que sentia as cócegas, mas não abria a mão. Participante 6 e 5 também disseram que poderiam pedir para que pegasse algo para elas.

Então, podemos ver diversos relatos acima e o primeiro movimento deveria ser o de pedir, de se comunicar com o outro, tentando fazer o colega abrir a mão de maneira natural, mas sem utilizar a força. O diálogo é importante para desenvolvermos a mediação.

Logo, abordei os seis pilares. O primeiro é a comunicação, esta precisa ser assertiva, não pode ter ruídos, caso tiver, como fazer para eliminá-los? Nesse sentido, é preciso trabalhar o socioemocional, pois existem cinco tipos de ruídos: tom de voz, gestos, palavras escolhidas, momento e atitudes. Algo importante na comunicação é ouvir o Feedback dos amigos mais próximos, pois auxilia a ter um olhar diferenciado, podendo perceber algo que você não tenha percebido.

Durante a explanação deste primeiro ruído, a Participante 2 relatou que “[...] este ano [...] o conflito está presente dentro da escola [...] nunca a situação se mostrou tão conflituosa porque cada um tem um pensamento [...] tem os seus argumentos”. Assim é importante que a comunicação seja transmitida de forma clara, onde tem o emissor (fonte), a codificação, o canal de transmissão, a decodificação, chegando finalmente no receptor.

O segundo pilar é a imparcialidade. O mediador precisa estar totalmente imparcial, querer ouvir os dois lados, mesmo tendo visto determinada atitude mais agressiva, por exemplo. O terceiro pilar está relacionado com a escuta, ou seja, uma escuta ativa, aprendendo a ouvir, sendo firme, não autoritário. O Quarto pilar aborda a autorregulação e controle do ambiente, pois não teria como realizar uma mediação de conflito num ambiente onde o mediador também se exaltasse, gritasse, este precisa estar controlado. Já o quinto pilar é a empatia, fazer com que a criança sinta confiança em você, mostrando que você realmente se importa e está ali naquele momento por ela, sendo afetiva com os alunos. Por fim, o sexto pilar está relacionado à técnica, capacidade de parafrasear ou sintetizar o problema. Devemos trabalhar para fazer com que as coisas que aconteceram se pareçam mais simples do que realmente foram, para que os envolvidos possam para, ouvir e refletir sobre o fato.

A participante 6 ainda abordou que “interessante na mediação escolar, não haver culpado e inocente”. Assim, lembrou algumas experiências vividas por ela envolvendo colegas de trabalho.

Encaminhando-se para encerrar o sétimo encontro, explanei com o grupo sobre uma ideia que pensei junto com a Professora Ana Cristina na disciplina de Laboratório de Planejamento da Prática em Gestão II. Pensamos na possibilidade de criar um pequeno vídeo contendo dicas, conceitos e mensagens gravadas pelos participantes sobre a cultura e educação para a paz. Este vídeo ficaria disponível para os profissionais da educação, pais e quem tivesse interesse de conhecer e aprofundar maiores conhecimentos sobre o tema.

Combinamos que no próximo encontro iríamos finalizar os ajustes de como seria a dinâmica para o décimo e último encontro, tendo assim o encontro oito e nove para elaborarmos em conjunto.

Comentários reflexivos enviados pelo WhatsApp após o sétimo encontro:

A Participante 5 encaminhou a sua avaliação salientando que: “Muito interessante as sugestões, os meios de como conduzir uma situação de conflito gerada entre alunos. Esse momento de troca me fez repensar várias situações vividas. Assim como foi exposto no diálogo, penso que um dos fatores que podem gerar possíveis conflitos é a forma de como nos expressamos, tom da voz, expressões faciais, atitudes, podem ou não ser mal interpretada e gerar possíveis julgamentos negativos e muitas vezes errado. Interessante a questão da imparcialidade, de se policiar mantendo-se imparcial diante do conflito, ter um posicionamento firme, permitir que ambas as partes expõem as suas versões, procurar conduzir a situação de forma que ambos percebam os seus erros e assim concluírem que o acontecido poderia ter sido evitado. Contudo, percebi que quanto mais ‘preparados’ nós estivermos, para resolver as situações de conflitos entre alunos, maiores serão as chances de estarmos contribuindo para a formação de bons cidadãos capazes de conviver em sociedade sem precisar fazer uso de qualquer tipo de violência”.

Reflexões sobre o tema do sétimo encontro.

Após o encontro, podemos refletir sobre as diversas maneiras que existem de mediar os possíveis conflitos em nossas vidas e como a nossa expressão facial, corporal influencia diretamente na comunicação. É preciso mais formação para os profissionais de educação, pois em determinadas situações não estamos preparados o suficiente para que o conflito seja resolvido/mediado da forma mais precisa e correta possível.

Ver a participação de todos dialogando e repensando a sua prática me faz pensar que não importa a quantidade de pessoas que compõem um grupo, mas a participação ativa do pequeno grupo, a ação voluntária de estar ali, naquele momento, disponibilizando uma parte do tempo, da sua vida familiar para conversar, expressar opiniões, abordando assuntos que são importantes para o desenvolvimento da nossa sociedade, visando à construção da cultura de paz.

A escola é a nossa segunda família, é neste ambiente que passamos a grande parte de nossas vidas, juntamente com colegas e alunos. Precisamos buscar aperfeiçoar a nossa prática, mas com apoio de todos por uma causa justa e humana, uma educação de qualidade, visando o desenvolvimento pleno dos seres humanos.

OITAVO ENCONTRO – 03 de dezembro de 2020

O encontro foi um momento de diálogo para decidirmos em conjunto como iríamos compilar os dados e conhecimentos trabalhados no decorrer dos encontros, abordando as diferentes temáticas envolvidas.

No primeiro momento da intervenção, tínhamos um objetivo de construir coletivamente um Protocolo do Educar para a Paz, mas, com o desenvolvimento dos encontros paralelos ao Laboratório de Prática em Gestão II, com a Professora Ana Cristina, surgiram novas ideias envolvendo a tecnologia, tendo em vista o momento atual que estamos vivendo.

Trouxe a proposta ao grupo, a qual seria de criarmos um pequeno vídeo contendo depoimentos dos participantes abordando a sua prática com a teoria estudada nos encontros de intervenção. Este vídeo seria um instrumento

auxiliar do professor, assim como pais e outras pessoas que tivessem o interesse de conhecer um pouco sobre a cultura de paz, sendo um estímulo à comunidade em geral.

A proposta foi aceita pelo grupo, que manifestou ser interessante a nova dinâmica. Assim, listei os temas abordados e ficou livre para escolherem a temática de cada um e depois gravarem o vídeo. Nesta oportunidade, estipulamos datas para as gravações e entrega dos vídeos, que seriam enviados através do grupo de WhatsApp ou no privado.

Comentários reflexivos enviados pelo WhatsApp após o oitavo encontro:

As mensagens recebidas no grupo de Whatsapp foram relacionadas aos temas e logística de como iríamos montar o vídeo.

Reflexões sobre o tema do oitavo encontro.

Após o encontro e recebimento do material solicitado junto aos participantes, percebi que poucos do grupo gravaram os vídeos, mas recebi arquivos com depoimentos relevantes que seriam importantes para a construção do vídeo final.

Quando propomos algo e é aceito, criamos uma expectativa de que todos irão realizar com o mesmo entusiasmo que você tem. Mas, precisamos aprender a trabalhar com situações não esperadas por nós e tentarmos entender o motivo que fez o outro não participar. Já foi relatada no início dos encontros sobre o momento que vivenciamos e realmente a pandemia não acabou, ao contrário, esta se agravou em todo o Brasil e no Rio Grande do Sul, o sistema de saúde teve um colapso, onde pessoas aguardam leitos em UTI e muitas vezes acabam falecendo por não conseguirem vaga.

Cada um de nós sabe das suas angústias e prioridades, não podemos obrigar e nem impor algo que, principalmente é do nosso interesse, querer que outras pessoas também o façam. Então, respeito a opinião e atitude de cada participante que esteve comigo, dialogando virtualmente e de forma voluntária, abordando temáticas tão importantes e que nos proporcionaram momentos como esse de reflexão e entendimento do que se passa ao nosso redor.

NONO ENCONTRO – AVALIAÇÃO GERAL

Através do grupo de WhatsApp foi combinado de que este encontro seria de avaliação online, através do Google Forms. Realizei alguns questionamentos sobre os encontros e estes foram respondidos por 5 (cinco) participantes conforme podemos verificar abaixo:

Participante 2 relatou que “os encontros foram ótimos, tendo articulação entre a teoria e a prática, além dos instrumentos utilizados para mediar os encontros estavam adequados ao momento atual”. Pontuou como as principais dificuldades enfrentadas durante os encontros, “a conciliação do tempo, frente a tudo que estamos vivenciando”. Destacou que: “o grupo de trabalho foi muito agradável e trouxe contribuições importantes para o debate dos temas, a maneira como foram conduzidos os encontros, sempre muito dinâmicos e articulados e as intervenções dos professores que serviram para nos fazer repensar a forma como lidamos com a cultura de paz no cotidiano”.

No final do formulário solicitei uma pequena mensagem envolvendo os temas abordados e vivências de 2020, considerando a experiência dos encontros. A Participante 2 deixou a seguinte mensagem: “Na verdade o que podemos vir a reafirmar ao final de nossos encontros é que as causas de conflitos serão sempre muitas e a cada dia que passa elas ainda aumentam, mas o resultado é sempre o mesmo: destruição e crise humanitária. A nós caberá sempre a reflexão: O que foi que nos levou a sentir o conflito como algo normal nas pessoas? No mundo? Precisamos descobrir como transformar o nosso coração e mudar a nossa mentalidade para procurar verdadeiramente a paz na solidariedade, na fraternidade, na humanidade. Neste ano de 2020, tudo isso ainda ficou mais explícito, porque precisamos cuidar uns dos outros. Eu preciso de cuidado, mas preciso que você se cuide e precisamos que todos tenham cuidados para sairmos desta pandemia muito mais fortes do que entramos. A cultura de paz nunca precisou ser tão disseminada no coração das pessoas”.

No decorrer das avaliações, a Participante 5 acrescentou que “as principais dificuldades enfrentadas por ela foi de conciliar o tempo e dias com o trabalho da casa e da escola”. Pontos positivos foram “os temas abordados sendo de grande valia” e deixou como mensagem final “o desejo e a esperança de um mundo melhor onde pessoas possam enxergar a vida de uma forma diferente. Que possamos trazer para dentro das nossas escolas a cultura da paz, mas não focada a mera simbologia de uma pomba branca, mas uma cultura que envolva o amor ao próximo, a solidariedade, a vivência dos valores que tanto são ditos, porém pouco vivenciados e praticados, que nossos pequenos alunos aprendam a consumir de forma consciente. E que nós, educadores, continuemos firmes e certos de que faremos a nossa parte para que nossos alunos se tornem cidadãos solidários, menos consumistas e conscientes do seu papel na sociedade”.

A Participante 3 avaliou os encontros “como bons, tendo uma articulação da teoria e prática de forma regular e os instrumentos para o desenvolvimento dos encontros de uma maneira geral foram bons”. Não encontrou dificuldade durante os encontros e como ponto positivo, “o respeito aos horários”. A sua mensagem final foi de que “Este tema Cultura de Paz é muito amplo e envolve muitas questões difíceis de serem abordadas. Neste ano atípico não conseguimos colocar em prática a parte que envolve a escola. E nesta parte temos muitos conflitos que precisam ser mediados”.

Na visão do Participante 9, os encontros foram ótimos, bem como a articulação da teoria com a prática e os instrumentos utilizados nas intervenções, destacou como ponto positivo a troca de experiência, enriquecendo o debate e não considera como dificuldade, mas uma pena os encontros não serem presenciais, pois, esta troca não tem como ser substituída, embora a tecnologia seja boa e produtiva, mas faltou o contato presencial.

A sua mensagem final é de que “o desafio é grande a estrada pode ser árdua, porém ao aprofundar um pouco nos temas vimos que é muito gratificante mesmo as pequenas conquistas são avanços e a cada novo progresso podemos fazer com que mais pessoas busquem a levar a vida através da cultura da paz”.

E, para finalizar as avaliações, a Participante 6 registrou como ponto positivo o aprendizado e como dificuldade, a conciliação do tempo em alguns momentos, pois foram vários encontros. A sua mensagem final envolve a empatia: “Empatia é a palavra mágica para os temas abordados e não só para o que foi vivenciado este ano e sim para a vida”.

Portanto, o novo encontro foi dedicado à reflexão por parte dos participantes, realizando uma avaliação dos encontros das intervenções.

Reflexões das avaliações dos encontros no Google Forms

Muitas vezes me questionei, após cada encontro: Será que os participantes estão gostando desses momentos de diálogo? As contribuições terão relevância na vida de cada um? Auxiliará de alguma forma na prática pedagógica? São questionamentos que na maioria das vezes não conseguimos resposta imediata, mas o objetivo é que os encontros tenham sido válidos, não cansativos e repetitivos.

Após analisar as avaliações recebidas, percebi que todos os encontros foram válidos e possibilitaram o diálogo e a reflexão. Considero que, para valer a pena, cada momento deve ser vivido intensamente, pois sempre possibilitarão alguma experiência para ampliar o nosso conhecimento. Cada participante que esteve presente se doou integralmente, tendo em vista a disponibilidade voluntária de sua parte.

As contribuições de cada um, com certeza são importantes para a construção coletiva do conhecimento e irão influenciar na construção do relatório final.

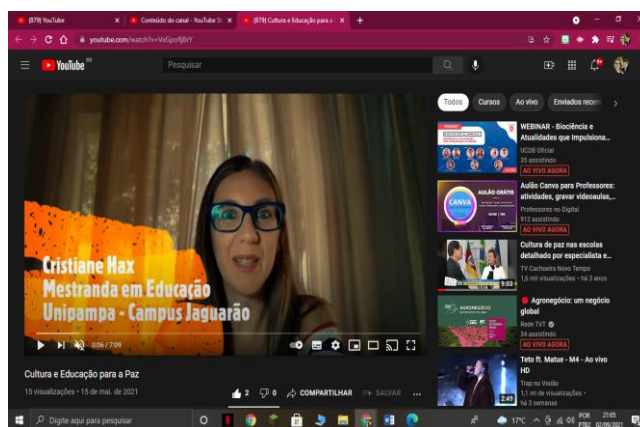
DÉCIMO ENCONTRO – 21 de dezembro de 2020

Neste encontro foi realizada a socialização dos trabalhos desenvolvidos entre os participantes e convidados. Esteve conosco o Professor Lúcio e o Professor Nei, os quais agregaram com as suas contribuições relacionadas ao material (vídeo) apresentado.

O vídeo foi uma construção coletiva, tendo como objetivo ser um apoio pedagógico para os professores abordarem em suas aulas. Com

aproximadamente 7 minutos, traz alguns conceitos, frases de teóricos e depoimentos dos participantes que aceitaram esse desafio de contribuir com a cultura de paz, ressaltando o ano de 2020, onde a tecnologia tornou-se uma das aliadas do professor durante o ensino remoto. Podemos acessar o vídeo no link: <https://www.youtube.com/watch?v=VxGpoflj8rY&t=182s>

Figura 16: Cultura para a Paz



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Após a apresentação do vídeo, todos deixaram a sua contribuição sobre os encontros e o trabalho desenvolvido. Ressaltaram a importância de refletir sobre os assuntos/temas do nosso cotidiano e pontuaram sobre questões que envolveram o ano de 2020. Também refletiram sobre a necessidade de momentos abordando temas relevantes para a nossa sociedade e desenvolvimento dos seres humanos, conscientizando-os para a construção de uma sociedade na qual o indivíduo faça uso da sua voz, participando ativamente frente às questões que norteiam o cotidiano.

O Professor Nei ressaltou que o material ficou muito bom, curto, objetivo e didático, trazendo conceitualmente os quatro pilares da educação, os quais são importantes e fundamentais para a educação do século XXI, mesmo já existindo há quase 30 anos e o material do Jares “Pedagogia da Convivência”.

O professor Nei deixou como sugestão que a cultura de paz e o educar para a paz seja desenvolvido na escola como tema transversal, possibilitando uma maior adesão pelos profissionais, pois já está lá dentro da escola, não terá a necessidade de criar mais um projeto, por exemplo.

Segundo o Professor Lúcio, empatia é algo que devemos trabalhar na escola, e agora, em época de pandemia, está sendo mais dialogado, mas também deve ser praticado. Deixou como sugestão abordar este vídeo com a comunidade, pois a cultura de paz se faz aos poucos, primeiro trabalha-se com os professores, logo com os alunos, que se tornam multiplicadores junto a suas famílias e amigos.

O objetivo é proporcionar momentos de reflexão, em que as crianças, desde pequenas, possam sentir que o educar para a paz é possível, e assim construirmos uma cultura de paz ativa, a qual possa fazer a diferença na vida das pessoas e que o mundo possa sentir isso, seja humano, o meio ambiente, animal, enfim, todo o planeta. Essa seria uma das maiores conquistas da humanidade, mas precisamos pensar o hoje, focando no amanhã, trazendo diálogos positivos envolvendo questões necessárias para a vida em sociedade.

Finalizamos assim as intervenções do mestrado, agradecendo a todos os participantes e professores convidados, grata pela disponibilidade de estarem presentes neste momento.

Reflexões da socialização e avaliação do décimo encontro.

A última análise poderia ser descrita com uma única palavra: gratidão! Ter tido a oportunidade de proporcionar momentos de diálogo e reflexão, tendo como parceria professores e amigos que fazem a diferença na educação das nossas crianças, jovens e adultos são gratificantes e prazerosos.

Assistindo ao vídeo, percebi que a sementinha foi plantada, agora cabe a nós, regar ela regularmente para não a deixar morrer. Creio que cada fala teve a sua importância e tudo é válido quando se faz com amor e dedicação. A presença dos professores convidados nos fez estabelecer relações e conhecer um pouco mais sobre a cultura de paz desde o Rio Grande do Sul até Ponta Grossa no Paraná, ou seja, compartilhando conhecimento além-fronteiras.

Pensem que desenvolver o educar para a paz nas escolas é o início para a construção da cultura de paz, visando auxiliar na formação das crianças, sendo elas, as próprias multiplicadoras neste processo. Aproximar a família da escola através de ações abordando os temas dialogados durante as

intervenções é uma das alternativas para continuar o desenvolvimento do processo da paz.

A educação tem um papel fundamental na vida dos seres humanos, pois existe uma responsabilidade perante a formação cidadã, auxiliando os indivíduos a compreenderem a sua importância junto ao mundo que estamos inseridos, ou seja, precisamos assumir o compromisso pela prática da cidadania.

Hoje, após todo o estudo e conhecimento compartilhado, pode se perceber o quanto é necessário praticarmos a cultura de paz, pois abrange vários aspectos da sociedade. Atualmente vivemos no aguardo da vacina contra o Covid-19, onde o ser humano através da ciência e tecnologia trabalha para proteger a humanidade desse vírus que assombra a todos desde dezembro de 2019.

Durante esse período, muito se escutou sobre o ser humano ser mais tolerante, solidário, consciente e desenvolver a empatia, ou seja, colocar-se no lugar do outro. A crise sanitária a qual estamos vivendo está nos mostrando às diversas dificuldades da grande maioria da população brasileira, tendo em vista o desemprego, os conflitos familiares, a desigualdade social, bem como as injustiças sociais que desencadeia uma cultura de violência.

Sendo assim, devemos continuar trabalhando o educar para a paz, proporcionando momentos de reflexão e ação incentivando a comunidade em geral a participar e entender a construção da paz, visando o bem de forma coletiva e não individualista. Somente desta forma poderemos evoluir como seres humanos e auxiliar no desenvolvimento e preservação do nosso planeta.

7. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Depois de realizada a análise dos dados, foi possível construir duas categorias. A primeira foi denominada “A importância e necessidade de formação continuada tendo como foco a construção da cultura de paz visando o educar para a paz”. A segunda, “Reflexões sobre os diferentes tipos de violência e conflitos”. Logo, considerando o desenvolvimento dos encontros de intervenção, apresento a avaliação da intervenção pedagógica, através da análise e discussão dos dados.

7.1 A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA TENDO COMO FOCO A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DE PAZ VISANDO O EDUCAR PARA A PAZ

Um dos objetivos desta pesquisa-ação intervencionista foi oportunizar momentos de formação e diálogo entre os profissionais da escola visando às ações que envolvam a cultura de paz e a sustentabilidade. Uma maneira de qualificar a prática pedagógica dos professores para auxiliar na construção de propostas envolvendo a construção da cultura de paz junto à escola. Precisa ter uma educação para a paz na escola, sendo que paz também se aprende. O ato de educar para a paz é totalmente pedagógico, e para isso abarca diferentes aspectos de nossas vidas.

[...] uma Educação para a Paz está no conjunto de elementos entrecruzados como os direitos humanos, valores humanos, mediação de conflitos, pedagogia da convivência, além de perspectivas do meio ambiente entre tantos que sejam passíveis ao critério da visibilidade. Aqui podemos dizer também que a Educação para a Paz precisa dar visibilidade também aos elementos da paz, ao diálogo positivo entre as religiões, às convivências solidárias e gentis entre as pessoas, às ações do bem de caráter voluntário, enfim, a todas as dimensões não midiáticas que acontecem na vida vivida cotidianamente (SALLES FILHO, 2016, p. 112).

De maneira geral, refletindo sobre a citação de Salles Filho (2016), percebo que diálogos durante as intervenções foram importantes para pensarmos em possíveis readequações em nossas práticas educativas, possibilitando a valorização e maior diálogo sobre o que envolve um trabalho pedagógico na construção pela paz.

Quadro 1: Fala Participante 2

Participante 2: [...] a importância de se estabelecer uma cultura de paz dentro do ambiente escolar e no cotidiano da vida. É necessário pensar e refletir com base na valorização do ser humano, na inclusão de valores no dia a dia, na ética, opondo-se ao preconceito e a violência visando à construção de um espaço de paz para que se possa efetuar na escola o processo de ensino e aprendizagem.

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Quadro 2: Fala Participante 5

Participante 5: rever a importância de organizar o nosso trabalho pedagógico focado a uma Educação para a Paz, procurando dar uma atenção especial a temas como, valores humanos, cidadania, meio ambiente entre outros [...] o fato de que muitos dizem que não praticam a violência, mas mal percebem que estão sim praticando, porém, de forma indireta. Precisamos aprender a educar os nossos filhos, os nossos alunos para a Paz, pois somente assim será possível combater ou diminuir essa Cultura de Violência.

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

É possível perceber a necessidade que os professores têm de aprender sobre a educação para a paz, de refletir sobre a prática docente e reestruturar as suas ações, tendo como foco os fatores que influenciam diretamente na promoção da cultura de paz, como exemplo, os valores humanos, os quais são imprescindíveis de serem abordados na escola, pois segundo Salles Filho (2016, p. 224):

[...] mesmo não visíveis ou declarados, precisamos considerar fortemente que os valores humanos atuam de forma direta sobre o mundo e a vida. Quando são explicitados há maior clareza de sua influência sobre as decisões e ações [...] valores distinguem indivíduos entre si ou definem grupos [...] estão num jogo permanente de conflitos, não apenas externos, mas também internamente às perspectivas pessoais. Pessoas, grupos, nações, podem partilhar um conjunto de valores mais ou menos estáveis, influenciados pelo conjunto cultural e pelos contextos.

Dito isto, Salles Filho (2016) afirma que compreendemos que os valores humanos são determinantes em nossas ações e interferem diretamente no comportamento diário. Não podemos ficar somente no senso comum. Na escola, estar em constante diálogo com a equipe a fim de analisar quais as diferentes formas para trabalhar esses valores, direcionando a internalização desses conceitos, bem como a prática dos mesmos.

Atualmente, ainda em tempos pandêmicos, podemos refletir sobre diversas questões (sociais, econômicas, políticas, psicológicas, educacionais, etc.) e estabelecer relações de como era a educação antes da pandemia, durante e pensarmos no pós-pandemia. Como estão as relações humanas neste momento? E o que o educar para a paz agregaria neste instante? Observamos o depoimento de uma participante:

Quadro 3: Fala Participante 3

Participante 3: [...] a humanidade está muito longe de estabelecer relações de tolerância, empatia e humildade. Cada vez mais assistimos a cultura do individualismo e com isso vem o desrespeito, a intolerância, a agressividade e a falta de amor ao próximo.

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Refletimos sobre o que está acontecendo ao nosso redor. Será possível mudar? Quando pensamos em construir uma cultura de paz, precisamos abranger atitudes coletivas e individuais, tendo em vista o bem-estar dos indivíduos e também do desenvolvimento humano. Dupret (2002, p. 92) diz que:

A cultura de paz está pautada em valores humanos que precisam ser colocados em prática, a fim de passarem do estado de intenção para o exercício da ação, transformando-se, concretamente, em atos. Tais valores, que se traduzem em éticos, morais e estéticos, nos encaminham para o despertar de expressões de amor e manifestações de respeito, que têm estado adormecidos, nos últimos tempos.

A autora abordou a ausência dos valores humanos há anos. E, atualmente, podemos perceber que ainda persiste tais comportamentos, principalmente agora durante a pandemia, onde ficou explícito a desigualdade social existente em nosso país, afetando a vida de milhares de brasileiros. Nós, professores, precisamos de formações com base nos aspectos que envolvem o educar para a paz, auxiliando no desenvolvimento das crianças e jovens.

Não podemos deixar de trabalhar as questões sociais que estão ao nosso redor. Precisamos desenvolver a aprendizagem junto de nossos alunos, buscando auxiliá-los a serem indivíduos críticos e reflexivos sobre o que acontece em nossa sociedade. Isto oportunizará a transformação do ambiente que frequentamos, tornando-o acolhedor. Corroborando com o pensamento de Cainelli e Teixeira (2018, p. 27) que diz que “devemos criar um ambiente adequado e acolhedor para que as sementes da paz possam germinar”, envolvendo de maneira coletiva.

A visão da participante 5 reforça o estudo que estamos desenvolvendo acerca da paz e da considerável falta que faz trabalhar junto aos professores e alunos sobre a temática:

Quadro 4: Fala Participante 5

Participante 5: *o desejo e a esperança de um mundo melhor onde pessoas possam enxergar a vida de uma forma diferente. Que possamos trazer para dentro das nossas escolas a cultura da paz, mas não focada a mera simbologia de uma pomba branca, mas uma cultura que envolva o amor ao próximo, a solidariedade, a vivência dos valores que tanto são ditos, porém pouco vivenciados e praticados, que nossos pequenos alunos aprendam a consumir de forma consciente. E que nós, educadores, continuemos firmes e certos de que faremos a nossa parte para que nossos alunos tornem-se cidadãos solidários, menos consumistas e conscientes do seu papel na sociedade.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Porém, o caminho para chegar a uma cultura de paz não é fácil, envolver e despertar o interesse para esse estudo requer do ser humano um olhar atento e crítico frente às reais necessidades do ambiente, ao qual está inserido. Hax e Rocha (2021, p. 214) por sua vez, afirmam que:

[...] na escola em especial, existe a necessidade de se estimular a arte do cuidar, pois somente cuidando do outro e que podemos envolver a cultura de paz fundamentada no respeito a diversidade, a diferença e do cultivo das diferentes culturas, pois todos fazem parte da humanidade [...] acredita-se que a sociedade pode ser transformada, para isto precisa-se estimular praticas entre os jovens, para perceber o prazer de compartilhar e ser solidário, visando uma cultura de paz, fundamentada na percepção de que somos todos, parte de um mesmo ambiente – o planeta Terra.

Assim, pensemos que, mesmo durante a pandemia, ainda existente, os professores através de inúmeras formações pedagógicas virtuais (metodologia mais utilizada atualmente) podem buscar aperfeiçoar a sua prática pedagógica, refletindo sobre como poderemos trabalhar com esta temática de forma remota e logo no retorno presencial. Desta forma, a Participante 2 ressaltou que:

Quadro 5: Fala Participante 2

Participante 2: *Neste ano de 2020, tudo isso ainda ficou mais explícito, porque precisamos cuidar uns dos outros. Eu preciso de cuidado, mas preciso que você se cuide e precisamos que todos tenham cuidados para sairmos desta pandemia muito mais forte do que entramos. A cultura de paz nunca precisou ser tão disseminada no coração das pessoas.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Está visível a urgência de dialogarmos sobre a paz nas escolas, sendo que vivemos em um estado democrático de direito. Qualquer processo de mudança social, segundo Silva e Tavares (2011), envolve a formação e a educação dos cidadãos e das cidadãs na perspectiva do respeito aos direitos de todos os seres humanos são fundamentais. Para isso, estabelecendo relação com as reflexões durante as intervenções, compreendemos que o estudo é amplo e necessário para tornarmos seres humanos aptos a vivermos

em sociedade, transformando-a em um ambiente mais justo, no qual os indivíduos saibam ouvir mais e julgar menos.

Por essa razão, englobamos uma série de aspectos a serem abordados e estudados, como os direitos humanos, cidadania, diversidade, sustentabilidade, democracia, valores humanos (já mencionados), conflitos, estes frequentes em nossas vidas, e que saibamos diferenciar o conflito negativo do positivo. Mas como assim? Os conflitos fazem e são necessários para que possamos evoluir como seres humanos. Podemos e devemos discordar de diferentes ideias, pois não somos homogêneos, somos seres heterogêneos e neste aspecto, ressaltamos o respeito pela opinião do outro.

Quadro 6: Fala Participante 6

Participante 6: *às vezes não é o divergir do teu pensamento, mas vivemos na zona de conforto, onde o novo nos assusta [...] o meu direito vai até onde começa o do outro. Respeitar o pensamento do outro.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Observemos que o pensamento dos participantes é semelhante e que os períodos de reflexão durante os encontros de intervenção foram positivos no sentido de dialogarmos mais, ressignificando nosso trabalho pedagógico.

Quadro 7: Fala Participante 9

Participante 9: *diferentes classes sociais, políticas, econômicas, mas o objetivo é comum a todos, é um só. O respeito sempre prevalece e consegue desenvolver a opinião crítica”.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Acreditamos que o caminho a ser percorrido é este, não podemos desistir frente aos inúmeros obstáculos que muitas vezes encontramos durante o percurso. Precisamos desenvolver mais a cooperação e não a competição, o

coletivo e não o individualismo. Por isso, compreendemos que o objetivo específico de refletir sobre como propor dinâmicas e ações que envolvam os alunos, professores, pais e comunidade escolar visando às ações que envolvam a cultura de paz possibilita o desenvolvimento e construção de um novo ambiente a ser usufruído e compartilhado.

7.2 REFLEXÕES SOBRE OS DIFERENTES TIPOS DE VIOLÊNCIA E CONFLITOS

Na maioria das vezes, entende-se o conflito como algo negativo, sendo a origem de várias situações de violência na escola ou fora dela. Mas, após várias leituras, compreendemos que existe o conflito positivo e não podemos afirmar que o conflito é violência, segundo o pensamento de Salles Filho (2016, p. 262) a ressalva é: se o conflito pode levar a violência, ela não pode igualmente preveni-la?

Hoje, a educação para a paz revela-se como possibilidade, no próprio espaço da educação, para superar a violência no meio escolar e dar um contributo para a construção de uma sociedade não-violenta [...] Passa-se a compreender a paz, não apenas como ausência de guerra ou de violência, mas como a construção de uma cultura de paz. Nesta construção tem papel decisivo os Estudos de Paz que buscam entender as raízes dos conflitos e os passos necessários para a sua superação (HAMMES, 2009, p. 13).

Corroborando com o pensamento do autor, podemos afirmar que a melhor solução para a resolução dos conflitos é o diálogo. Mas, enquanto educadores, também compreendemos a dificuldade encontrada por nós de intervir no âmbito escolar, sendo mediadores e agirmos de forma não influenciável em ambas as partes.

Quadro 8: Fala Participante 6

Participante 6: *interessante na mediação escolar, não haver culpado e inocente.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Participante 5: *penso que um dos fatores que podem gerar possíveis conflitos é a forma de como nos expressamos, tom da voz, expressões faciais, atitudes, podem ou não ser mal interpretada e gerar possíveis julgamentos negativos e muitas vezes errado. Interessante a questão da imparcialidade, de se policiar mantendo-se imparcial diante do conflito, ter um posicionamento firme, permitir que ambas as partes expõem as suas versões, procurar conduzir a situação de forma que ambos percebam os seus erros e assim concluírem que o acontecido poderia ter sido evitado.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

O conflito sempre irá existir e assim impactará diretamente nas relações humanas, podendo se desenvolver de maneira positiva ou negativa, dependendo da forma que for encaminhado. Por tanto, o uso do diálogo é importante, pois estes precisam ser transformadores, os quais irão atingir os sujeitos envolvidos. Assim, outro comentário que segue, remete a existência dos conflitos desde antigamente e era considerado como atos de sobrevivência.

Quadro 9: Falas Participante 6

Participante 6: *Os conflitos existem desde antigamente, e muitas vezes era um ato de sobrevivência.*

Participante 6: *que tipo de violência a criança pode estar sofrendo no ambiente familiar por não estar na escola?[...] e às vezes a violência não é física, pode ser uma violência intelectual, mental, ou alguma coisa que sobrecarrega tanto [...] e muitas vezes deixar aquela criança sozinha em casa por oito horas, porque o pai ou a mãe está trabalhando, também é uma forma de violência.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Logo, precisamos refletir sobre estarmos cientes e preparados para conduzir as mediações escolares na pós-pandemia, considerando todo esse período das crianças fora da escola, sendo necessário o retorno presencial de forma segura, pois o professor possui um papel fundamental na educação dos nossos alunos.

Essas mediações são necessárias não somente na escola, mas em nosso cotidiano, pois também vivenciamos inúmeros conflitos em casa, entre familiares, amigos, enfim, precisamos estudar e compartilhar conhecimento para desenvolvermos um trabalho com mais confiança em nós mesmos. Assim, observemos o comentário da participante 5:

Quadro 10: Fala Participante 5

Participante 5: *Contudo, percebi que quanto mais 'preparados' nós estivermos, para resolver as situações de conflitos entre alunos, maiores serão as chances de estarmos contribuindo para a formação de bons cidadãos capazes de conviver em sociedade sem precisar fazer uso de qualquer tipo de violência.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Compreendemos que os conflitos não resolvidos de maneira assertiva muitas vezes podem desencadear atos de violência direta (física e verbal). Quando abordado o tema Bullying, durante o segundo encontro de intervenção, refletimos sobre o contexto que estamos inseridos e em tempos de pandemia, respeitando o isolamento social, acompanhamos os noticiários da televisão (na grande maioria atos negativos e violência - direta e indireta), e o quanto podem influenciar na vida das crianças neste momento. Observemos a reflexão da participante 5:

Quadro 11: Fala Participante 5

Participante 5: *Infelizmente vivemos um triste momento em que as pessoas não estão conseguindo viver e conviver em paz. Quanta violência está causando o sofrimento humano, já não há respeito entre as pessoas, a gentileza quase não é praticada, não há empatia e muito menos solidariedade.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

O novo cenário vivido instiga a refletirmos, pois a pandemia demonstrou que a violência indireta - a estrutural, que é aquela que não tem um ator estabelecido, é muito presente no Brasil através da desigualdade social. Um exemplo comprovado através de pesquisas está relacionado à estrutura de acesso à internet durante o ensino remoto. Milhares de estudantes não possuem ensino remoto, pois não tem estrutura adequada para assistirem as aulas virtuais.

Quadro 12: Fala Participante 5

Participante 5: *É difícil viver em paz em um país e mundo que pratica a violência dia a dia, onde os nossos direitos e deveres humanos são ignorados, onde há injustiças sociais, desvalorização da cultura.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Compreendemos que a participante trouxe uma reflexão muito pertinente considerando o contexto atual, que reforça o desafio de abordarmos e lutarmos por políticas públicas que visem garantir e sejam cumpridas em relação aos direitos humanos, reforçando as justiça sociais e o que nos motiva e nos move a seguir lutando na área da educação. Abaixo, o restante do depoimento:

Quadro 13: Fala Participante 5

Participante 5: *se faz necessário abrir espaços em nossas escolas para dialogar sobre a Cultura da Paz. Apesar de estar ciente de todas essas violências ainda me sinto esperançosa e com vontade de continuar fazendo a minha parte como educadora.*

Fonte: Arquivos da pesquisadora.

Ser educador no século XXI, principalmente em tempos de pandemia, requer de nós um trabalho responsável e árduo, pois estamos trabalhando diretamente com a vida do ser humano. E, neste momento, não é fácil pensar qual a melhor maneira, melhor metodologia de abordar o educar para a paz de forma pedagógica visando uma cultura de paz não estando presencialmente com os nossos alunos e colegas professores.

No entanto, tendo esperança e muita disposição para aprender, conhecer novos métodos, compartilhar e trocar experiências são algumas das formas que devemos manter para aperfeiçoar as nossas praticas pedagógicas, incentivando a todos desenvolver uma educação para a paz, lutando para construirmos uma cultura de paz.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O educar para a paz se faz necessário a cada dia que passa. Ao longo deste trabalho, refletiu-se sobre as possíveis práticas educativas envolvendo o educar para a paz, o qual está relacionado ao campo pedagógico. As reflexões acerca desta temática nos direcionam a não dar por encerrada determinada discussão, uma vez que a construção da cultura de paz é um processo lento que precisa ser desenvolvido diariamente através das relações humanas. Propor momentos de formação docente envolvendo a promoção da paz se mostrou importante tendo em vista que a cultura de paz é ampla e engloba diversos fatores, desde o aspecto social, econômico, psicológico, estético, entre outros, estabelecendo relações diretas com o ambiente no qual estamos inseridos.

Acreditamos que é possível construir uma cultura de paz. Não é fácil, mas não é utopia, pois o ser humano é capaz de vivenciar esta cultura. Dito isso, contribuir com a formação de professores e comunidade escolar é essencial, pois são agentes transformadores neste processo, podendo ser disseminadores da proposta diretamente nos espaços que atuam e frequentam. A escola é um ambiente onde ocorrem diversos conflitos, no entanto é preciso que os educadores compreendam que o tema conflito não necessariamente é sempre algo negativo, pois faz parte da nossa vida, este pode se tornar destrutivo ou construtivo. Importante compreender alguns conceitos como o educar para a paz, cultura de paz e conflitos para estabelecer relações entre a teoria e prática, o que fará com que aumentem significativamente as chances de dar início a promoção pela paz.

Destacamos que a pandemia, a qual ainda estamos vivendo, alterou o funcionamento da rotina de milhares de famílias e a educação foi atingida diretamente pelo isolamento social, desde escolas públicas a privadas, nos processos de ensino aprendizagem, bem como na docência. Citando o cenário brasileiro, a partir da pandemia e da crise sanitária instaurada, a desigualdade social tornou-se mais evidente, mostrando a realidade de várias famílias, as quais não possuem acesso ao ensino remoto.

Nesta perspectiva, retomando os objetivos propostos na pesquisa, assim como os dados coletados durante os encontros, verificamos que, apesar das

inúmeras dificuldades que foram diagnosticadas nos relatos e avaliações, é possível sim a realização de novas ações voltadas para o educar para a paz, visando a construção da cultura de paz, tendo como foco assuntos do cotidiano, valorização e conhecimento do meio ao qual o indivíduo pertence. Os participantes da intervenção perceberam que não basta focar somente nos conteúdos de seus componentes curriculares, mas considerar outros aspectos, assim como novas dimensões necessárias a formação humana.

Destacamos que o caminho percorrido durante os encontros foi de muitos aprendizados, alguns um pouco frustrantes, pois as intervenções tinham sido planejadas para serem realizadas presencialmente com alunos, professores e comunidade escolar, as quais foram interrompidas em função da pandemia. Assim, foi necessário reorganizar e aplicar de forma remota, um método emergencial adotado para que as famílias mantivessem contato com a escola e a educação não parasse.

A proposta de construirmos de forma coletiva um protocolo durante as intervenções também foram reavaliadas em conjunto, optando por criarmos um pequeno vídeo, destacando tópicos importantes sobre o tema cultura de paz, assim como depoimentos de professores sobre o trabalho que estão desenvolvendo, logo publicamos no Youtube, ficando disponível para o público em geral, tornando-se um material de apoio pedagógico.

Nesta etapa, após concluir o Relatório Crítico-Reflexivo envolvendo a temática da paz, reavaliando os relatos, refletindo sobre as discussões, analisando novas bibliografias, surge um novo interesse em dar prosseguimento a esta pesquisa. Pretendo através de novos vínculos, incentivar um novo público de profissionais e comunidade escolar a realizarmos estudos de formação continuada envolvendo a temática do educar para a paz. Assim como, espero que após todos esses encontros virtuais, de diálogos sobre os mais variados aspectos englobando a construção de uma sociedade mais justa, tenham tido algum significado no desenvolvimento das práticas pedagógicas dos educadores, bem como das famílias.

Através do vídeo criado de maneira colaborativa, visando contribuir com as atividades docentes, pesquisas e também familiares englobando autores da cultura de paz, espera-se que seja de grande valia, pois todo conhecimento precisa ser partilhado com o maior número de pessoas para que novas

contribuições possam surgir e, assim, multiplicarmos o educar para a paz, através das práticas educativas, auxiliando na formação dos seres humanos.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Sérgio A. M.; **A indisciplina e a escola**. Um estudo de caso sobre as representações dos docentes do 2º e 3º CEB. 2006. Disponível em: <<http://repositorio.uportu.pt/jspui/bitstream/11328/235/2/TME%20248.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

BERGMANN, Jonathan. **Sala de aula invertida**: uma metodologia ativa de aprendizagem. AARON Sams; tradução Afonso Celso da Cunha Serra. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2016.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari K. **Investigação Qualitativa em Educação**. Tradutores: Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Portugal: Porto Editora Ltda, 1994.

BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Regulamenta a alínea “e” do inciso III do **caput** do art. 60 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, para instituir o piso salarial profissional nacional para os profissionais do magistério público da educação básica. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11738.htm>. Acesso em: 12 fev. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.738, de 16 de julho de 2008. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm>. Acesso em: 12 fev. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base nacional comum curricular. Brasília, DF, 2016. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/inicio>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2016. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 12 fev. 2020.

CAINELLI, Gabriela P.; TEIXEIRA, Lezilda Maria. O coordenador pedagógico e a reflexão na escola: Um caminho à educação para a paz. In. NODARI, Paulo C.; BIASOLI, Cleide C. (Org.). **Educação, meio ambiente e cultura de paz**. Caxias do Sul, RS: Educs, 2019. P. 26-30. Disponível em: <<https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-edc-meio-ambiente.pdf>>. Acesso em: 14 de abr. 2020.

CARDOSO, Marcio Adriano; SILVA, Karine Quadros da. PAULO FREIRE: UM REFERENCIAL PARA A CULTURA DE PAZ. **Revista Práxis**, Novo Hamburgo, v. 2, p. 9-14, aug. 2013. ISSN 2448-1939. Disponível em: <<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraxis/article/view/755>>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CHARLOT, Bernard. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 4, n. 8, jul/dez, 2002, p. 432-443.

CASARIN, Helen C. S.; CASARIN, Samuel J. **Pesquisa científica: da teoria à prática**. Curitiba: Intersaberes, 2012.

COUTO, Vânia S. L. S. F. O. **Indisciplina na escola: um estudo sobre os comportamentos de (in) disciplina de alunos de Cursos Profissionais**. 2013. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/71845/2/tesemestvaniacoutoindisciplina000222520.pdf>> Acesso em: 16 abr. 2020.

CN / CULTURA DE PAZ – parte 1. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=b3IP5UOSMkg>>. Acesso em: 23 mai. 2020.

DAMIANI, Magda Floriana. et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. **Cadernos de Educação**. Faculdade de Educação. UFPEL. Pelotas [45] 57 – 67, maio/agosto, 2013.

DECLARAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS. UNIC/Rio/005, 2009. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/wp-content/uploads/2018/10/DUDH.pdf>> Acesso em: 14 abr. 2020.

DELORS, J [et al.]. (1998) **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Brasília, DF.: MEC: UNESCO.

DUPRET, Leila. Cultura de paz e ações sócio-educativas: desafios para a escola contemporânea. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 6, n. 1, p. 91-96, jun. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572002000100013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 13 abr. 2020.

EDUCADORES PARA A PAZ. **Aprender a educar para a paz – Curso de Educação para a Paz**.

FANTE, Cleo. **Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 6. ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Ana M. A. Educação para a paz segundo Paulo Freire. **Revista Educação Eletrônica**. Porto Alegre, v. 2, 2006.

GHEDIN, Evandro L., REIS, Terezinha Ribeiro, SILVA, Silvio José R. O uso de espaços formais e não formais de educação em estratégias didáticas com enfoque CTS. In: IV Simpósio Nacional de Ensino de Ciências e Tecnologia. **Anais...** 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/338392398_O_uso_de_espacos_formais_e_nao_formais_de_educacao_em_estrategias_didaticas_com_enfoque_CTS>. Acesso em: 22 mar. 2020.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. 2002; 6. tiragem. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antônio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. 11 reimp. São Paulo: Atlas, 2008.

GONDIM, Sônia M. G. Grupos Focais como técnica de investigação qualitativa: desafios metodológicos. **Paidéia**, 2003, v. 12 n. 24, 149-161.

GOMES, Luzivone Lopes; MOITA, Filomena M. Gonçalves da Silva Cordeiro. O uso do laboratório de informática educacional: partilhando vivências do cotidiano escolar. In: SOUSA, R. P. et al. (Orgs). **Teorias e práticas em tecnologias educacionais [online]**. Campina Grande: EDUEPB, 2016, p. 151-174.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. **Educação para a paz: sentidos e dilemas**. 2. ed. Caxias do Sul, RS: Educs, 2011.

HAMMES, Edilberto L. **São Lourenço do Sul: radiografia de um município – das origens ao ano 2000**. São Leopoldo: Studio Zeus, 2010.

HAMMES, Lúcio J.; ZITKOSKI, Jaime J.; BOMBASSARO, Luiz C.; Ética, Educação e Direitos Humanos. **Signos**, ano 34, n. 1, p. 21-32, 2013.

Disponível no site:

<https://www.researchgate.net/publication/265215742_ETICA_EDUCACAO_E_DIREITOS_HUMANOS> Acesso em: 11 mai. 2020.

HAX, Cristiane S. A.; ROCHA, Jefferson M. Paz e sustentabilidade nas práticas educativas. In: SILVA, Américo Junior Nunes da; SOUZA, Ilvanete dos Santos de; LIMA, Reinaldo Feio (Orgs). **Discursos, Práticas, Ideias e Subjetividades na Educação** Ponta Grossa – PR: Atena, 2021.

JARES, Xesús. **Pedagogia da Convivência**. Tradução de Elisabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2008.

JARES, Xesús. **Educar para a paz em tempos difíceis**. Tradução de Elisabete de Moraes Santana. São Paulo: Palas Athena, 2007.

JARES, Xesús. **Educação para a paz**: sua teoria e sua prática. Tradução de Fátima Murad. 2 ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LEMES, Erica C.; FILHO, Nei A. S.; SALLES, Virginia O. **Cultura de paz nas escolas**: por uma educação para a paz com fundamentos pedagógicos. Brasília: ANEC, 2017, Ano 02, n.º 03.

LUDTKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORAES, Roque. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência e Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 20. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

OLIVEIRA, S. B.; KRIEGER, P. K.; FABIS, C. S. **Cultura da paz e desenvolvimento sustentável**: Caminhos que levam à direção de uma nova sociedade. Disponível em: <http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8174/2/Cultura_da_Paz_e_Desenvolvimento_Sustentavel_Caminhos_que_levam_a_direcao_de_uma_nova_sociedade.pdf>. Acesso em: 12fev. 2020.

OLIVEIRA, Aldeni M.; STROHSCHOEN, Andreia A. G.; **Diário de Bordo**: Uma ferramenta para o registro da alfabetização científica. 2015. Disponível em: <https://www.univates.br/ppgece/media/pdf/2015/aldeni_melo_de_oliveira.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2020.

PAULA, Silvani S.; SALLES FILHO, Nei A.; **Educação para a paz: por uma pedagogia da convivência no cotidiano escolar**. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. 2014. V. I. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uepg_ped_artigo_silvani_silva_de_paula.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2020.

PINTO, Raquel Gomes; BRANCO, Angela Maria Cristina Uchoa de Abreu. O *Bullying* na perspectiva sociocultural construtivista. **Teoria E Prática Da Educação**, v. 14, n. 3, p. 87-95, 2011. DOI: <https://doi.org/10.4025/tpe.v14i3.18490>.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Mariana Vargas, São Lourenço do Sul, 2016.

REGIMENTO ESCOLAR (RE). Escola Municipal de Ensino Fundamental Professora Mariana Vargas, São Lourenço do Sul, 2016.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular Gaúcho**. Secretaria Estadual de Educação. Disponível em: <<http://www.ceed.rs.gov.br/conteudo/22275>>. Acesso em: 12 fev. 2020.

ROCHA, Jefferson M. da. **Sustentabilidade em questão**: Economia, sociedade e meio ambiente. Jundiaí, Paco Editorial: 2011.

ROCHA, Nilson D.; ROCHA, Jefferson M.; HAMMES, Lúcio J.; Educação Ambiental transformadora: epistemologia e prática educativa. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 33, n. 2, p. 268-285, maio/ago., 2016.

SALLES FILHO, Nei Alberto; SALLES, Virgínia Ostroski. Educação para a Paz: integrando a Extensão e a Pesquisa no Ensino Superior. **Revista UFG**, v. 19, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5216/revufg.v19.60703>

SALLES FILHO, Nei Alberto. Educação para paz: um caminhar no pensamento completo através de cinco pedagogias integradas e complementares. **Revista Polyphonia**, v. 27, n. 1, p. 137-153, 2016.

SANTOS, Boaventura S. **A cruel pedagogia do vírus**. Edições Almedina S/A. Coimbra, 2020.

SADALLA, Ana Maria F. A. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 419-433, set./dez. 2004.

SÃO LOURENÇO DO SUL. Lei n.º 3.331 de 09 de fevereiro de 2012. Estabelece o Plano de Carreira do Magistério Público Municipal.

SÃO LOURENÇO DO SUL. Lei n.º 3.237 de 27 de dezembro de 2010. Autoriza o Poder Executivo a Instituir a Gestão de Autonomia Financeira em Escolas de Ensino Fundamental do Município e dá outras providências.

SÃO LOURENÇO DO SUL. **Referencial Curricular de São Lourenço do Sul (RCSLs)**. Secretaria Municipal de Educação de São Lourenço do Sul. 2019.

SELAU, Bento; HAMMES, Lúcio Jorge. **Educação Inclusiva e Educação para a Paz: relações possíveis**. São Luis/MA: EDUFMA, 2009, 112p.

SILVA, Ludimila Oliveira; BORGES, Bento Souza. *BULLYING NAS ESCOLAS*. **Direito & Realidade**, v. 6, n. 5, p. 27-40. Disponível em: <<http://fucamp.edu.br/editora/index.php/direito-realidade/article/view/1279>>. Acesso em: 04 mai. 2020.

SILVA, Ana C. O; SOUSA, Shirliane A; MENEZES, Jones B. F. O ensino remoto na percepção discente: desafios e benefícios. **Dialogia**, São Paulo, n. 36, p. 298-315, set/dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/dialogia/article/view/18383>>. Acesso em: 15 mai. 2021.

SILVA, Ana Maria M. S.; TAVARES, Celma. A cidadania ativa e sua relação com a educação em direitos humanos. **RBPAE**, v. 27, n. 1, p.13-24, jan./abr. 2011.

SOUZA, Marisangela, Siqueira. **Mediação de Conflitos na escola**. Disponível em: <<http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/estude/60-cursos/15481-media%C3%A7%C3%A3o-de-conflitos-na-escola>>. Acesso em: 16 de nov. 2020.

SCHEFFER, Adriane V. K. TIGRE, Maria da Graça do Espírito Santo. Por uma educação pela não violência. In: Paraná. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. Curitiba: SEED/PR, 2007, v. 1 (Cadernos PDE). Disponível em:

<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2007_uepg_ped_artigo_adriane_valeria_kiszka_scheffer.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2020.

TIAGO, Luiz G. **Convivência**: a importância do respeito às diferenças no ambiente de trabalho. Disponível no site: <https://administradores.com.br/noticias/convivencia-a-importancia-do-respeito-as-diferencas-no-ambiente-de-trabalho>. Acesso em: 07 mai. 2020.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

UNESCO. **Educação para a cidadania global**: preparando alunos para os desafios do século XXI. Brasília: UNESCO, 2015.

UNESCO. **Educação para um futuro sustentável**: uma visão transdisciplinar para uma ação compartilhada. Brasília: ed. IBAMA, 1999.

VASCONCELLOS, Celso S. **Indisciplina e disciplina escolar**: fundamentos para o trabalho docente. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

VIDIGAL, Sônia M. P.; OLIVEIRA, Aluani T.; Resolução de Conflitos na escola: Um desafio para o educador. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 24, n. 3, p. 215-234, set./dez. 2013. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/issue/view/213/showToc>>. Acesso em: 11 mai. 2020.

VILARINHO, Alessandra; CAVANNA, Federico Alvez. **A cultura de paz no contexto escolar**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_fafipar_ped_artigo_alessandra_vilarinho.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2020.

ZEICHNER, Kenneth M.; PEREIRA, Júlio E. D. Pesquisa dos educadores e formação docente voltada para a transformação social. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 63-80, maio/ago. 2005.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (ESCOLA)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Solicito à Escola Municipal de Ensino Fundamental Prof.^a Marina Vargas, localizada na cidade de São Lourenço do Sul, a autorização para a realização da intervenção e utilização das imagens (fotos e vídeo) do prédio da referida instituição Escolar, na pesquisa intitulada “EDUCAR PARA A PAZ: REFLEXÕES PEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DO RS” sob responsabilidade da professora Cristiane de Souza Amaral Hax e com orientação do professor Dr. Jefferson Marçal da Rocha, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Pampa-UNIPAMPA.

Comprometo-me a seguir as normas e rotinas da escola, zelar pelo sigilo ético dos depoentes e dados obtidos da pesquisa. Haverá o compromisso de divulgação dos dados apenas em reuniões e publicações científicas com sigilo e resguardo ético da Instituição.

Informo que a pesquisa será realizada com a equipe diretiva, professores e comunidade escolar da EMEF Prof.^a Marina Vargas.

São Lourenço do Sul, 19 outubro de 2020.

Eliara Beatriz Westphal Conrad

Diretora da escola

Cristiane de Souza Amaral Hax

Responsável pela Pesquisa

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (PARTICIPANTES)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título do projeto: Educar para a paz: Reflexões pedagógicas em uma escola pública do RS

Pesquisador responsável: Cristiane de Souza Amaral Hax

Pesquisadores participantes: Jefferson Marçal da Rocha / Cristiane de Souza Amaral Hax

Instituição: Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA

Telefone celular do pesquisador para contato: (53) 991765700

E-mail: crisahax@hotmail.com e/ou jeffersonrocha@unipampa.edu.br

Prezado Responsável:

Esta pesquisa é desenvolvida no Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Pampa –UNIPAMPA – Câmpus Jaguarão, na linha de pesquisa “Política e Gestão da Educação”, que tem, por objetivo estimular os processos para a construção da cultura de paz possibilitando o desenvolvimento de ações pacíficas viabilizando uma transformação educativa no âmbito da comunidade escolar da EMEF Prof.^a Marina Vargas / São Lourenço do Sul/RS. Através de formação de professores e comunidade escolar, fundamentada na cultura de paz. Por meio deste documento e a qualquer tempo, o (a) senhor (a) poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo, tanto pessoalmente como por telefone, utilizando os números indicados pelo pesquisador. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento, sem sofrer nenhum tipo de penalidade ou prejuízo. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine, ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável. A proposta de trabalho

consiste na construção de estratégias para minimizar o adoecimento ocupacional dos professores que serão desenvolvidas em dez encontros em ambiente virtual, no período de agosto a dezembro de 2020. Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo e os dados da pesquisa serão armazenados pelo pesquisador responsável. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas, revistas, periódicos, sites ou outra forma de divulgação. Os resultados do referido projeto de intervenção, em seus diferentes aspectos, serão disponibilizados no relatório crítico reflexivo e a coordenação do Curso receberá uma cópia para ser arquivada no curso.

CIENTE E DE ACORDO

Participante da Pesquisa

Cristiane de Souza Amaral Hax
Pesquisadora

Jefferson Marçal da Rocha
Responsável pelo participante da pesquisa

São Lourenço do Sul, 19 de agosto de 2020

APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
CAMPUS JAGUARÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL**

Mestranda: Cristiane de Souza Amaral Hax
Orientador: Jefferson Marçal da Rocha

Questionário aplicado a Coordenadora Pedagógica da EMEF Prof.^a Marina Vargas

Prezado (a) professor (a), você é convidado(a) a participar de um questionário diagnóstico do projeto de pesquisa da mestranda do PPGEdu - Unipampa Campus Jaguarão, Cristiane de Souza Amaral Hax, sobre "A cultura de paz como prática educativa na EMEF Prof.^a Marina Vargas no município de São Lourenço do Sul/RS".

Nome:

Formação:

Tempo de Atuação:

- 1) Como funcionava o Projeto Patrulheiros da Paz na escola, quando iniciou e permanece até hoje?
- 2) Quando teve início o Projeto do Dia D e como era desenvolvido?
- 3) Quando iniciou o Projeto Família e Escola, como era desenvolvido, quais tipos de ações?

APÊNDICE D – TABELA ANOS INICIAIS

Turma	2018	2019	2020	Observações
2º Ano C	3	-	3	2018 – Bullying – Agressão Física 2020 – Bullying – Agressão Física
3º Ano A	-	42	-	2019 - Não fazem o tema
3º Ano C	43	52	2	2018 – Conversa durante explicações 2019 – Não fazem o tema
4º Ano A	9	-	3	2019 - Desrespeito com professores e colegas
4º Ano B	9	12	2	2018 – Desrespeito com professores e colegas 2019 – Bullying – Agressão Física e Não fazem o tema
4º Ano C	-	8	-	2019 - Conversa durante as explicações
5º Ano A	5	25	-	2019 - Desrespeito com professores e colegas
5º Ano B	-	-	4	2020 – Desrespeito com professores e colegas

APÊNDICE E – TABELA ANOS FINAIS

Tabela Anos Finais

Turma	2018	2019	2020	Observações
6º Ano A	33	49	18	2018 – Não realizam atividades propostas 2019 – Não realizam atividades propostas 2020 – Não realizam atividades propostas e Brincadeiras Inadequadas na Sala
6º Ano B	6	49	1	2018 – Brincadeiras Inadequadas na Sala, Não trazem material e Não realizam atividades propostas 2019 – Não trazem material
6º Ano C	38	19	10	2018 – Brincadeiras Inadequadas na Sala 2019 – Brincadeiras Inadequadas na Sala, Não realizam atividades propostas e Não trazem material 2020 – Não realizam atividades propostas e Brincadeiras Inadequadas na Sala
6º Ano D	-	61	-	2019–Brincadeiras Inadequadas na Sala e Conversa durante as explicações
7ºAno A	20	54	7	2018 – Não trazem material 2019 – Conversa durante as explicações 2020 – Conversa durante as explicações e Desrespeito com professores e colegas
7º Ano B	31	21	2	2018 – Não realizam atividades propostas 2019 – Conversa durante as explicações

7º Ano C	24	43	8	2018 – Conversa durante as explicações 2019–Conversa durante as explicações 2020 – Brincadeiras Inadequadas na Sala
8º Ano A	6	16	3	2018 – Não realizam atividades propostas 2019 – Conversa durante as explicações
8º Ano B	23	44	3	2018 – Conversa durante as explicações 2019–Conversa durante as explicações
9º Ano A	18	4	-	2018 – Não realizam atividades propostas 2019 – Não realizam atividades propostas
9º Ano B	27	19	3	2018 – Conversa durante as explicações e Não realizam atividades propostas 2019 – Conversa durante as explicações 2020 – Conversa durante as explicações

APÊNDICE F – TABELA DAS INTERVENÇÕES

Data	19/08/2020
Tema	Apresentação do Tema e o desenvolvimento dos encontros
Objetivo	Apresentar a dinâmica dos encontros aos participantes
Desenvolvimento	Plataforma utilizada: Zoom Apresentação do Mestrado e do Protocolo do termo livre esclarecido. Educar para a Paz na escola em estudo.
Observações	Convidado: Prof.º Jefferson Marçal da Rocha

	(Unipampa)
Data	03/09/2020
Tema	Bullying: Acontece na sua escola?
Objetivo	Proporcionar momentos de diálogo e reflexão sobre o tema.
Desenvolvimento	Plataforma utilizada: Meet (até o último encontro) Apresentação de Slide com material abordando o tema, diálogo durante a apresentação estabelecendo relações com as práticas pedagógicas
Data	24/09/2020
Tema	Marcos da Convivência (Xesús Jares)
Objetivo	Reforçar a importância de abordar dos “Marcos da Convivência” junto à comunidade escolar.
Desenvolvimento	Diálogo sobre o primeiro capítulo do Livro “Pedagogia da Convivência” do autor Jares, abordando os Marcos da Convivência.
Data	05/10/2020
Tema	Valores Humanos
Objetivo	Aprofundar o conhecimento sobre a Cultura da Paz envolvendo os valores humanos
Convidado	Professor Nei Alberto Salles Filho, discente da Universidade Estadual de Ponta Grossa/Paraná e Coordenador do Núcleo de Educação para a Educação para a Paz da UEPG
Desenvolvimento	Apresentação de slide pelo Professor Nei, abordando “Educação para a Paz” e diálogo no decorrer do

	encontro.
Data	22/10/2020
Tema	Cultura de Paz
Objetivo	Compreender a importância da cultura de paz envolvendo a comunidade
Convidado	Professor Lúcio Jorge Hammes (Unipampa/Campus Jaguarão)
Desenvolvimento	Professor Lúcio Jorge Hammes (Unipampa/Campus Jaguarão) explanou brevemente sobre a sua trajetória profissional e como realiza seus estudos sobre a Cultura de Paz. Inicialmente apresentou um material com informações sobre a busca pela paz, envolvendo escola, família e comunidade, onde alegou que a paz nunca se alcança, estamos sempre em busca, pois ela coloca-se como horizonte para nós.
Data	09/11/2020
Tema	Sustentabilidade para a paz?
Objetivo	Proporcionar momentos de reflexão e diálogo sobre a sustentabilidade para a paz
Convidado	Professor Jefferson Marçal da Rocha (Unipampa/Campus São Gabriel)
Desenvolvimento	Apresentação de slide com o tema “ <i>Sustentabilidade para a paz?</i> ”, versando sobre a questão ecológica, social e ambiental, buscando refletir sobre crise social estabelecendo relações com a paz, demonstrando exemplos atuais.
Data	18/11/2020

Tema	Mediação e Conflitos Escolares
Objetivo	Proporcionar um estudo sobre o desenvolvimento das mediações desenvolvidas no cotidiano escolar, considerando os diferentes conflitos escolares.
Desenvolvimento	Apresentação de slide para direcionar o diálogo envolvendo o tema abordado, dialogando e estabelecendo relações com a prática pedagógica e as possíveis ações a partir da reflexão do estudo.
Data	03/12/2020
Objetivo	Proporcionar momentos para de maneira coletiva organizar a compilação dos dados obtidos durante os encontros
Desenvolvimento	Diálogo coletivo para compilar os dados, bem como a apresentação da nova proposta de construção – um pequeno vídeo no lugar do Protocolo de Cultura de Paz. O vídeo seria um recurso pedagógico contendo depoimentos dos participantes, bem como uma breve teoria sobre a educação e cultura de paz.
Observação	O nono encontro foi realizado a avaliação geral dos encontros, através do Google Forms, sendo assim não teve encontro virtual.
Data	21/12/2020
Tema	Socialização dos encontros
Objetivo	Socializar o estudo desenvolvido durante os nove encontros
Convidados	Professor Jefferson Marçal da Rocha Professor Lúcio Jorge Hammes

	Professor Nei Alberto Salles Filho
Desenvolvimento	Apresentação do vídeo criado a partir do estudo desenvolvido nos encontros de intervenção. Após diálogo sobre todo o processo desenvolvido.